

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUCRS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – FAMECOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL – PPGCOM

Lucas Osório Rizzatti

POR QUE BARBOSA?
O papel das tecnologias do imaginário sobre
o vilão da Copa de 1950 no Jornal dos Sports

Porto Alegre
2017

Lucas Osório Rizzatti

POR QUE BARBOSA?
O papel das tecnologias do imaginário sobre
o vilão da Copa de 1950 no Jornal dos Sports

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre no Curso de Mestrado em Comunicação Social.

Orientadora: Prof^ª Dra. Juliana Tonin

Porto Alegre
2017

POR QUE BARBOSA?
O papel das tecnologias do imaginário sobre
o vilão da Copa de 1950 no Jornal dos Sports

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de mestre no Curso de Mestrado em Comunicação Social.

Prof. Dr. Álvaro Nunes Larangeira – UTP

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva – PUCRS

Orientadora: Prof^ª Dra. Juliana Tonin

Porto Alegre
2017

Ficha Catalográfica

R627p Rizzatti, Lucas Osório

Por que Barbosa? O papel das tecnologias do imaginário sobre o vilão da Copa de 1950 no Jornal dos Sports / Lucas Osório Rizzatti . – 2017.

141 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Tonin.

1. Comunicação. 2. Tecnologias do imaginário. 3. Jornalismo Esportivo. 4. Copas do Mundo. I. Tonin, Juliana. II. Título.

RESUMO

Este trabalho procura uma reflexão do papel das tecnologias do imaginário sobre a figura do vilão da Copa do Mundo de 1950, disputada no Brasil. Tomamos como ponto de partida que o goleiro Barbosa centraliza o imaginário do vilão e, a partir daí, busca-se compreender como se chegou a tal cenário e o quanto as tecnologias disponíveis agiram nesse sentido tendo como foco de pesquisa as edições do Jornal dos Sports de 1950, desde que o Brasil perdera para o Uruguai por 2 a 1 na partida decisiva. O trabalho se apoia nas noções de sociologia compreensiva e tecnologias do imaginário, além de aspectos voltados ao jornalismo esportivo, sobretudo brasileiro.

Palavras-chave: Comunicação – Tecnologias do Imaginário – Jornalismo Esportivo – Copas do Mundo

ABSTRACT

This research seeks understanding the role played by the imaginary technologies over the figure of the 1950 World Cup major villain. The starting point is the goalkeeper Barbosa who centralizes the imaginary of the villain. The analysis developed presents how such technologies acted in order to establish this scenario, focusing on the published editions of "Jornal dos Sports" since the decisive match involving Brazil and Uruguay. The study is based on the interpretative sociology and the imaginary technologies, including aspects towards the sports journalism, mainly the Brazilian one.

Keywords: Communication – Imaginary Technologies – Sports Journalism – World Cup

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2 SOCIOLOGIA COMPREENSIVA COMO METODOLOGIA	12
2.1 NOÇÕES DE SOCIOLOGIA COMPREENSIVA.	12
2.2 MODERNO, PÓS-MODERNO E TECNOLOGIAS.	20
3. IMAGINÁRIO, TECNOLOGIAS E JORNALISMO	25
3.1 IMAGINÁRIO A PARTIR DE DURAND	25
3.2 TECNOLOGIAS DO IMAGINÁRIO E JORNALISMO.....	32
4. OLHARES SOBRE O JORNALISMO ESPORTIVO BRASILEIRO.	42
4.1 O CRESCIMENTO DA CRÔNICA ESPORTIVA.	42
4.2 A “INVENÇÃO” DO FUTEBOL BRASILEIRO.....	48
4.3 PONDERAÇÕES SOBRE NOVAS ROTINAS.....	61
5. A IMPRENSA BRASILEIRA E AS COPAS DO MUNDO	66
5.1 MARACANAZO: TRAGÉDIA QUE ERGUEU UMA TRADIÇÃO	66
5.2 TRATAMENTO DADO AO VILÃO APÓS 1950.	76
5.3 A COPA DO MUNDO DE 2014.....	83
6. ANÁLISE DO VILÃO BARBOSA NA IMPRENSA EM 1950	92
6.1 APRESENTAÇÃO DO <i>CORPUS</i> DA ANÁLISE.....	92
6.2 DESCRIÇÃO DA COLETA DE DADOS	93
6.3 INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	115
6.4 AS TECNOLOGIAS E A CONSTRUÇÃO DE BARBOSA.	126
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	139

1. INTRODUÇÃO

Um evento da importância de uma Copa do Mundo é capaz de ir muito além dos resultados de dentro de campo. No que diz respeito ao futebol, a Copa do Mundo pode ser compreendida como uma grande feira em que são expostas as novidades do planeta sobre o esporte. A partir dela, são conhecidas novas formas de se jogar futebol, surgem novos craques e se constroem tendências que se renovam, a cada quatro anos, periodicidade da Copa do Mundo desde 1930 – deixaram de ocorrer apenas duas edições devido à Segunda Guerra Mundial. Recomeçaria justamente no Brasil, em 1950.

A Copa do Mundo também pode ser um divisor de águas de outras instâncias interessadas em seu sucesso. A busca por contar as histórias do campeonato que mais interessa ao universo do futebol também pode ajudar a imprensa a se aperfeiçoar – como veículo de informação em si e também como negócio da comunicação. Por meio das coberturas de Copas do Mundo, podemos compreender melhor as fases do jornalismo esportivo e, por que não, um pouco do mundo ao seu redor em cada época. A Copa do Mundo é, pois, uma grande feira de exposições também para a imprensa.

Em suma, é o interesse em relacionar coberturas midiáticas a respeito do futebol que se buscará aqui o estudo de Copas do Mundo e do jornalismo esportivo brasileiro, por meio de reflexões sobre as tecnologias do imaginário na cobertura da derrota da seleção brasileira em 1950. Antes do ingresso efetivo na introdução ao objeto de estudo, vejo como necessária uma explicação anterior, da motivação pessoal que suscitou o trabalho.

Para se chegar ao estudo da Copa de 1950, contou-se com o interesse particular sobre as histórias relacionadas a essa edição do Mundial e também à cobertura da última Copa do Mundo, de 2014, com sede no Brasil, assim como fora seis décadas antes. Trabalhando no evento, surgiu a oportunidade de cobrir a seleção uruguaia durante sua preparação em Montevideu, além de acompanhá-la em todos os locais pelas quais passou no nosso país. Estar perto dos uruguaiois despertou ainda mais a importância que a Copa de 1950 teve para os envolvidos.

A seleção uruguaia venceu a primeira e única – até 2014 – Copa do Mundo em solo brasileiro. Foi em 1950 e com contornos épicos e dramáticos. O Brasil nunca havia conquistado um Mundial, disputara os outros três anteriores com resultados pouco expressivos a não ser o terceiro lugar de 1938. Havia uma esperança de que a falta de títulos terminasse exatamente na edição caseira. O Brasil foi eleito como a casa da Copa muito devido a uma Europa em decadência econômica após a Segunda Guerra Mundial. E tentou

fazer bonito, ao erguer o então maior estádio do Mundo, o Maracanã. É verdadeiro que o estádio não ficou completamente finalizado a tempo. A história, no entanto, pouco menciona a presença de andaimes e superlotações assustadoras. Até porque o mais marcante aconteceria dentro de campo.

Após uma campanha quase irrepreensível, com goleadas históricas sobre seleções fortes como Suécia e Espanha, o Brasil seria campeão, na última partida, com apenas um empate diante de um Uruguai em crise, que quase não fora à Copa – os jogadores estavam descontentes com os salários em seus clubes e se consideravam “escravos”, só aceitando disputar o Mundial após um acordo com as autoridades do futebol do país. O domingo de 16 de julho de 1950 ficou gravado para sempre na memória esportiva mundial. O Brasil fez o primeiro gol da partida, mas permitiu a virada do Uruguai, que venceria por 2 a 1 e se tornaria campeão mundial pela segunda vez, a primeira fora em 1930.

Sempre houve a certeza de que o ano de 1950 jamais terminara, para uruguaios e brasileiros, para vencedores e vencidos. Os uruguaios, por exemplo, batizaram a partida com aumentativo, de Maracanazo, termo até hoje usado pelos dois lados. Eles também ainda se divertem com o “Fantasma de 1950”. E não escondiam o sonho de repetir o mesmo roteiro e assombrar o Brasil mais uma vez, só que 64 anos depois, na segunda Copa do Mundo no país.

A maioria dos uruguaios se apoiava nessa mística do Maracanazo para acreditar em coisas boas no Mundial no Brasil. Há algo imutável na cultura futebolística do Uruguai: vive-se o 16 de julho de 1950 todos os dias, a ponto de a multinacional Coca-Cola personalizar a propaganda sobre a Copa no Uruguai. A peça publicitária da marca de refrigerante foi até a Avenida Brasil, em Montevideú, e colocou uma segunda placa de endereço na frente de cada domicílio. Nela, estava escrito: “1950 bis”. Impressionante que, ao abrir a porta de suas casas, os uruguaios entendiam no ato o significado da brincadeira. E se emocionavam. Antes de jogos amistosos do Uruguai em Montevideú, visando à preparação para a Copa, multiplicavam-se faixas com lembranças a 1950 e, sobretudo, pessoas vestidas de fantasmas, em alusão ao “Fantasma de 1950”. Os próprios jogadores do Uruguai entrevistados também citavam, sem muito estímulo da reportagem, a áurea que a Copa de 1950 ainda tinha e sua capacidade de motivá-los no Brasil.

História é, aliás, a palavra que parece mover os uruguaios no campo futebolístico. Os uruguaios têm orgulho de seu jeito de jogar futebol, replicado por meio das décadas e dos discursos de garra e luta. Parecem diferentes, mas, na verdade, reservam semelhanças com os brasileiros. Os brasileiros, por óbvio, são apaixonados por futebol, a ponto de se proclamarem

oriundos do “país do futebol”. Os números ajudam, uma vez que, depois do trauma de 1950, a seleção brasileira se tornaria pentacampeã mundial. Chegar a cinco títulos, algo inédito até hoje, não significa que o trauma de 1950 tenha sido plenamente suplantado. Bastou a confirmação da realização da segunda Copa no Brasil e da classificação do Uruguai para o evento para surgir uma espécie de sentimento nacional de alerta. O Brasil não poderia novamente tropeçar jogando em casa. Muito menos se cruzasse mais uma vez pelo caminho do Uruguai, como havia acontecido havia 64 anos. Ou seja, mesmo que num tom menos intenso, o brasileiro ainda não tinha esquecido 1950.

E o brasileiro? Como lida com a partida que, para ele, conserva ares de tragédia? Ao contrário do uruguaio, que ainda tinha Ghiggia vivo em 2014 (morreria em 2015 exatamente no aniversário do Maracanazo), o brasileiro já vira morrer todos os personagens que estiveram em campo. Não há dúvida de que a figura mais “viva” de todos esses ex-jogadores marcados por uma derrota era Moacyr Barbosa, o goleiro de 1950, último a morrer, em 2000. Boa parte do que se entende do imaginário da derrota da seleção brasileira está concentrada em Barbosa, amargurado até seus últimos dias com o carimbo de vilão colocado sobre sua biografia vencedora – até aquele domingo no Maracanã, quando viria a falhar (ou não?) no gol de Ghiggia. Para essa conclusão, não é necessária uma consulta tão voraz a livros e especialistas. A própria vivência de um brasileiro comum adorador de futebol, a despeito da idade, é suficiente para se entender tal cenário no cotidiano, seja justo ou não. Esse impacto diante de um grande evento ocorrido há muitos anos se dá por uma mediação, pelo contato com o material produzido na época, sobretudo oriundo dos veículos de comunicação.

A intenção agora é tentar colocar essas sensações e sentimentos como problema de pesquisa em relação à Copa de 1950. O objetivo do estudo é compreender o papel das tecnologias então vigentes para a construção de um determinado imaginário sobre o vilão da derrota brasileira para o Uruguai.

Surgem, portanto, alguns conceitos importantes para o trabalho, principalmente tecnologias e imaginário, que se encontram, em termos de teoria, na expressão tecnologias do imaginário, a ser esmiuçada mais adiante. Depois, o vilão também é fundamental, pois deverá funcionar como uma ferramenta para materialização de algumas ponderações teóricas que serão realizadas sobre o imaginário. Os meios de comunicação de massa igualmente têm relevância durante o estudo.

Aponta-se a sociologia compreensiva enquanto alavanca metodológica, uma vez que propicia um tratamento acadêmico menos redutor e mais generoso, diante de um tema

bastante complexo, que é o imaginário. No próximo capítulo, será feita uma apresentação da sociologia compreensiva, baseada nas ideias de Michel Maffesoli. Entende-se ser fundamental colocá-la logo nos primeiros parágrafos porque, assim, será possível justificar a forma com a qual se pretende argumentar e estruturar obras e autores. Ou seja, sempre sob ponto de vista do pensamento compreensivo, respeitando a relevância do conhecimento do cotidiano, da sociedade e mesclando-os com referenciais teóricos, sobretudo a já citada noção de tecnologias do imaginário, expressão cunhada por Juremir Machado da Silva.

Conceituar imaginário já seria desafio suficiente. Para isso, recorreremos a Gilbert Durand. De antemão, vale reforçar que muito dessas sensações e manifestações de torcedores citadas anteriormente, tanto de uruguaio quanto de brasileiros, aproxima-se muito do que podemos entender como imaginário que emana de um evento, no caso, uma cobertura esportiva. Durand será importante para o referencial teórico sobre imaginário, mas também a respeito da bacia semântica, conceito fundamental para o entendimento da vida útil de um imaginário.

Depois, abrem-se as reflexões a respeito do jornalismo propondo o primeiro recorte temporal que parece interessante, quando o jornalismo passa a adquirir um viés comercial. É nesse momento que a prática jornalística se propõe a atrair consumidores e, na busca por seduzi-los, engendra modelos de se apresentar e aposta em assuntos mais atrativos. Após isso, será abordado o jornalismo esportivo brasileiro, encarado aqui em seu cerne, como uma espécie de jornalismo sedutor e capaz de fisgar leitores, consumidores e sustentar os periódicos.

Um dos pontos cruciais a ser discutido é o ponto de virada da imprensa esportiva no país, quando ela passará a seguir uma tendência de estilo e conteúdo diante da influência de Mário Filho, personagem também importante no momento da Copa de 1950. Na busca da compreensão de sua figura, será analisada sua obra de maior relevo e situá-la, independentemente de aprová-la ou não, como balizadora de conceitos que se enraizariam no fazer jornalístico e, por consequência, no imaginário a respeito do futebol brasileiro. Com Mário Filho, surgem questões que acompanham o futebol brasileiro até hoje, desde a técnica de redação, como elementos que transcendem a cobertura jornalística, como o racismo no esporte e que igualmente pode vir a ter impacto no personagem Barbosa e em todo o imaginário que o circundou desde então.

O capítulo seguinte traz, de maneira mais direta, as questões relativas à Copa do Mundo de 1950. É nesse momento que irrompe com mais frequência a figura do vilão como

ferramenta para compreensão do papel das tecnologias do imaginário, que cristalizariam determinada aura de um acontecimento, seja por meio de expressões, seja por meio de imagens.

Na parte final, de coleta de dados e análise, o trabalho se dedicará à exploração do material a respeito da Copa do Mundo de 1950 encontrado no *Jornal dos Sports*, durante determinado intervalo de tempo. Convém lembrar que, naquele período, a televisão ainda não havia sido inaugurada oficialmente, existindo de maneira plena à população o rádio, o jornal e o cinema. O jornal será o referencial da análise, que também levará em conta eventuais influências dos outros dois.

Parte-se da ideia de que o jornal é uma tecnologia do imaginário e, com isso, serão perseguidos elementos que mostrem o papel dessa publicação sobre a figura do vilão no Mundial daquele, que está pressuposto ser Barbosa pelo imaginário que perpassa décadas, em que se tem o goleiro como personagem intimamente vinculado à derrota do Brasil para o Uruguai.

Poderíamos ter outro imaginário sobre a Copa de 1950 se tivéssemos acesso a mais imagens de vídeo, mais fotografias e mais relatos? Seria o goleiro Barbosa o nome a povoar a mente de todos como um dos responsáveis pela perda do título? Teria sido ele um produto das tecnologias ou realmente seu rótulo de culpado estava já consolidado e à margem dessa discussão? O quanto o jornalismo impacta o fato que cobre? Realmente a cobertura jornalística desvela ou cria mais obstáculos? Informa ou conta uma versão? São questões que o presente trabalho tentará discutir.

2 SOCIOLOGIA COMPREENSIVA COMO METODOLOGIA

2.1 NOÇÕES DE SOCIOLOGIA COMPREENSIVA

Neste início de capítulo, serão apresentadas algumas das noções principais a respeito da sociologia compreensiva, metodologia da qual se pretende lançar mão neste trabalho. Michel Maffesoli, sociólogo francês nascido em 1944, dedica-se a estudar a sociologia sob ponto de vista do imaginário, do cotidiano, do viver. Ou seja, provoca uma espécie de ruptura com o que a sociologia tradicional postula enquanto ciência e conhecimento. Como este trabalho procura levar em conta o imaginário que pode emanar de uma cobertura midiática, Maffesoli surge como um autor importante. Afinal, ele confere ao imaginário, conceito tão relegado e encarado como nefasto no processo científico, um papel de protagonismo para se entender um determinado objeto de estudo.

O autor se baseia em um de seus mestres, Gilbert Durand, para trabalhar essa ideia e tantas outras. Em breve, Durand também será apresentado. Maffesoli reforça, sempre que possível, o quanto o caráter etéreo e lúdico do imaginário vem sendo alijado do pensamento científico e propõe a sua inclusão por meio da sociologia compreensiva. A necessidade de se levar em conta o imaginário nos estudos científicos tem total relação com o mundo em que vivemos hoje, sugere Maffesoli. Estamos inseridos na pós-modernidade, outra noção-chave do autor. É o momento do querer-viver e não mais do dever-ser. É a era do "viver dionisíaco", em que as pessoas se conectam por meio da imagem.

Nessa sua empreitada a favor do pensamento coletivo, Maffesoli traz à tona a ideia do tribalismo para defender que o imaginário individual, na verdade, corresponde ao imaginário de um grupo em que o indivíduo se insere. Essas três noções desembocam no grande pano de fundo que deveria ser a pesquisa na sociologia, de acordo com Maffesoli. Ou seja, o entendimento de que o cotidiano das pessoas está carregado do saber empírico, o conhecimento comum.

É importante sublinhar que a sociologia compreensiva não é a única a estudar o imaginário. Mas também é verdadeiro afirmar que Maffesoli se constitui hoje, com a sociologia compreensiva, num dos principais teóricos a respeito do imaginário (LEGROS et al, 2014). Maffesoli faz parte da geração contemporânea de estudiosos da sociologia do imaginário que se desenvolveu sobretudo na França a partir dos anos 1970, com base no tecido teórico costurado por Durand na década anterior. Maffesoli tem, por exemplo, uma

posição mais otimista em relação ao mundo em que vivemos e a possibilidade de apropriação dos imaginários enraizados na sociedade. Ao contrário de outros teóricos, como Baudrillard, que veem na sociedade de consumo uma espécie de geradora de uma ditadura do imaginário (LEGROS et al, 2014).

Antes do ingresso efetivo em pressupostos sobre imaginário, serão expostas ideias da sociologia compreensiva de Michel Maffesoli que visam a romper com a forma tradicional de se olhar para um objeto de estudo. Acredita-se que, assim, é possível encontrar uma saída teórico-metodológica capaz de dar conta da questão do papel das tecnologias do imaginário em relação ao vilão da Copa de 1950.

Pretende-se respeitar tais pressupostos durante todo o presente trabalho, desde a forma de apresentar textualmente as questões até a coleta de dados para as fases seguintes de análises mais objetivas. Importante reforçar que a base do pensamento do referido autor foi retirada da obra “O Conhecimento comum, introdução à sociologia compreensiva”.

Cotidiano

Nos séculos anteriores, viveu-se sob a égide do positivismo, que colocava a ciência como sinônimo de um mundo melhor. Maffesoli não acredita que o progresso científico tenha melhorado a vida das pessoas de forma automática. Até porque, em sua visão, o positivismo estuda o mundo como se este fosse um objeto estranho, como se o próprio pesquisador não pertencesse a ele. Por isso, o autor entende a sociologia compreensiva como uma “sociologia do lado de dentro” (MAFFESOLI, 2010, p. 27) e convida o pesquisador a apostar na empatia, não na abstração ou no isolamento.

Dentro da ideia de empatia, encontram-se outras noções bastante apartadas da pesquisa dita como convencional. Maffesoli opta por mergulhar no desconhecido e no mistério do “querer-viver social”, em vez do “dever-ser social”. Desse “querer-viver social”, é possível apreender que existe uma expectativa de ordem do saber. Isso porque o conhecimento primário e seminal não está na academia ou nos livros de escritores e pesquisadores. O conhecimento, segundo ele, parte da sociedade. Ou melhor da “socialidade”, que é a alma da sociedade, o conhecimento que emana das conversas de bar, das relações de trabalho, em suma, do cotidiano das pessoas. Para Maffesoli, o senso comum também é conhecimento. Ou melhor, é o conhecimento norteador de todo o resto, inclusive do que se entende por saber erudito.

Segundo Maffesoli, a modernidade engessou os esquemas do saber, sempre em busca

do conhecimento unificado. Na sua concepção, a ciência não reside apenas na formulação de conceitos gerais para aplicação no indivíduo. Pelo contrário, é o indivíduo comum, dentro de sua história de vida, que poderá ajudar a costurar a colcha de retalhos de uma socialidade. “O conhecimento do sociólogo deve se apoiar no senso comum dos homens” (MAFFESOLI, 2010, p. 228).

Chegou o momento, diz Maffesoli, de entender o mundo não somente do viés político ou econômico, colocando esses aspectos como partes a mais. No entanto, faz-se necessário sublinhar que é a experiência do mundo que surge como a “alavanca metodológica”. A experiência do pensamento, ou seja, a formatação do que fora vivido surge depois com o objetivo de realçar a primeira experiência. Sai de cena, portanto, o “racionalismo estático” para tentar se compreender o mundo com uma “racionalidade aberta”. O pensamento intuitivo pode ser tão útil quanto uma fórmula. Para o autor, outras noções, como afeto e paixão, também podem servir de ferramentas metodológicas. Em suma, busca-se o equilíbrio entre a razão com o que o instinto, a emoção e a consciência podem oferecer.

Pretende-se, a partir de agora, relacionar algumas noções da sociologia compreensiva com o objeto do presente estudo. Para começar, por exemplo, torna-se relevante valorizar a experiência do cotidiano para se elaborar a premissa de que Barbosa se transformou, sim, no grande vilão da Copa do Mundo de 1950. Isso é possível aferir pela quantidade de materiais midiáticos (reportagens, filmes, documentários, livros e até casos de veracidade não confirmadas e com feições de lenda) sobre o ex-goleiro e a derrota para o Uruguai. Tal constatação advém da experiência pessoal, do contato paulatino com conteúdos dessa natureza, bem como a convivência com mais pessoas que nutrem o mesmo sentimento.

Ou seja, é necessário levar em conta o cotidiano, o que vem de fora do ambiente dos livros e da academia de uma maneira tradicional. O primeiro contato além da erudição é o que move a pesquisa desde o início. Agora, compreender o papel das tecnologias do imaginário para a figura do vilão de Barbosa e se ele acabou prejudicado por elas, tornando-se mais um produto da imprensa da época ou não, são hipóteses e questões a serem resolvidas com o auxílio das ferramentas metodológicas da sociologia compreensiva.

Vitalismo

Levar em conta o “dado mundano”, portanto, significa um novo olhar no que diz respeito à sociologia mais tradicional. Maffesoli pretende chegar a um relativismo metodológico, uma vez que não há saber absoluto, como se perseguia com o positivismo e o

pensamento científico tradicional. “A heterogeneidade mundana nos interdita o acesso ao saber absoluto” (MAFFESOLI, 2010, p. 66), completa. O relativismo sociológico é, para o autor, uma forma de investigação que permite apreender melhor a riqueza da experiência social. Há dois sustentáculos dessa experiência e ambos precisam ser analisados: não apenas o inteligível, mas também o sensível. Esse último introduz na análise social as dimensões míticas e imaginárias.

O jornalismo, o qual será detalhado mais à frente, tem muito desse dado mundano arraigado em sua rotina. Sobretudo no que se torna produto na ponta final, a notícia. A forma com que determinadas expressões, fotografias ou vídeos podem ser utilizados têm chance de provocar reações sobre o público, que, por sua vez, podem reforçá-los. É fundamental, ao se analisar um conteúdo jornalístico sob ponto de vista acadêmico, relacionar o que se produziu com o contexto da época e o que essa produção pode ter provocado como resultados a médio e longo prazos. Além disso, entender essa produção como algo passível de erro, de exagero, de mau julgamento. Faz-se necessário ter um olhar mais humano para os documentos históricos. O dado mundano da Copa de 1950 pode estar nesses documentos históricos, diante de um comentário, uma crônica, uma fotografia ou interação de jornalistas com o público. Pois, ao fim e ao cabo, estão ambos envolvidos nessas questões relativas ao mito, ao imaginário, à busca do herói, do vilão e de uma espécie de aura coletiva que procure explicar o grande evento de uma maneira coerente.

Nessa mesma linha, Maffesoli dedica boa parte de suas reflexões para reinserir a ideologia como elemento fundamental. Tratada comumente como algo inferior, assim como todas as representações, a ideologia, na sua visão, é capaz de despertar ou antecipar os anseios em relação à ciência. Trata-se de uma ideia citada anteriormente, baseada na crença de que conhecimento social se manifesta antes do pensamento científico. Por exemplo, a paixão move a vida na socialidade e prepara o terreno para as teorizações e realizações.

Noção muito comentada por Maffesoli, o “vitalismo” é oriundo desse pensamento, uma vez que são as construções intelectuais secundárias em relação à própria existência e às ideologias imaginativas. Encaixa-se na busca pela relativização do conhecimento científico, colocando como um produto da efervescência do viver, das ideologias, do não lógico, das representações imagéticas que emanam todo o imaginário que move determinado setor da socialidade. Em suma, é a valorização do empirismo, do que se vivenciou.

Nada como o próprio futebol, mais especificamente um jogo decisivo de Copa do Mundo, para se extrair um exemplo bastante fiel a respeito do vitalismo. Ali, moram o não

lógico, a representação imagética, o imaginário, todos surgindo de forma contundente. E todos capazes de fomentar uma história que prescindem de uma explicação científica, que se contenta com o que há de mais próximo à experiência vivida e sentida. O silêncio do Maracanã após o gol de Ghiggia em 1950, por exemplo, foi sentido por todos e reverberado pelas crônicas e reportagens nos anos que se sucederam na crônica esportiva brasileira. O silêncio, um elemento tão vital e que acabou se tornando uma espécie de símbolo da perplexidade de uma plateia diante de uma tragédia inesperada.

O exemplo do silêncio se conecta ao que Maffesoli entende, não só no vitalismo, mas em toda as suas reflexões a respeito do imaginário e de seu estudo por meio da sociologia compreensiva. É necessário entender tais fenômenos como construções coletivas. Que nascem da perseguição natural de as pessoas se conectarem, com outras pessoas, mas também com fatos, memórias, acontecimentos. É o que ele denomina “ser/estar com”. A inteligência está no coletivo e caberá à sociologia compreensiva analisar os fenômenos de maneira interpretativa.

Eis uma outra porta aberta por Maffesoli. Para o autor, o mais importante reside nas questões e dúvidas a ser suscitadas do que realmente nas respostas. Maffesoli se mostra completamente refratário a modelos estabelecidos de antemão, como uma receita de bolo, em que os objetos de estudo só precisam achar a forma ideal para responder determinadas perguntas, encerrando o assunto, mesmo que o conhecimento se torne raso.

Formismo

No lugar do comodismo da forma, então, Maffesoli propõe o “formismo”. Essa noção se assenta em três ideias iniciais: é com o formismo que se apreende a exuberância do social, pois se contenta em dizer algo sobre seu tempo e por não formular imperativos categóricos limitadores (MAFFESOLI, 2010, p. 114). Segundo o autor, o formismo não limita e difere do formalismo, que, por sua vez, tenta conferir sentido a tudo. Está aberto a receber outros parâmetros antes não cogitados para a pesquisa. Ou, como sugere o autor, o formismo é generoso.

Maffesoli compara o formismo a uma moldura de um quadro. Ela apenas sustenta a obra, mas não pode interferir ou ditar o ritmo nas pinceladas, nos tons, no que está sendo produzido na tela em si. De acordo com o autor, assim é possível respeitar o efêmero e as banalidades da vida cotidiana. Pois, aqui, o banal pode vir a ser fundamental e não pode ser excluído na interpretação. O formismo “privilegia o movimento” (2010, p. 124). E reforça as aparências uma vez que as representações são mecanismos preponderantes no imaginário. É o

“parecer” que dá densidade e confere pluralismo à existência, por meio do mistério, do sonho, do dionísico. Do irreal pode se apreender o real, na sociologia compreensiva.

O formismo será útil em relação à Copa de 1950, pois, estando aberto a outros parâmetros, permite uma análise generosa do material produzido à época. Um material difuso e pleno de movimento, que pode oscilar em relação a informações no que diz respeito ao vilão do jogo final entre Brasil e Uruguai. Uma charge, um comentário, uma declaração de um torcedor, tudo pode merecer destaque na tentativa de reconstituição de um imaginário a respeito de um grande evento. Neste ponto, as representações ganham protagonismo. É sobre as representações que os imaginários encontram a oportunidade de se perpetuar. A representação da derrota do Brasil em 1950 por meio de um personagem vestido de fantasma, por exemplo, pode permitir inúmeras inferências sobre o imaginário daquela partida, o impacto em uma coletividade e até a forma como que a imprensa se apropriou dessa representação ou se, ao contrário, partiu dela a reprodução dessa representação.

Essa nova proposta do formismo desvelou palavras como efêmero, banalidades, aparências, cotidiano. Todos esses vocábulos estão carregados da sensação do presente, do “aqui e agora”. Para Maffesoli, a sociologia é isso mesmo, trata-se da “estética do instante”. Por isso, não poderia aceitar fórmulas prontas porque só vale a análise de um momento específico, que ajudará a compreender uma dada coletividade. Assim como não aceita uma verdade absoluta e irrefutável. Prefere a “verdade aproximativa”, baseada na verossimilhança, além do já citado relativismo, que visa a apreciar o acontecimento em si mesmo.

O próprio autor admite que essas questões relativas ao presente e ao acontecimento, entre outras, possam sugerir certa contradição. Afinal, a proposta é evitar o reducionismo e estamos falando de análise do efêmero. Bem como estamos falando de interpretar um acontecimento, porém com a pretensão de ser holístico. Como resolver esse quebra-cabeça metodológico? Maffesoli diz que o objetivo é conhecer o social partindo do mistério da especificidade de cada um. Vale lembrar que a sua ideia de tribalismo carrega essa mesma vontade, de que o imaginário de uma pessoa, na verdade, transcende e corresponde a características grupais.

A consistência individual advém de um conjunto, o “pluralismo”. Assim, é possível compreender o social a partir do específico. Para Maffesoli, cada homem funciona como uma síntese da sociedade. Em vez de recorrer ao que prega o positivismo, que busca criar leis gerais de cima para baixo, o autor tenta analisar em sentido contrário, de baixo para cima, pois reside nas relações do cotidiano o grande cardápio de possibilidades do pesquisador. Este, por

sua vez, claramente precisa saber conciliar a objetividade com a subjetividade, entendendo que toda forma objetiva se espalha como um eco em ramificações subjetivas. A esse fenômeno, Maffesoli dá o nome de “tipicalidade”, pontuando que a prática cotidiana pode ser apreendida a partir de construções estruturais – porém, não reguladoras, ligadas ao formismo.

Por isso, nos capítulos seguintes, será possível discorrer com mais detalhes de personagens e instituições específicas da época da Copa de 1950, como Mário Filho e o Jornal dos Sports. Há nesse movimento a crença de que existe a possibilidade de compreensão do imaginário e das tecnologias de uma determinada coletividade por meio de alguns pontos em específico. E não só analisar a obra de Mário Filho sob ponto de vista jornalístico, mas tentar entender as intenções do mesmo com elas, o contexto da época, os motivos que o fizeram apostar em determinados assuntos e eventos. O que irá ajudar a compreender, assim, as predileções editoriais do referido Jornal dos Sports.

São preocupações que podem ajudar a fazer dos objetos de pesquisa algo além de meros nomes ligados a uma função. Mário Filho tem suas subjetividades, assim como o jornal que ele chefiava, assim como toda a imprensa esportiva daquela época no Brasil. Há a ideia de que esse cenário, aliado ao contexto social e, sobretudo, às tecnologias do imaginário, auxiliaria na compreensão do que viria a se transformar na narrativa preponderante sobre a Copa de 1950.

O pensamento análogo

Um dos grandes desafios dessa nova proposta de Maffesoli é como entrar em contato com os fenômenos do cotidiano sem cair na divagação vazia ou precisar novamente apelar para esquema reducionistas. O autor prevê a descrição desses casos cotidianos dentro da ideia do formismo, em vez de criação de leis. Maffesoli quer mais o “como se” do que os “porquês”. O que leva a discussão à ideia da analogia.

“O meio de conhecer as formas mortas é a lei matemática. O meio de compreender as formas vivas é a analogia” (MAFFESOLI, 2010, p. 132). O autor defende como científicos os atos de elaborar hipóteses, propor comparações e esboçar mapas de analogias, a fim de se compreender fenômenos sociais. A analogia visa a compreender o presente, buscando apreciar o real por meio das obras do irreal ou ainda “com a ajuda de fatos e gestos das sociedades passadas” (2010, p. 149). A comparação na pesquisa comprova o quanto há de mítico na socialidade, movida a histórias no passado e no presente. E também o quanto se torna valioso atentar para a visão cíclica de todas as coisas. Para se entender o presente, portanto, faz-se

necessário voltar ao passado e fazer comparações.

O que liga a mais uma noção importante para análise dos fenômenos sociais é a de correspondência. Ela evidencia os cruzamentos dos afetos e das ações. A correspondência física e social dá conta das relações de menos proporções do que os grandes problemas políticos e econômicos, mas que nem por isso sejam menos importantes. É uma definição intimamente vinculada ao “ser/estar com” porque se trata do conjunto da dinâmica social. Maffesoli define também a correspondência como o “caldo da cultura”.

A analogia, a correspondência, o “como se”, tudo leva à ideia de se buscar a compreensão, jamais a definição cabal sobre determinado objeto. Parece importante a valorização dessas questões para um trabalho como esse, que propõe um mergulho ao passado, a um ponto em específico, mas que, ao mesmo tempo, encontra reflexos e consequências até hoje, que é a figura do vilão sobre Barbosa na Copa de 1950. A correspondência permite tentar entender a cobertura da Copa de 1950 com o olhar contemporâneo e também proporcionar pensamentos de como se cobre o futebol na contemporaneidade. E se elementos contemporâneos poderiam, quem sabe, ser úteis para um imaginário diferente em relação ao culpado pela derrota para o Uruguai. Seria, em uma interpretação menos erudita, o “se colocar no lugar do outro” para que os movimentos que são típicos das pessoas e das civilizações fiquem mais evidenciados.

Ao colocar a cobertura da Copa de 1950 e a relação dela com as tecnologias do imaginário de sua época, mas com um olhar contemporâneo, talvez seja possível compreender melhor os motivos que levaram ao surgimento de determinado imaginário. Até porque a figura de Barbosa como vilão afeta até hoje algumas construções jornalísticas, como foi possível atestar após a derrota histórica de 7 a 1 da seleção brasileira diante da Alemanha, na Copa do Mundo de 2014, a primeira a ser disputada no Brasil após a tragédia de 1950. Alguns jornais, como o carioca “Extra”, estamparam na capa, no dia seguinte à goleada, imagens de Barbosa, como uma espécie de pedido de desculpa, alegando que, diante de tamanho revés como fora em 2014, o insucesso de 64 anos antes teria se tornado menor e mais compreensível. Manifestação criativa, curiosa e também sintomática do quão marcante ainda está a personificação da derrota de 1950 sobre Barbosa. Neste caso, o passado explica o presente e vice-versa.

Em suma, o autor propõe a noção de “estilo do cotidiano” (MAFFESOLI, 2010, p. 190), esse estilo sem pretensões de racionalidade, “pau pra toda obra”, que resulta numa comunicação cada vez mais experimentada e longe dos “intelectuais de salão” (MAFFESOLI,

2010, p. 244).

Somos uma sociedade que não possui um discurso linear, somos controversos, cheios de mistério, e sendo assim, o papel da sociologia não é ditar regras e afirmar parâmetros de como a sociedade “deve ser”, mas sim, deve extrair consequências “das críticas do positivismo, reconhecendo a importância da ideologia, tomando conhecimento da eficácia da forma, da analogia, da metáfora, e observando o retorno de uma visão cíclica”, sendo que através desta perspectiva, é que “podemos compreender a existência em seu aspecto plural”(MAFFESOLI, 2010, p. 186).

O grande desafio, portanto, reside em encontrar um equilíbrio, enquanto pesquisador, na busca por respostas. O equilíbrio necessário para não se preocupar demais com os “porquês” e tentar levar mais em conta os “como se”, a comparação, a analogia, a inferência. Não se preocupar tão somente com a rigidez de números, porém sem poder soar superficial. Da mesma forma, procurar uma forma mais livre de escrita e, ainda assim, alcançar relevância metodológica para o conhecimento acadêmico. A ideia é, mais adiante, durante a análise dos dados coletados, colocar de maneira mais prática as noções relativas ao dado mundano, à valorização do cotidiano, à analogia e à correspondência.

2.2 MODERNO, PÓS-MODERNO E TECNOLOGIAS

A sociologia compreensiva surge, pois, como a forma de se pesquisar provavelmente mais alinhada com o cotidiano. Um cotidiano pós-moderno. O que mais importa, todavia, é mostrar, a despeito de nomenclaturas, a essência desse tempo, o seu espírito, o que vem soprar de novo na pesquisa acadêmica. Lembrando Lyotard (1986), a partir da segunda metade do século XX, passou a surgir um processo de deslegitimação de grandes narrativas. Pensar, por exemplo, no homem como um ser restritamente racional e que, por meio da razão, receberá uma recompensa ao final da vida, soa hoje como uma narrativa anacrônica e não se legitima por si só.

Esse desgaste do grande relato e a preferência por pequenas narrativas da sociedade nos remete à ideia de Maffesoli (2000) sobre o tribalismo, em que as pessoas se reúnem em pequenos grupos com a ideia de viver o presente. Também podemos evocar Durand (1997) e seu relato sobre a tradição iconoclasta, que, segundo ele, revogou por séculos a importância da imagem, alegando-a um componente menor, assim como tudo que fugisse da explicação por meio do discurso racional.

Seja por qual prisma analisar, parece fundamental compreender a preocupação em se

afastar do pensamento positivista. Não somos apenas racionais. Muito pelo contrário, costumamos ser até menos racionais e mais sonhadores, movidos por paixões, sentimentos pouco mensuráveis. É a era do “viver dionisíaco”, em que as pessoas se conectam por meio da imagem. “Quem planta imagens colhe imaginários” (SILVA, 2012, p. 101).

Nos séculos anteriores, viveu-se sob a égide do positivismo, que colocava a ciência como sinônimo de um mundo melhor, o caminho para o progresso, a busca pela perfeição. “A sociologia queria explicar, transformar e reger o vivido. Fracassou” (SILVA, 2012, p. 80). Não há dúvida de que o relativismo permeia as ideias que sustentam a pós-modernidade ou outro nome que se queira dar a esse estado de espírito, como diz Maffesoli. Neste caso, não o entendamos como um relativismo que aceita absolutamente tudo. Lyotard (1986) reforça que, embora as grandes narrativas estejam caindo em desuso, a perseguição à verdade se mantém, só que por meio de outras maneiras. O discurso está cada vez menos unívoco e, por isso, também se está mais desafiador alcançar o que há de verdadeiro. Lyotard valoriza a parologia, saber que detecta anomalias para construir novas fronteiras de conhecimento.

Torna-se interessante pontuar que a sociologia compreensiva se assenta em uma base pós-moderna, contemporânea. O objeto primordial do presente estudo tem seu ponto de partida o ano de 1950, teoricamente dominado pelas ideias modernas, em que havia grandes narrativas legitimadas, como, por exemplo, a busca por uma verdade transcendental. Talvez as tecnologias da época puderam reforçar essas grandes narrativas ou as grandes narrativas assim eram por causa das tecnologias?

Essa discussão parece importante e ajuda a mostrar a relevância de tentar compreender um fenômeno dos anos 1950 com uma metodologia pós-moderna na essência, mas que, como já fora visto, tem o compromisso de buscar comparações e explicações no passado. É entendendo o papel da pós-modernidade nos últimos anos que se poderá regressar com mais tranquilidade ao pensamento moderno e respeitar as suas particularidades dentro do contexto.

Negroponte (1995) afirma que há dois mundos, o dos átomos e o dos bits. E que estamos caminhando do primeiro rumo ao segundo. Negroponte coloca a transmissão de informações por meio de átomos como a maneira tradicional de consumo de dados. Ou seja, jornais, revistas e livros, por exemplo, veículos presentes em 1950.

Segundo Negroponte, meios clássicos e “atomizados”, como jornal e televisão, conservam uma característica em comum: “a inteligência se encontra no ponto de origem. O transmissor determina tudo” (1995, p. 24). Em seu novo mundo do futuro, que hoje é o presente, o autor vislumbra a personalização, a oportunidade de o leitor receber um jornal

digital voltado às suas necessidades, por exemplo. Negroponte defende, assim, o compartilhamento da “inteligência”. No mundo digital, o receptor também pode ser agente ativo no processo da comunicação. A palavra que move todo esse conjunto de ideias pode ser a ubiquidade, que significa estar ao mesmo tempo em todos os lugares.

Uma maneira de contemplar o futuro da vida digital é perguntar se a peculiaridade de um veículo pode ser transposta para outro. A experiência de ver televisão pode se aproximar da de ler o jornal? Muita gente acredita que os jornais sejam dotados de maior profundidade do que o noticiário da televisão. É necessário que seja assim? (...) Os bits são os mesmos, mas a experiência da leitura é diferente (NEGROPONTE, 1995. p. 25).

Pouco importa hoje se o conteúdo de um jornal é lido no tradicional papel ou num celular. Você pode assistir a um jogo na televisão e, ao mesmo tempo, ler comentários em redes sociais ou rever o lance em vídeo no Youtube, quantas vezes precisar. Pode, inclusive, transformar o conteúdo do veículo de comunicação minutos depois deste ir ao ar na televisão. A internet, como lembra Silva (2012), acabou também tomada pelos grandes veículos com suas plataformas digitais e portais de notícias e entretenimentos, desde o final dos anos 1990. Todavia, não podemos deixar de levar em conta o outro lado dessa aldeia, que são as redes sociais e demais canais de interatividade propiciados ao público que antes era destinatário com pouca voz e vez.

Barros (2010) diz a respeito da imagem: hoje, a fotografia e o filme, por exemplo, funcionam mais como uma versão em vez da verdade absoluta, como eram décadas atrás, como era em 1950. E são passíveis de transformações e adaptações e, inclusive, dúvidas sobre se seu conteúdo é genuíno ou se passou por adulterações digitais. Afinal, quem nunca olhou uma imagem nos últimos dez ou 15 anos e se perguntou: “Será que tem Photoshop?”. Uma questão que fez do nome de um software de edição de imagem praticamente um vocábulo do cotidiano, a ponto de até ser aporuguesado como verbo no dia a dia, na informalidade.

Recorre-se ainda a Paul Virilio, um intelectual francês que se debruça sobre tecnologias da comunicação nos nossos tempos. Em entrevista a Casalegno (2006), ele pondera que, na pós-modernidade, a relação das pessoas com os veículos tem muito mais a ver com ação do que uma mera lembrança. Não basta lembrar, é preciso atuar junto, construir e desconstruir no momento da lembrança.

A verdadeira memória não é mais aquela dos fatos, mas se torna aquela de uma ação que tem lugar instantaneamente e que é uma interação. A memória virtual é uma presença. Ela atualiza a memória viva na interação. Nada mais é "aqui", tudo é "agora" (VIRILIO Apud CASALEGNO, 2006, p. 92).

Essa possibilidade de fazer da memória uma interação se encaixa no conceito de “vozes dissonantes” na contemporaneidade. Hoje, o público pode fazer sua própria memória, extrair do acontecimento o que foi mais marcante e expor ao público que está online. Segundo Paulo Virilio, “as tecnologias aceleram o esquecimento. Esquecemos com extrema facilidade as transmissões que vimos há dois dias. Contrariamente, um livro que lemos jamais é esquecido” (VIRILIO Apud CASALEGNO, 2006, p. 98).

Esse rápido passeio entre a modernidade e a pós-modernidade, se é que existe uma separação definitiva, teve como objetivo ao menos tentar delimitar uma fronteira sob ponto de vista do pensamento coletivo e sua relação com tecnologias. O que coloca o ano referencial de 1950 inserido, em tese, na modernidade quando nos referimos ao pensamento científico, à legitimação de grandes narrativas e, sobretudo, o grau de interação das pessoas comuns com os veículos de comunicação.

Falar, portanto, em comunicação em 1950 é falar, necessariamente, em cultura de massa. Morin (2011) entende a expressão como uma espécie de terceira cultura, que vem da imprensa, do cinema, do rádio, da televisão - tecnologias que irrompem com força durante o século XX. Essa terceira cultura se projeta em paralelo à cultura clássica. O autor afirma que a cultura de massa não é imposta, mas proposta. Surge do diálogo entre produção e consumo.

Além das invenções técnicas terem sido fundamentais para tornar a cultura de massa possível, há uma dinâmica que a alimenta, segundo Morin. Ela funciona por meio de um paradoxo, uma vez que se propaga pela repetição, mas, ao mesmo tempo, procura oferecer sempre uma novidade ao consumidor. São os pares burocracia-invenção, padrão-individualidade. Isso está na própria estrutura do imaginário.

O imaginário, sobre o qual trataremos com mais detalhes a seguir, se estrutura segundo arquétipos. A ideia de arquétipo foi adaptada por Durand de acordo com a psicanálise de Jung e seus significados psicológicos do símbolo. Existem, de acordo com Morin, figurinos-modelos do espírito humano que ordenam os sonhos, os sonhos racionalizados que são temas míticos ou romanescos. A cultura de massa busca fazer clichê dos arquétipos por meio dos estereótipos. “Também o coração pode ser posto em conserva” (2011, p. 16).

A homogeneização do conteúdo busca atingir uma espécie de “homem médio”, um público-alvo ideal, já que o diálogo mencionado acima não é completamente igual. Pouco se sabe do público, enquanto muito se sabe a respeito da tecnologia emissora do conteúdo. Esse desconhecimento leva, então, a essa perseguição a um modelo que atinja o maior número possível de pessoas. Existindo tecnologia com alcance, trabalha-se por uma maneira de atingir

a emoção do público.

A palavra-chave, para Morin, é o sincretismo. Transformar um produto erudito em algo facilmente assimilável ou fazer de manifestações típicas de determinados locais do planeta em ocorrências universais, como a indústria cinematográfica conseguiu fazer com o faroeste norte-americano. De acordo com o autor, o sincretismo tem o poder de unir o setor da informação e o setor do romanesco. “A cultura de massa é animada por esse duplo movimento do imaginário arremedando o real e do real pegando as cores do imaginário” (2011, p. 27).

Tomando como base o objeto do presente estudo, tem-se elementos típicos da cultura de massa. Em 1950, há a preponderância do jornal, do rádio e do cinema como meios de acesso a informações. Ainda veremos mais adiante o conteúdo da imprensa da época, mas se pressupõe uma sugestão de vilania a Barbosa, jamais uma imposição peremptória. E como se dá essa proposição de vilania?

Estima-se que seja por meio do estereótipo do arquétipo do vilão, que acabou recaindo sobre Barbosa. Um fenômeno característico da cultura de massa na modernidade, que acaba produzindo mitos que condicionam a integração do público à realidade de uma dada sociedade, segundo Morin. E se não fora feito de maneira impositiva, como a sugestão, no caso do vilão Barbosa, se perpetuou por décadas? Nesse momento, surge a necessidade de discorrer sobre imaginário e tecnologias do imaginário, que são, provavelmente, os legítimos conectivos de toda essa malha de sensações do público e de construções midiáticas.

3. IMAGINÁRIO, TECNOLOGIAS E JORNALISMO

3.1 IMAGINÁRIO A PARTIR DE DURAND

Se Michel Maffesoli oferece uma opção de trabalhar metodologicamente o imaginário na sociedade, abrindo a possibilidade do pensamento oriundo do senso comum e sua potencialização por meio de esquemas menos redutores e privilegiando a analogia em vez da certeza absoluta, é também importante entender que um de seus mestres, Gilbert Durand, conseguiu anteriormente desenhar uma espécie de rosto ao imaginário, uma forma de fazê-lo compreensível e, mais do que isso, passível de análises. Por isso, torna-se fundamental, ao falar de imaginário, compreender o referido autor francês, morto em 2012, aos 91 anos.

Antes, faz-se necessária uma reflexão sobre noções que podem soar semelhantes como imagem e imaginário. Começamos aqui pela imagem e suas múltiplas compreensões. Segundo Debray (1993), a morte é um ponto-chave para o autor na busca pelo entendimento de uma imagem. A imagem precede uma morte, porque sempre procura representar algo que não mais o é como em algum momento fora. “A imagem constituiu, assim, não o pretexto, mas a alavanca de uma troca no perpétuo regateio entre vidente e invisível” (1993, p.32).

Ao analisarmos, por exemplo, uma foto de Barbosa levando gol do Uruguai na Copa de 1950, estamos diante desse duelo, dessa dicotomia, entre o que se pode ver e o que está oculto e a “vontade” ou função da imagem de representar o que não é visto. A imagem tem um papel de mediação. Segundo Debray, “mediadora entre os vivos e mortos, os seres humanos e os deuses, entre uma comunidade e uma cosmologia (...) não é um fim em si, mas um meio de adivinhação, defesa, enfeitiçamento, cura” (1993, p. 33).

Retomando a ideia de Debray, já foi superada a fase em que a imagem era uma espécie de entidade sobrenatural. No momento em que a Arte se descolou da Igreja e a imprensa de Gutenberg fez a revolução da multiplicação do livro, a imagem deixa de ser algo inacessível e temida para ser contemplada e usufruída. O terceiro momento é o que vivemos desde meados do século XX, a videosfera, que é a era do vídeo. De acordo com Flusser (2011), um dos pontos de virada na forma com que o homem lida com a imagem é a fotografia, que conseguiu se estabelecer como uma fonte produtora de uma realidade fiel, a ponto de a imagem fotográfica ser a própria imagem, o próprio momento, o próprio objeto. O autor, todavia, ressalta a importância de se levar em conta as intenções do homem que está por trás da máquina quando produz uma imagem técnica.

Torna-se difícil um exercício mental de tentar abstrair o conceito de imagem de uma foto ou um vídeo tamanha a cristalização dessas técnicas durante a modernidade. Eis que voltamos a Gilbert Durand para citar o que ele chama de efeito perverso da civilização da imagem. Durand viu o imaginário renegado por séculos ao ser visto como elemento dispensável. Não podendo ser explicado da maneira racional nem controlado de maneira tranquila, pouco serviria para legitimação de verdades e, por conseguinte, a manutenção de determinados poderes então vigentes. É o que o autor chama de pensamento iconoclasta, ligado ao positivismo.

À imagem restou, então, um espaço menor, no campo do lúdico, da distração e dissociado do pensamento intelectual. Segundo o autor, o pensamento científico e as grandes corporações foram cativados pelos meios técnicos da produção, reprodução e transmissão das imagens, mas continuaram desprezando e ignorando o produto de suas descobertas. O imaginário passa a ser considerado com as descobertas da psicanálise e psiquiatria, por meio de pensadores como Freud e Jung. E, enfim, consegue maior protagonismo no campo científico a partir dos anos 1950, quando, não só a sociedade, mas o mundo acadêmico leva em conta o lado noturno, do sonho, do devaneio e não apenas o lado diurno, da razão, do matemático (DURAND, 1997).

A imagem simbólica está nesse lado noturno de Durand ou no invisível, de acordo com Debray. São conceitos que valorizam a superação da imagem iconográfica, daquela que despreza o que não se vê e só valoriza o que é visível, como o pensamento moderno que confere à fotografia um exemplar fiel da verdade de um momento. Ou seja, representar iconicamente é apenas mais um papel da imagem. É nesse momento que surge o estudo do imaginário, quando é preciso entender a imagem além da iconografia.

Parece plausível entender que, na verdade, a imagem técnica é uma forma de transformar a imagem simbólica em algo concreto, em um ícone. Não se pode, de acordo com Durand, atribuir a uma imagem técnica um valor que teria uma imagem simbólica. É a imagem simbólica a imagem por excelência, alimentada pelo inconsciente. A imagem a que Durand se refere é no sentido amplo, um modo de a consciência apresentar ou representar objetos que não se apresentam diretamente à sensibilidade.

Essa imagem simbólica também pode ser vista em textos, não apenas em vídeos ou fotografias. A reunião dessa imagem com um sentido resultará num símbolo, que não é arbitrário. As imagens simbólicas prescindem, portanto, de representação porque elas, simplesmente, são. Durand trabalha com a anterioridade do imaginário, precedendo o

símbolo. Não é a imagem que cria o imaginário, mas o contrário, a imagem é o resultado do imaginário (DURAND, 1997).

Assim, o imaginário pode ser entendido como um produtor de um conjunto de imagens, oriundo dos símbolos, que brotam da equação entre o contexto histórico e as pulsões internas de cada um. A imagem é um símbolo, não um signo, pois habita o campo do imponderável, podendo representar uma coisa, porém também outra. E imagens e símbolos têm ainda a capacidade de serem expressões não-históricas. Outra diferenciação importante é não confundir imaginário com algo ligado apenas à imaginação, ao que é imaginado. O imaginário transcende o campo da fantasia, também está na política, na ideologia, no jornalismo, como pretendemos ver mais adiante. E pode impactar as pessoas de uma maneira arrebatadora por meio do despertar de uma sensação.

O homem integral conhece outras situações além da sua condição histórica. Conhece, por exemplo, o estado de sonho, ou de devaneio, ou o da melancolia ou do desprendimento, ou da contemplação estética, ou da evasão, etc. – e todos esses estados não são ‘históricos’, embora sejam, para a existência humana, tão autênticos e importantes quanto a sua condição histórica. Aliás, o homem conhece vários ritmos temporais, e não somente o tempo histórico, ou seja, seu próprio tempo, a contemporaneidade histórica. Basta ele escutar uma bela música, ou apaixonar-se, ou rezar para sair do presente histórico e reintegrar o presente eterno do amor e da religião. Basta ele abrir um romance ou assistir a um espetáculo dramático para encontrar um outro ritmo temporal – o que poderíamos chamar tempo adquirido – que, em todo o caso, não é o tempo histórico” (ELIADE, 1991, p. 29).

Existe sempre uma relação que fermenta e faz crescer o imaginário, que começa num arquétipo ou modelo existente nesse museu de imagens inicial e, depois, vai tomando outra forma até ser representado por uma imagem simbólica, uma teatralização. Com isso, o imaginário se sustenta nesses dois lados: ora, etéreo, volátil, incontrolável, onírico, no regime noturno; ora, representado, rotulado, apresentado ao público, um pouco rígido, no regime diurno. Essa tensão entre os dois polos lembra muito as ponderações de Morin (2011) a respeito do paradoxo que alimenta a cultura de massa, viva no século XX graças à repetição, porém, ao mesmo tempo, fomentada pela sensação da individualização ou do frescor de novidade oriundo de produtos que, na realidade, são praticamente iguais a produtos anteriores em sua essência funcional, como folhetins na literatura ou comédias românticas no cinema.

Ou seja, há sempre a representação indireta (significado) e a representação direta (significante) do símbolo dentro da construção do imaginário (DURAND, 1988). O símbolo passeia nas movimentações míticas e iconográficas, por exemplo. E se perpetua pela redundância, como nas construções do mito por meio de parábolas e histórias alegóricas ou

ainda por meio da iconografia, redundante em pinturas, quadros, fotografias.

Durand combate o pensamento iconoclasta, como fora visto anteriormente, e, para isso, prioriza as relações convergentes entre imagens, símbolos e arquétipos. Pois, assim, é possível encarar o entendimento de um símbolo muito mais por sua força semântica do que por sintaxe. Para o autor, são os mitos, as imagens, os símbolos que surgem como pilares para a formação do pensamento.

Falou-se aqui já nos regimes diurno e noturno de Durand. O regime noturno é por onde desfila o que não é iconoclasta, o que é típico do sonho e do devaneio. É também a parte da teoria do imaginário que valoriza o gesto de descida à intimidade de algo enquanto que o regime diurno tem o gesto da verticalização. Durand se calcou muito em Jung e Freud, mas também usou constatações da reflexologia para erguer esquemas das representações no universo simbólico.

Os esquemas ainda não são imagens, estão mais no fundo, como uma raiz que conduz a determinadas ações de um indivíduo, sempre em relação com o ambiente que o cerca. O esquema é uma “generalização dinâmica e afetiva da imagem, ele constitui a facultatividade e a não-substantividade geral do imaginário” (DURAND, 1997, p. 60). Os esquemas precisam se colar aos arquétipos, que funcionam como a conexão entre o imaginário e os processos racionais, entre os símbolos e os esquemas.

“Há tantos arquétipos quantas situações típicas na vida. Intermináveis repetições imprimiram essas experiências na constituição psíquica, não sob a forma de imagens preenchidas de um conteúdo, mas precipuamente apenas formas sem conteúdo, representando a mera possibilidade de um determinado tipo de percepção e ação. Quando algo ocorre na vida que corresponde a um arquétipo, este é ativado e surge uma compulsão que se impõe a modo de uma reação instintiva contra toda a razão e vontade” (JUNG, 2000, p. 58).

Assim, o arquétipo tem uma característica universal não vista nos símbolos, carregados que são pelo contexto cultural. Os arquétipos se adaptam aos esquemas enquanto que os símbolos funcionam como uma especialização dos arquétipos. “A roda é o grande arquétipo do esquema cíclico, pois não vemos qual outra significação imaginária poderíamos lhe dar, enquanto que a serpente é apenas o símbolo do ciclo” (DURAND, 1997, p. 61).

Esse processo tende a sair de um universo abstrato para um mundo mais concreto, das representações dos símbolos. O imaginário não é apenas o que vem do subconsciente, algo meramente subjetivo, particular e individual. Precisa, sim, do choque com o mundo para se legitimar enquanto imaginário e poder realizar sua principal função, que é conectar a

formação das representações humanas.

Ao falar em representações humanas, chegamos ao mito. O caminho da imagem simbólica é longo: esquemas, arquétipos, símbolos... Depois, surge o mito, como uma capacidade ímpar para fazer valer o poder do imaginário, “pois tende a compor-se em narrativa. Os símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos em ideias. Já o mito explicita um esquema ou grupo de esquemas” (DURAND, 1997, p. 65). O mito pode disseminar uma doutrina religiosa ou engendrar uma narrativa de uma lenda.

Durand estrutura três categorias: heroica, mística e dramática. A estrutura heroica se encontra no regime diurno, no racional, valorizando o imaginário da luta, a espada, o sentido de autoridade e austeridade. A estrutura mística é do regime noturno da imagem e se relaciona ao gesto de descenso dentro da reflexologia, trazendo ideia de aconchego e conforto. Ou seja, deixa de lado os símbolos de angústia da estrutura heroica. A estrutura dramática também pertence ao regime noturno da imagem, mas tem uma função conciliadora de tensões, do que se foi partido nas duas estruturas anteriores. Não à toa os relatos de cunho religioso, por exemplo, costumam ser dramáticos e, ao mesmo tempo, capazes de dar conta e harmonizar elementos tão difusos e diferentes.

O mito tem um núcleo, o mitema, uma espécie de átomo que tem por vocação a repetição. Por meio desses mitemas, será possível compreender a trajetória de um mito. O mito, muitas vezes, se alimenta da estrutura heroica, da figura do herói. Trazendo novamente à tona o objeto deste trabalho, pode-se entender Barbosa como um herói às avessas, embretado em uma história de vilania que ainda pretendemos compreender melhor. Podemos colocar a vilania de Barbosa como um mito de uma determinada época, reforçado pela repetição de mitemas?

Morin classifica como olímpianos modernos os personagens criados pela mídia. Se o Barbosa vilão foi criado unicamente pela mídia ainda não se sabe, porém é inegável a força desse personagem ao longo dos anos no contexto da cobertura esportiva do futebol brasileiro. Morin diz que as vedetes da imprensa estão no encontro do imaginário com o real.

Os novos olímpianos são, simultaneamente, magnetizados no imaginário e no real, simultaneamente, ideias inimitáveis e modelos imitáveis; sua dupla natureza é análoga à dupla natureza teológica do herói-deus da religião cristã; olímpianas e olímpianos são sobre-humanos no papel que eles encarnam, humanos na existência privada que eles levam. A imprensa de massa, ao mesmo tempo que investe os olímpianos de papel mitológico, mergulha em suas vidas privadas a fim de extrair delas a substância humana que permite a identificação (MORIN, 1997, p. 106-107).

Novamente, Morin traz alguns elementos caros à sociedade de massa, à busca pelo consenso por meio da espetacularização. Mais adiante, iremos especificar essas questões no ambiente do jornalismo esportivo brasileiro. Antes, todavia, é necessário seguir adiante em relação a noções do imaginário. Diante do entendimento de que o imaginário surge de imagens que encontram arquétipos correspondentes e vêm à tona na sociedade por meio de símbolos e se espalha diante de uma narrativa, como o mito, tem-se que compreender como o imaginário caminha, flui durante certo período de uma sociedade.

Discípulo de Durand, Maffesoli (2010) vê a imagem como fundamental na sociedade, indo também na contramão da tradição iconoclasta que dominou a formação da cultura ocidental, segundo Durand. E o sociólogo francês pensa a tecnologia como uma aliada nesse processo de se compreender o mundo por meio das imagens. Semelhante a Morin, Maffesoli traz à tona um termo mais contemporâneo e também eloquente. Relaciona o imaginário ao estilo de um tempo, de uma época. Como não há imaginário sem o coletivo, a sua produção tem a pretensão de ser o espírito de uma obra, de um tempo, de uma era. Ou uma “aura”, como apregoa Maffesoli, em “algo que envolve e ultrapassa a obra” (Apud SILVA, 2012, p. 12). Ou seja, o imaginário que pode surgir de uma cobertura jornalística – fazendo uma analogia simples ao objeto deste estudo – tem o potencial de retratar um momento mais amplo e complexo do que o próprio fato e, assim, faz do produto jornalístico algo além do seu propósito inicial e mais elementar.

Segundo Silva (2012), o imaginário acabou se tornando, inclusive, uma expressão da moda. Muito graças ao crescimento dos estudos na área desde os anos 1960 a fim de uma ruptura com o pensamento de pesquisa moderno, há imaginário de tudo hoje em dia: imaginário político, esportivo, social... O imaginário, portanto, vem a ser um fenômeno de uma determinada tribo ou sociedade, de uma coletividade. Pode ser visto como “uma fonte comum de sensações, de lembranças, de afetos e de estilos de vida” (SILVA, 2012, p. 10).

O imaginário agrega, serve de depósito de imagens, sensações, experiências – ou, simplesmente, um museu, como sugerido por Durand. É ele o responsável por formatar o que foi vivido no que podemos chamar de mundo real. Segundo Silva (2012), o imaginário não é o real, mas, sim, uma maneira de representá-lo, transformando-o simbolicamente. Você, pois, não precisa necessariamente ter vivido algo para alimentar um imaginário sobre esse fato.

A representação, assim, torna-se superior à própria noção de experiência. Há, neste ponto, uma relevante reflexão para o papel do imaginário advindo de uma cobertura jornalística. O quanto, por exemplo, a publicização de um determinado culpado por uma

derrota esportiva, como a de 1950, pode influenciar gerações de apaixonados por futebol que sequer tiveram contato verdadeiro com a época em que ocorreram os jogos.

Só que o imaginário não é abrangente a ponto de absorver qualquer definição teórica. É importante tentar compreender as fronteiras do imaginário, a fim de não haver confusão com outras noções que podem ser semelhantes, como a já citada ideologia, a crença ou até mesmo a cultura de um povo ou de uma época.

O imaginário surge da relação entre memória, aprendizado, história pessoal e inserção no mundo dos outros. Nesse sentido, o imaginário é sempre uma biografia, uma história de vida. Logo, é menos redutor do que a ideologia e mais aberto do que a crença e menos completo do que a cultura, na qual se insere e a qual alimenta (SILVA, 2012, p. 57).

Dessa mesma forma, embora lúdico e etéreo, o imaginário não surge do nada nem está solto na linha do tempo da civilização. Precisa de uma dinâmica pela qual possa se locomover e ganhar vida. Gilbert Durand desenvolveu uma noção bastante esclarecedora nesse sentido. Assim como se apregoa na sociologia compreensiva, Durand se apropria de uma analogia para explicar como o imaginário se desenvolve na coletividade. Usa uma metáfora fluvial para dar conta dos momentos-chave de um imaginário, desde sua eclosão, passando pelo seu fortalecimento até a superação por uma nova ordem. É o que ele chama de bacia semântica, o local para onde se dirigem os resultados da fusão do contexto histórico e as pulsões internas, da razão e da fantasia, do regime diurno e do regime sombrio da imagem.

Para Durand (1998), o imaginário de uma época sempre surge desse “escoamento”, ou seja, do resíduo primeiramente marginal de um imaginário pouco aproveitado pela época anterior. De acordo com o autor, a ruptura de um imaginário a outro levaria cerca de 150 a 180 anos, levando em conta a saída da aura do particular ao geral. Durand valoriza bastante a força do cotidiano, da informalidade do que vem das pessoas comuns, do poder da oralidade. Por isso, a imagem simbólica ela simplesmente é, como se foi falado anteriormente, não precisando ser algo arbitrário. Ela tem a capacidade de impregnar em determinada civilização, conforme a metáfora da bacia semântica permite pensar.

Uma duração justificada, por um lado, pelo núcleo de três ou quatro gerações que constituem as informações 'à boca pequena', o 'ouvi dizer que' familiar entre o avô ou o mais velho e o neto, ou seja, numa continuidade de cem a cento e vinte anos à qual acrescenta-se, por outro lado, o tempo da institucionalização pedagógica de cinquenta a sessenta anos, que permite ao imaginário familiar, sob a pressão de eventos extrínsecos (a usura da bacia semântica, as profundas mudanças políticas, as guerras, etc.), se transformar num imaginário mais coletivo e invadir a sociedade ambiental global (DURAND, 1998, p. 115-116).

Voltemos ao objeto deste estudo, no caso, a vilania de Barbosa na Copa de 1950. Esse imaginário começou, claro, a partir da derrota do Brasil para o Uruguai no jogo decisivo do Mundial daquele ano e foi se mantendo ou fortalecendo por muitas décadas, chegando até os anos 2000. Caberá a este trabalho compreender parte dessa trajetória e como as tecnologias à disposição do jornalismo podem ter contribuído para tal e com quanta intensidade.

É sabido que, em 1950, a televisão ainda não estava consolidada no Brasil. Os meios de comunicação de alcance mais imediato eram o rádio e o jornal e as revistas. Havia também o cinema, o único capaz de informar com imagem técnica em movimento. É provável que cada um desses meios tenha suscitado sensações diferentes em relação à derrota do Brasil para o Uruguai.

As mais diversas opiniões e análises a respeito da derrota poderão ser os (1) escoamentos, uma vez que, em seu início, tendem a ser desconexos e marginalizados. Depois, tem-se a (2) divisão de águas, quando surgem muitas opiniões ou pensamentos semelhantes com força para se sobrepor aos demais. O próximo passo são as (3) confluências, em que o apoio a certo imaginário ganha contornos mais institucionais, que será quando poderemos detectar mais claramente como os atores midiáticos trataram a questão do vilão em 1950. Logo após, o (4) o nome do rio vem a partir da mitificação do personagem principal, no caso Barbosa já é este nome ou poderá ser também Maracanazo.

A (5) organização dos rios é uma etapa semelhante à de confluências, mas exige uma rigidez maior em relação ao fluxo imaginário, é quando esperamos encontrar elementos ainda mais concretos da sedimentação do imaginário do vilão. Já em (6) deltas e meandros será o momento de enfraquecimento do imaginário. A expectativa é saber se esse momento existe e como se deu, caso seja possível observá-lo. A questão primordial, uma vez que se compreende a vilania de Barbosa como um imaginário que existe ou existiu, está na forma como ocorreu e, sobretudo, em que velocidade ocorreu, se foi um imaginário imediato e espalhado pelas décadas ou, mais do que isso, uma construção amparada e ampliada pelas tecnologias por meio dos muitos anos que se passaram.

Seguindo a analogia, a bacia semântica em que navega o imaginário é feita de afluentes e irá desembocar nos grandes oceanos, que são as culturas. Interessa-nos aqui mais especificamente os afluentes. Afinal, como um imaginário consegue chegar às pessoas de maneira contundente a ponto de se cristalizar por anos e anos?

3.2 TECNOLOGIAS DO IMAGINÁRIO E JORNALISMO

Sem dúvida, a oralidade, o discurso do cotidiano familiar, tudo isso é importante para a propagação do imaginário. Mas, em larga escala, o que alimenta a bacia semântica e, portanto, cristaliza imaginários são, sob olhar contemporâneo, “canais de televisão, provedores de internet, os fluxos comunicacionais, as redes informativas e de contato e as correntes de significados” (SILVA, 2012, p. 77).

Esses elementos fornecem, por meio da “produção virótica de signos”, material suficiente para manter as bacias semânticas em pleno curso e movimento. Recorrer ao que surge nas tecnologias para fazer emergir o imaginário é bastante recomendável uma vez que, segundo Silva (2012), dificilmente se chegará a uma resposta satisfatória a partir da pergunta “o que é imaginário”. O autor apregoa que o mais recomendado seja perguntar: “o que se pode dizer do imaginário?”.

Dessa forma, podemos recorrer ao museu de imagens e representações “viralizadas” pelas tecnologias e entranhadas em nossas mentes para tentar entender melhor uma época por meio do seu imaginário. A magia do cinema norte-americano, por exemplo, dos estúdios de Hollywood da primeira metade do século XXI deve sua propagação às salas de cinema, ao crescimento da cultura massa, impulsionada, por sua vez, pelos avanços tecnológicos. A partir dela, foi possível emanar um imaginário todo particular a respeito do modo de vida dos Estados Unidos.

Os imaginários dos séculos XVII e XVIII foram dramáticos e dramaturgicos, assim como o da Grécia antiga tinha sido trágico ou tragicômico. O imaginário do século XIX foi romanesco (um grande folhetim); o do século XX, cinematográfico (depois de ter sido radiofônico); mas, no final do século XX, o imaginário tornou-se teledramatúrgico (antes de mergulhar no ciberespaço) (SILVA, 2012, p. 78).

O imaginário é, pois, induzido ao longo de um determinado período. Silva (2012) lista três estágios ao longo do tempo: fases primitiva, industrial e pós-industrial ou virtual. Apesar da análise do momento histórico, as tecnologias do imaginário estabelecem, segundo Silva, o laço social e se firmam como mecanismo fundamental de produção simbólica. Ou seja, se antes vimos que a cultura de massa pode criar seu público, as máquinas podem igualmente criar seus imaginários.

As tecnologias do imaginário são, portanto, dispositivos (...) de produção de mitos, de visões de mundo e de estilos de vida. Mas não são imposições (...) Trabalham pela povoação do universo mental como sendo um território de sensações

fundamentais (SILVA, 2010, p. 22).

O objetivo primordial das tecnologias do imaginário é a sedução por meio da indução, sem imposições escancaradas. Uma vez seduzido, também se está cristalizado um determinado patrimônio afetivo de uma coletividade. As noções de indução e coletividade relacionam as tecnologias do imaginário ao contexto histórico da modernidade ou da sociedade ocidental de meados do século XX em diante, uma época em que toma forma a ideia de cultura de massa.

O jornalismo não deveria apenas informar? Por isso, as ideias de Silva são tão caras a esse trabalho. Pois, após Durand construir um formato para o pensamento do imaginário e Maffesoli estimular uma organização desse pensamento em forma de metodologia, Silva coloca a reflexão sob um ponto de vista mais concreto e vinculado à realidade cotidiana. O autor discute a o imaginário por meio das tecnologias e, ao mesmo tempo, ainda fomenta o debate acerca do papel do jornalismo dos veículos de comunicação nesse processo. Assim, encaixa-se com precisão na proposta inicial deste trabalho.

Silva (2012) coloca as técnicas sedutoras das tecnologias do imaginário como uma espécie de demanda ou produto da sociedade em que vivemos, a sociedade do espetáculo, expressão desenvolvida por Guy Debord (1997). Nela, “tudo é mediado por tecnologias de contato, por instrumentos de aproximação massiva”, ou seja, nada passa a ser experiência de forma direta, mas por meio da imagem, da tecnologia, da sensação que elas podem passar (2012, p. 22).

Voltando ao jornalismo, para Silva (2012), a informação pela informação se encontra na mitologia desse ofício. Na verdade, busca-se mais do que isso. As tecnologias do imaginário “trabalham pela povoação do universo mental como sendo um território de sensações fundamentais” (2012, p. 22). Silva argumenta ainda que essas aproximações e caricaturas conseguem dizer muito sobre o que fora vivido por determinados grupos “na esteira das tecnologias dominantes em cada época” (SILVA, 2012, p. 78).

De acordo com Silva (2012), seguindo a linha proposta por Maffesoli citada na primeira parte deste trabalho, a pós-modernidade é a união do arcaico com a tecnologia de ponta. As tecnologias do imaginário estão adequadas a essa corrente, pois relacionam sua eficácia à sedução. “O mundo pós-moderno forja tecnologias do afeto e domina os sujeitos pela adesão” (SILVA, 2012, p. 25). Antes, na modernidade, preponderavam as tecnologias de controle, dentro do contexto de democracias e ditaduras convencionais – ou, ao menos, preponderava esse modelo de compreensão por parte de estudos acadêmicos que pouco

levavam em conta o papel do receptor, como a Escola de Frankfurt, que destinava ao emissor da mensagem poder total de dominação.

Entende-se que, embora na modernidade houvesse realmente regimes diferenciados e formas hegemônicas de pensamento distintas das atuais, isso não quer dizer exatamente que não existiam tecnologias do imaginário. O que talvez seja diferente é a possibilidade de apropriação do que é emitido por parte do receptor em relação aos tempos atuais, como foi exposto em subcapítulo anterior ao se discutir as fronteiras entre modernidade e pós-modernidade a as suas distintas formas de consumo de informação, a ponto de impactar na memória e, por que não, no próprio imaginário.

Podemos considerar os jornais de 1950, por exemplo, como tecnologias do imaginário, portanto, e não como de controle, por todos os elementos já elencados para caracterizar o primeiro citado. Até porque essa metade de século é entendido por Maffesoli exatamente como o ponto de virada entre moderno e pós-moderno, assim como Lyotard considera.

Lançando mão de exemplos mais antigos, Silva (2012) lembra que, no século XVIII, o Iluminismo se prestou a ser uma tecnologia do imaginário, “gestando uma visão de mundo fantasiosa, pseudocientífica, de um extremismo emancipacionista alheio à realidade das vivências e das maneiras de assimilar o vivido” (SILVA, 2012, p. 30). Quando se recorre ao mito do homem racional e sábio para determinado fim, acaba-se reforçando o imaginário oriundo do Iluminismo, uma vez que, segundo o autor, o homem pleno de razão jamais se consumou de fato. Durand (1997) também já dizia algo semelhante ao relatar o paradoxo do iconoclasmo ocidental, que deixava a imagem em segundo plano, mas, na realidade, utilizava-se dela para perpetuar determinada forma de poder.

É possível afirmar que lúdico, o intangível, o incalculável, ou seja, o imaginário, como o vimos nas linhas anteriores, tem uma grande capacidade de onipresença. Torna-se praticamente impossível escapar dele. Até as correntes que tentam negá-lo acabam, ao fim e ao cabo, lançando mão de representações míticas para se legitimarem. Sempre estamos, na verdade, prestes a se entregar ao imponderável em detrimento da razão, por meio da paixão, da loucura, da religião, dos mitos. O jornalismo, por óbvio, não está imune a isso. Embora reúna, em seu discurso fundador, a pretensão de colher a verdade, o jornalismo e suas técnicas e tecnologias, acima de tudo, não encontram a verdade, mas versões carregadas de determinados imaginários. No subcapítulo a seguir, iremos esboçar alguns elementos a respeito dessas relações seguindo as ideias de Silva (2012) e tentando compreender o jornalismo exatamente como um esforço de construção de uma versão de uma história – e o

quanto tal empreitada pode também construir um imaginário particular.

Dizer que o jornalismo é contar histórias talvez seja a forma mais popular da qual os próprios jornalistas lancem mão para explicar sua profissão aos demais. Há muito de clichê, mas também um pouco de verdade nessa expressão. Contar uma história verídica de uma forma compreensível para um grande público não deixa de ser um resumo da atividade jornalística tradicional, do rádio à internet. Cada veículo tem a sua técnica específica, sua tecnologia, atendendo a um determinado contexto histórico. Para o jornalista Nelson Traquina, português estudioso das teorias da comunicação, o jornalismo pode ser definido, de maneira mais ampla, como “conjunto de ‘estórias’” (2005). Segundo o autor, os jornalistas, com as suas notícias diárias, são os contadores de histórias modernos, referindo-se, portanto, a uma longa tradição, de séculos, de contadores de histórias.

Expediente fundamental do ato de contar histórias, a narrativa pode ser explicada como “todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado” (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 11). Colocar as notícias contemporâneas como narrativas em nenhum momento retira o caráter informativo delas, mas sim que “os leitores aprendem com as notícias”, dizem os autores. Assim como, há séculos, o povo aprendia e tomava para si conceitos por meio de narrativas orais na era primitiva, sem tecnologias.

Para Kovach e Rosenstiel (2004), a finalidade básica do jornalismo não é tão dependente dos meios tecnológicos; ela está mais relacionada com a maneira que a notícia influi na vida das pessoas, o que os autores chamam de uma característica “elementar”. Sem dúvida, o jornalismo tem na informação sua matéria-prima ou essência. Todavia, é importante problematizar essa questão. Parece fundamental também a atuação do contexto tecnológico para a transmissão das informações e sedimentação de algumas certezas e estereótipos ou resumos de eventos – que aqui podemos pensar como elementos do imaginário.

Parte-se, assim, da ideia de que os meios de comunicação são capazes de transmitir imaginários e o fazem por meio da sedução. Os meios de comunicação não costumam impor de maneira aberta um ponto de vista, muito menos deixam de se importar com a capacidade inventiva de seu público. Até porque, como lembra Silva (2012), nesse complexo jogo de sedução por meio da imagem, emissor e receptor podem, muitas vezes, trocar de papéis. O medo de alguma reação externa com determinado conteúdo, por exemplo, pode fazer um veículo deixar de publicar algo, mostrando que a manipulação também pode ser de fora para dentro.

Porque jornalismo não é só informação e opinião. Também é um negócio que precisa ser bem vendido. Realiza-se agora uma breve incursão histórica para discutir a importância da capitalização do produto jornalístico nessa construção das tecnologias do imaginário e seu poder de sedução no jornalismo. O século XIX, por exemplo, foi fundamental para a imprensa. Surgia também um novo modelo de sociedade oriunda da revolução das máquinas.

O século XIX europeu mudou radicalmente as condições em que se exercia o jornalismo. Com a Revolução Industrial, o público leitor ampliou-se rapidamente. A crise no modo de produção feudal – destruído, entre outros fatores, pela concorrência dos produtos vindos de regiões recém-colonizadas da América, África e Ásia – deslocou importantes contingentes de população para as cidades. O surgimento de instalações fabris concentrou, em condições sociais particularmente difíceis, os operários – cujos antepassados, os artífices, trabalhavam e, suas próprias aldeias (na origem, a palavra fábrica quer dizer “a casa do operário”). A organização do trabalho e a expansão do comércio exigiam grande número de administradores, capatazes e técnicos, necessariamente alfabetizados. (LAGE, 2001, p. 12-13).

Segundo Nelson Traquina, “o desenvolvimento da imprensa está relacionado com a industrialização da sociedade e com o desenvolvimento duma nova forma de financiamento, a publicidade” (2005, p. 36). Isso porque é com o advento da industrialização e da publicidade que o jornalismo vira um negócio. Era necessário, pois, expandir a circulação, arrebatar mais leitores, e, com isso, também garantir a receita publicitária: “O segredo da imprensa consistia, à medida que o capitalismo avançava, na rapidez com que chegava aos leitores e na possibilidade de contá-los aos milhões” (SODRÉ, 1983, p. 05).

As novas formas de financiamento da imprensa, as receitas de publicidade e dos crescentes rendimentos das vendas de jornais, permitiram a despolitização da imprensa, passo fundamental na instalação do novo paradigma do jornalismo: o jornalismo como informação e não como propaganda, isto é, um jornalismo que privilegia os fatos e não a opinião. Com as novas formas de financiamento, a imprensa conquista uma maior independência em relação aos partidos políticos, principal fonte de receitas dos jornais ainda no início do século XIX (TRAQUINA, 2005, p. 36).

O jornalismo de informação ganha força com o surgimento das agências de notícias em meados do século XIX, tanto nos Estados Unidos, como nos principais centros europeus – a saber, França, Inglaterra e Alemanha. É importante compreender também que o surgimento do mito da imparcialidade irrompe num contexto do positivismo reinante. Com ele, surgiu a ambição de um distanciamento científico, rumo à verdade absoluta. O jornalismo se assenta até hoje nesse pressuposto com jeito de dogma, de que todo o conteúdo informativo oriundo do jornalista está livre de conceitos prévios de cada sujeito. Seria o equivalente ao mito da racionalidade humana, que ajudou a justificar as ideias do imaginário iluminista e sedimentar

uma tradição espalhada em diversas áreas.

Hoje em dia, diante do conhecimento das noções de pós-modernidade e afins, soa anacrônico acreditar plenamente nessa lógica. Mesmo assim, talvez em uma nova bacia semântica, em outro panorama cultural e tecnológico, não podemos desprezar ainda esse culto à verdade no jornalismo. Se é verdadeiro que o positivismo perdera força, também é plausível compreender que o jornalismo precisa ser exato no relato noticioso ideal. Segundo Kovach e Rosenstiel (2004), a procura pelo que há de verídico é o que diferencia o jornalismo das demais formas de comunicação. Mas aí vem a questão: que verdade é essa? Os mesmos autores colocam que o fazer diário do jornalismo não implica reflexão, mas ação. Logo, não há chance em uma redação de um debate filosófico do que é verdade. A verdade para o jornalista é “funcional”.

Os autores citam um exemplo de como o uso inadequado do termo “equilíbrio” pode levar à distorção. Se a maioria dos cientistas reconhece o aquecimento global como um perigo iminente para o planeta, seria um “desserviço” colocar uma voz científica contrária (minoria) só para equilibrar as fontes. Seria distorcer uma realidade para o público em nome de um conceito mal aplicado. Para passar “uma versão confiável dos fatos”, portanto, não é o jornalista que tem que ser objetivo – uma vez que é um ser humano como qualquer outro. Assim, as chances de distorção tendem a diminuir.

Por isso, surgiu a técnica. Aqui, surgem as noções de Heidegger, interpretadas por Silva (2012), no contexto das tecnologias do imaginário. A técnica não é um fim em si mesma. Isso é importante para a compreensão não só do papel da técnica, como também da potência latente nas tecnologias. Para o autor, a técnica tem uma essência que, por sua vez, não é técnica. A essência da técnica tem papel desvelador, de descoberta. Vem de uma vontade humana a iniciativa da criação de técnicas e tecnologias para atingir um determinado fim, muitas vezes transformador ou controlador. O sujeito que cria e domina uma técnica acaba também por ser influenciado pela criatura.

Temos um exemplo de fácil apreensão quando pensamos na relação do homem com a natureza. A técnica de plantio não se resume à técnica, deixa vestígios, resíduos, transforma o campo. E também impacta na vida do homem, que criou a técnica para o domínio de determinado produto antes natural, alterando a sua forma de produção. Torna-se, assim, fundamental compreender a técnica por sua essência e não pelo instrumento, pelo fim e não pelo meio. Só assim poderemos compreender o imaginário que emana da tecnologia. Para Silva (2012), as tecnologias do imaginário no jornalismo têm essa vocação de interferência,

de mudança de uma realidade. “O jornalista não é o camponês que cultiva a terra, mas o explorador que provoca as energias sociais para alcançar um resultado máximo ao menor custo” (SILVA, 2012, p. 104).

Se Kovach e Rosenstiel (2004) falam em “verdade funcional” a que a técnica jornalística submete a informação no seu cotidiano, Silva (2012) amplia a questão ao dizer que há uma confusão entre “exatidão” e “verdade”. Segundo ele, a notícia num jornal é exata, mas não é a verdade absoluta. É uma versão. Isso porque a técnica jornalística não alcança “a” verdade. Em sua essência, está, sim, a espetacularização do acontecimento. Assim, “instala-se, de ponta a ponta, um imaginário” (SILVA, 2012, p. 105). Cada vez mais, defende o autor, a técnica jornalística funciona como uma provocação, um modo de desvelamento, jamais a verdade total. “A técnica jornalística busca um efeito: a sensação” (SILVA, 2012, p. 106). A técnica jornalística também foi fundamental no início da profissionalização do ofício, com um papel político de legitimação do seu fazer.

Quando jornalistas criam a técnica do *lead* (o início de uma matéria jornalística, onde está o mais importante da informação) e da pirâmide invertida (método de escrever um texto em ordem decrescente de importância dos fatos), surge, além da técnica em si, a especialização de uma função e uma profissão. Mais do que isso, a pretensão de traduzir os acontecimentos do mundo de forma atrativa ou, segundo Silva (2012), dentro de uma lógica de sedução, para espetacularizar o acontecimento – ser exato e, não necessariamente, verdadeiro. O mesmo vale para outros elementos que compõem o produto jornalístico, como a imagem. Barros (2010) lembra que a fotografia, por exemplo, surgiu também dentro desse contexto positivista e com o peso de conferir a verdade ao objeto retratado. Se talvez um texto não conseguisse extrair a plena verdade, com certeza uma imagem fidedigna de determinado assunto o faria, ainda se pensarmos com a cabeça do século passado e levando em consideração o mito da objetividade total. Para Nelson Traquina, os jornalistas “começavam a reivindicar um monopólio de saberes, indicativo da construção de uma ‘profissão’” (2005, p. 89), algo que, sendo essência, portanto, ultrapassa a própria técnica.

Quando a técnica do cinema foi criada, por exemplo, havia uma essência que ia além da própria técnica. Afinal, a técnica do cinema consiste em captação e reprodução de imagens editadas dentro de determinados narrativa e contexto. Sabemos todos, todavia, que o cinema supera tal mecanicismo e tem potência para espalhar imaginários de estilos de vida, ídolos e desejos pelo mundo inteiro. Ao fim e ao cabo, fica de tais elucubrações que a própria técnica é um imaginário, que, por sua vez, desperta tantos outros sucessivamente, numa rede de

associações. Se o imaginário pode ser encarado como uma rede, as tecnologias são um ponto dela, um nó para conexão em larga escala (SILVA, 2012).

O mesmo pensamento vale se deslocado para outra técnica jornalística, a reportagem, um exemplo muito rico do imaginário. Em combinação com o folhetim – novelas publicadas em capítulos diários -, era a grande arma para os donos de jornais atraírem leitores num jornalismo que deixava de lado a preferência por artigos opinativos e de cunho político para o fortalecimento das notícias na virada para o século XX. Nilson Lage (2001) aponta duas características primordiais desse embrião do “novo jornalismo”: uma vertente educadora e outra sensacionalista. A primeira se justifica pela sociedade que se moldava toda voltada à indústria. Uma sociedade impessoal, em que o homem não convivia mais com a mesma meia dúzia de pessoas no campo onde plantava. Podemos voltar a Morin, que destacava o sincretismo como elemento fundamental da cultura de massa. Trata-se, no caso do jornalismo, na busca pela união do setor da informação ao setor do romanesco.

A partir da Revolução Industrial, o homem se solidariza de uma maneira mais distanciada com o próximo, “em espasmos, numa greve, na torcida de um time de futebol ou na explosão de raiva de um quebra-quebra” (LAGE, 2001, p. 14). Lage explica que “tudo mudava rapidamente” (2001, p. 14), a vida se tornava mais dinâmica na sociedade industrial. O jornal, então, surgia como um importante veículo organizador. Os críticos – de literatura, moda, teatro... – davam aos leitores o tom do que ler, vestir, ver... O sensacionalismo aparece na maneira de levar essa mensagem às pessoas. No século XIX, surge um gênero literário, o romance, uma prosa mais acessível ao público, com histórias repletas de ação e drama, bem diferente das prosas eruditas dos outros séculos, como as de Shakespeare. E essa linguagem também serviu como inspiração para o incipiente jornalismo contar as suas histórias, aproximar-se do público e arrebanhar leitores: “A realidade deveria ser tão fascinante quando a ficção” (LAGE, 2001, p. 15). Eis a reportagem. O surgimento dela acarretou mais mudanças técnicas e de produção nas redações.

Do ponto de vista técnico, escritores de folhetins e jornalistas obrigaram-se a reformular a modalidade escrita da língua, aproximando-a dos usos orais ou cultivando figuras de estilo espetaculares, ora exagerando no sentimentalismo, ora incorporando a invenção léxica e gramatical das ruas. Descobriu-se a importância dos títulos, que são como anúncios do texto, e dos furos, ou notícias em primeira mão (LAGE, 2001, p. 15-16).

Valer-se da sedução, no jornalismo, parece mesmo depender menos da época. Porque, como vimos, desde que o jornalismo passou a ser um negócio comercial, tornou-se

fundamental a espetacularização, e isso não é de hoje. Na realidade, essa relação parece ser recíproca. Da mesma maneira que o jornalismo se constitui em uma tecnologia do imaginário em busca da sedução, o imaginário igualmente necessita de meios para se disseminar. E encontra boa parte dessa ressonância nos contadores de histórias do dia a dia, que podem ser escritores, romancistas, cronistas e repórteres. “Todos aqueles que procuram captar os flagrantes do vivido, livres da obsessão explicativa, impulsionados pelo vírus da empatia, da compreensão, da descrição, da fotografia (...) Todo imaginário é uma imaginação do real” (2012, p. 51). É provável que a sedução seja mais fácil de entender nos dias de hoje pela relação cada vez menos impositiva dos meios de comunicação com seu público, dados os avanços tecnológicos que propiciam uma apropriação maior por parte das pessoas comuns.

Após relacionar alguns autores, sobre Durand, Maffesoli e Silva, tem-se a intenção de traçar, antes de avançar para o próximo capítulo, algumas ideias que surgiram com tais reflexões, sem se desligar do objeto principal de estudo. Assim, vale perseguir o esforço de entender os meios de comunicação de 1950 como tecnologias com potencial de desvelar o imaginário daquela época, que parece contemplar um momento de transição entre o moderno e o pós-moderno.

Mais do que isso, sendo mais específico em relação ao estudo, entende-se que analisar a cobertura da imprensa esportiva na Copa do Mundo de 1950 e levar em conta o contexto tecnológico (tudo englobado como tecnologias do imaginário) pode ser o caminho mais rico para a compreensão da premissa fundamental do trabalho, que tenta entender o vilanismo de um jogador em específico a ponto de este se cristalizar no cotidiano de uma coletividade por décadas.

4. OLHARES SOBRE O JORNALISMO ESPORTIVO BRASILEIRO

4.1. O CRESCIMENTO DA CRÔNICA ESPORTIVA

Neste terceiro capítulo, a ideia principal é aprofundar os questionamentos já expostos, de tecnologias, imaginário e jornalismo, só que agora dentro do objeto principal, o jornalismo esportivo. Entende-se que o jornalismo esportivo praticado na imprensa dos veículos massivos tem certas características devido a fatores que eclodiram em momentos específicos e oportunos, valorizados por tradições inventadas e perenizadas por técnicas e tecnologias do imaginário existentes em seu tempo, como se houvesse bacias semânticas que reforçam ou enfraquecem determinadas práticas, que, por sua vez, também reforçam ou enfraquecem determinados imaginários. E, assim, impactam de forma decisiva sobre como os eventos esportivos marcam a vida das pessoas – no caso deste estudo, o vilanismo de Barbosa após a derrota do Brasil na Copa do Mundo de 1950.

Para quem trabalha no meio jornalístico, pode soar comum a denominação de cronista esportivo ao jornalista que cobre esportes. Aproveitando o início do capítulo, pretende-se agora uma breve problematização da nomenclatura e tentar justificá-la, uma vez que todo jornalista esportivo é tratado comumente como um cronista esportivo, seja ele repórter, narrador ou comentarista.

De acordo com Marques (2014), o papel da crônica pode ser dividido em dois momentos ao longo do tempo. Primeiramente, havia a crônica que fazia jus à origem do nome. Ou seja, um texto que carregava um relato temporal, cronológico, típico dos tempos medievais. A partir do século XIX, ela vai incorporar a subjetividade, característica tão cara à literatura, esta cada vez mais importante no então novo modelo de negócio capitalista que estava se fortalecendo no jornalismo. Embora a crônica mais comum que se lê em jornais não tenha o caráter cronológico de um relato medieval, ainda se sustenta como crônica por outros fatores. Ela é publicada com certa periodicidade, repete-se no tempo e, mais, costuma versar sobre assuntos do cotidiano, que ocorrem diariamente. É uma forma, defende Marques, de o leitor encontrar interpretação diante de um emaranhado de notícias e relatos objetivos. Não raro, a publicação recorre a cronistas conhecidos, que possam vir a chamar a atenção dos leitores e legitimar com mais tranquilidade determinado ponto de vista. Ao falar de cronista esportivo, Marques (2014) vê a expressão com tamanha peculiaridade que ela pode, ao mesmo tempo, significar tanto a busca pelo cronismo medieval quanto a prática mais

contemporânea da crônica. E é exatamente por essa situação particular que, na visão do autor, o jornalista esportivo conserva até hoje essa “aura” de cronista mesmo que, por vezes, não exerça a crônica na acepção da palavra.

O momento-chave na rotina de um jornalista esportivo é a elaboração da história de uma partida, seja o esporte que for. Tomaremos como exemplo uma partida de futebol. No âmbito do jornal impresso, o objetivo do que se chama de “crônica do jogo” ou “relato do jogo” é contar o que aconteceu nos 90 minutos de uma partida de futebol. Ou seja, tem-se uma escrita de caráter cronológico. Marques (2014) lembra que a escrita cronológica, adequada ao modelo da crônica medieval, era mais fiel e característica nos primórdios da imprensa esportiva no Brasil. Naquela época, idos de 1910, buscava-se não apenas relatar o resultado do jogo, mas descrever minuciosamente todos os detalhes do ambiente, a ponto de o placar final, que deveria ser a informação principal, não estar no início do texto. Respeitava-se, portanto, a ordem em que as coisas iam acontecendo na praça de espetáculo e não havia tanto a preocupação em hierarquizar elementos.

Assim como já fora visto no capítulo anterior, um modelo de texto mais direto dentro do contexto do *lead* também passou a ser incorporado para se relatar a crônica de uma partida de futebol, a partir da segunda metade do século XX. Não se precisa, todavia, ir muito longe para entender a ideia de cronologia dentro do jornalismo esportivo. Os sites especializados em esporte, cada vez mais presentes nos principais eventos, contêm uma ferramenta de acompanhamento das partidas em tempo real, em que são relatados os acontecimentos dos jogos em frases curtas, no exato momento em que vão ocorrendo. Depois, consolidam-se os melhores momentos em um texto adaptado à técnica moderna, com a hierarquização dos fatos mais importantes.

Para Marques, “é singular que a imprensa esportiva brasileira tenha assumido o uso do termo crônica em sua acepção medieval – a de crônica histórica e de narração de fatos -, contrariando a definição moderna do termo” (2014), como vimos no final do segundo capítulo. É importante ressaltar que, apesar da predominância da crônica “medieval”, há o cronista esportivo que se debruça sobre a crônica em sua faceta moderna. O autor lembra que, concomitantemente à crônica “medieval”, o colunismo esteve sempre presente no jornalismo esportivo, com maior ou menor força dependendo do momento. Marques (2014) cita nomes de peso falando de futebol, por exemplo, durante a Copa de 1950 no Jornal dos Sports: Mário Filho, José Lins do Rego e Tomaz Mazzoni.

(...) Colunistas e cronistas acabam assumindo, mais do que meros repórteres

ou redatores, a imagem dos depositários da sabedoria milenar. Colunas e crônicas representam, assim, uma espécie de oráculo, de consulta esotérica, que o leitor visa cotidianamente para referendar ou contrastar suas próprias opiniões (MARQUES, 2014, p. 205).

Em suma, faz-se necessário atentar para essa importante desambiguação. A expressão “crônica esportiva”, ou mesmo “cronista esportivo”, permite dupla significação, tanto de relato quanto de cunho literário, e abre terreno para a ideia de que esse campo é bastante complexo e rico e, muitas vezes, dotado de informalidade. E, por isso, nas próximas páginas, o jornalismo esportivo, sobretudo no Brasil, será mais detalhado, desde suas mudanças de perfis, passando pelos problemas e preconceitos e sua predileção maior pelo futebol. Elementos que moldarão tradições de técnicas e pensamentos na profissão e fora dela, na exteriorização de imaginários ao público.

O jornalismo esportivo no Brasil não passou incólume da tendência mundial em seu processo de eclosão e amadurecimento. Precisou, primeiramente, de acordo com Fonseca (1999), do despertar do interesse da elite em determinados esportes para fins de entretenimento. Atendeu também a um novo momento da imprensa, em que se buscava um novo jornal, visando ao lucro, com aumento no número de leitores e de circulação.

Antes de continuar, é importante ponderar por que o trabalho irá se deter a questões que tocam mais a fundo o panorama do futebol e do jornalismo do Rio de Janeiro. Compreende-se que as nuances da eclosão do jornalismo esportivo e do futebol no Rio de Janeiro são fundamentais para entender como chegamos, nesses dois quesitos, até a Copa do Mundo de 1950 e sua produção de imaginários.

O Mundial em questão foi disputado majoritariamente no Rio de Janeiro, outro fator a ser considerado. Em leituras preliminares durante a investigação do tema, também foi possível perceber muitos elementos em comum nos movimentos de crescimento do futebol e do jornalismo esportivo em centros de relevo, como São Paulo e Rio Grande do Sul. Logo, ao jogar mais luzes no exemplo do Rio de Janeiro, acredita-se já realizar um resumo bastante fidedigno do que se vivia naqueles tempos em outros estados brasileiros, além, claro, de conseguir aproximar mais do clima ou da aura que predominou nas Copas do Mundo, principalmente a de 1950.

De acordo com Botelho (2006), é a partir de 1870 que irrompe uma virada nos meios de produção da imprensa brasileira, tomando-se como exemplo a então capital Rio de Janeiro. O berço dessa efervescência está na mudança do próprio modo de se viver a cidade. Imperava a obsessão de se carregar o modo de vida europeu. O prefeito Pereira Passos, indicado pelo

presidente Rodrigues Alves, era engenheiro e “entusiasta da reurbanização de Paris arquitetada pelo barão Haussmann em meados do século XIX, quando a capital francesa ganhou a fisionomia que ostenta até hoje, com seus espaçosos bulevares” (PILAGALLO, 2002, p. 30). Partindo dessa tentativa de se montar uma Paris dos trópicos, iniciava uma grande campanha rumo à urbanização da cidade, sobretudo para atrair capital estrangeiro. Segundo Oscar Pilagallo, o Rio era conhecido até então pelo exterior como o “túmulos dos estrangeiros”: A frase do momento era “O Rio civiliza-se”, em que “a boemia intelectual iria ceder espaço ao homem apressado do século XX” (JORGE e BORGES, 2008, p. 185).

O “homem apressado do século XX” nada mais é do que o sujeito adequado às regras do capitalismo. Ou, ao menos, começando a se adequar, a partir de 1870, e assim o fazendo nos próximos 30 anos. O novíssimo cenário urbano cada vez mais transformado e seu imaginário de referência à Europa impactam a maneira de se fazer o jornal, agora apoiado na industrialização e na publicidade. Para se obter mais leitores e mais unidades vendidas em busca de mais receita publicitária, os jornais procuravam assuntos interessantes. A tecnologia para atingir a massa já existia. Faltava ainda a técnica correta para facilitar o escoamento do imaginário pretendido para, enfim, encerrar o círculo com o retorno financeiro da assinatura das edições. Entre esses assuntos, estão as colunas sociais, os folhetins e as crônicas, todas esses flertando de maneira direta com a literatura e recorrendo a escritores de renome como forma de chamar a atenção do leitor. Nesse mesmo contexto de “confusão” entre as funções de literato e o jornalista, surge o cronista do esporte. Caberá a ele também atender essa demanda de entretenimento.

A história do futebol carioca e brasileiro tem como peculiaridade a presença marcante da literatura e da imprensa na sua formação. Escritores e intelectuais fizeram o papel de historiadores do seu tempo e dos tempos passados ao se dedicarem ao futebol como tema de reflexão, engajamento e profissão (BOTELHO, 2006, p. 324).

Antes do futebol, todavia, o remo e o turfe dominavam a predileção das classes dominantes. Os três esportes têm origem inglesa e evidenciam mais uma vez a tentativa de se implantar conceitos e práticas da cultura europeia em solo brasileiro. O aumento da cobertura esportiva em relação ao futebol se dá pelo gradual deslocamento do interesse público para esse esporte em detrimento dos outros dois.

No entanto, o início foi tímido. Botelho (2006) acredita que a primeira menção a uma partida de futebol em periódico carioca se deu em setembro de 1901. O Correio da Manhã anunciava, em econômicas linhas, o jogo que ocorreria naquele dia 22, com as equipes

denominadas como Brasil e Inglaterra, embora não fossem as respectivas seleções – a seleção brasileira, da forma que a temos hoje, surgiu em 1914. Mesmo com a primeira edição do Campeonato Carioca, em 1906, os jornais continuavam protocolares no trato com o futebol. Havia quantidade crescente, porém ainda faltava aprimorar o formato para se apresentar o conteúdo. Botelho (2006) afirma que, entre 1912 e 1930, o espaço referente a esportes, sobretudo futebol, nos jornais cresceu mais de 1000%. O autor pontua ainda que, por volta de 1910, é possível notar o futebol bem mais popularizado, chamando a atenção não apenas da elite. Isso forçou um processo de aprimoramento do jornalista esportivo, que por muito tempo ainda conviveria com certo preconceito, visto como uma profissão menor dentro do meio jornalístico.

O jornalismo esportivo praticado nas décadas de 20 e 30 como uma tarefa de profissionais despreparados, mal remunerados e alheios a padrões éticos que, então, já eram valorizados, em particular a fidelidade à verdade factual e a sobriedade na forma de descrever os fatos. Não é possível esquecer, porém, o ambiente geral da imprensa no qual este jornalismo esportivo está inserido. Como mostra Nelson Werneck Sodré, os periódicos da época faziam proselitismo político em troca de favores variados, a dependência de verbas governamentais levava o noticiário político a pender explicitamente para um lado em detrimento de outros, não raro de forma exagerada e “sensacionalista”, e a falta de transparência quanto à propriedade dos meios de comunicação dificultava compreender os interesses por trás da opinião dos jornais (STYCER, 2007, p. 6).

Ajudou para esse lento processo de valorização, além da popularização do futebol e de seu interesse público, a participação de literatos de relevo nessa prática. Não que os famosos escritores se debruçassem sobre os pormenores de um duelo em campo. Todavia, apenas o fato de nomes proeminentes tecerem comentários e crônicas valorizando o esporte bastava para melhorar a impressão. Vejamos abaixo o exemplo do escritor João do Rio, encantado com o esporte que via cada vez mais caindo no gosto popular. “Em doze anos, tivemos a nevrose da pelota basca, a hiperestesia da bicicleta, o entusiasmo das regatas e finalmente o football, que se prepara agora para absorver todas as atenções” (RIO, 2014, p. 24). Ainda incipiente como esporte e prática jornalística, o futebol já era capaz de dividir intelectuais. Se João do Rio começava a se encantar com a modalidade, outros escritores tratavam de mostrar sua total insatisfação com o surgimento do futebol. Lima Barreto se constituiu num dos críticos mais ferrenhos. Prova de que o esporte realmente estava crescendo, a ponto de ter simpatizantes e opositores públicos.

Em 1917, foi fundada a ACD (Associação de Cronistas Esportivos) no Rio de Janeiro,

um passo bastante simbólico para a legitimação dessa função. Além de organizar a incipiente classe, a ACD promoveu o “Torneio Initium”, uma espécie de prévia do Campeonato Carioca. Assim, segundo Botelho, “o futebol carioca tinha como produtores e organizadores os homens de imprensa, que participavam ativamente desse processo” (2006, p. 328). Insere-se nesse contexto o importante aspecto ligado às finanças. Era preciso promover o futebol nos jornais para atrair público, que atrai receita, que, por sua vez, ajuda a sustentar clubes e o próprio torneio.

Essa relação entre futebol e jornalismo se aprofundaria com a progressiva profissionalização do esporte, a partir da década de 1930. Foi nessa década que surgiu o “Jornal dos Sports”. Foi, se não o primeiro, o mais significativo e longo diário esportivo exclusivamente dedicado à área naqueles tempos. Um movimento ousado, uma vez que ainda naquela época a desconfiança pairava de maneira contumaz sobre o jornalismo esportivo e seus profissionais especializados. Sigamos falando acerca da desconfiança. Foi sublinhado, linhas acima, que o ingresso de literatos a versar sobre futebol ajudara na aceitação do esporte dentro do meio jornalístico e, por consequência, no público em geral. Era, todavia, necessário ir além e fazer do futebol mais do que uma mera curiosidade a ser saciada em cada fim de semana. Precisava virar paixão.

Um dos pontos cruciais para esse ponto de virada foi o Campeonato Sul-Americano de 1919. Para começar, o torneio entre seleções fora disputado no Rio de Janeiro, o que levou à construção do então imponente estádio das Laranjeiras, até hoje vivo, porém decadente. A seleção brasileira tinha cinco anos de idade e conquistaria ali o seu primeiro título. O Sul-Americano de 1919 fez aumentar o interesse da população pelo futebol. E o espaço nas páginas dos jornais para o assunto cresceria em proporção semelhante. Reproduzimos abaixo a crônica da partida do jornal “A Noite”.

A concorrência, se não era colossal como a de domingo, era seletíssima, notadamente pelo número de senhoras. A animação, extraordinária desde 11 horas, tornou-se como poucas vezes tem acontecido ao aproximar-se a hora do jogo. Um alarido unânime atroava e nos morros vizinhos a multidão agitava bandeiras nacionais, por entre vivas. (...) O jogo de hoje era já de desempate e, assim, de graves responsabilidades para ambos os teams. (...) Brasileiros: Marcos, Pindaro e Bianco, Sergio, Amilcar e Fortes, Millon, Néco, Friedenreich, Heitor e Arnaldo. (...) 1º Half Time: Brasileiros 0 goal Uruguaios 0 goal – 2º Half Time: Brasileiros 0 goal Uruguaios 0 goal – Nova Prorrogação: 1º goal brasileiro Hurrah! Friedenreich! Hurrah – Brasil! Não havendo resultado nos trinta minutos de prorrogação foi pelo juiz ordenada a segunda prorrogação. A saída foi dos uruguaios e os brasileiros atacam, obrigando os adversários a um corner. Pouco depois Arnaldo é dado como off-side, mas os brasileiros não desanimam. Néco corre pela direita, centra, sendo a bola recebida de cabeça por Heitor, que a passa a Friedenreich. Este, com um shoot de meia altura, ao meio do poste, marca o 1o goal brasileiro. Hurrah! Friedenreich! Hurrah – Brasil! (...)

Final: Brasileiros 1 goal Uruguaios 0 goal – Com este resultado foram os brasileiros aclamados campeões da América do Sul (A Noite, 25/05/1919).

Do relato acima, pode-se inferir a respeito de alguns aspectos. Primeiramente, nota-se que o tamanho do texto aumentara em relação a notas mais frias, preocupadas em informar apenas o placar dos duelos. É importante ressaltar que ainda estaria pequeno o espaço dedicado ao jogo se pensarmos com a mentalidade contemporânea em relação a uma final de campeonato em que esteja em campo a seleção brasileira. Outros pontos: enxerga-se ali uma crônica mais embrenhada no estilo medieval, em que, como fora visto anteriormente, a história é contada obedecendo a uma ordem temporal. Valoriza-se, também, não só o jogo em si, mas até mais o ambiente que circunda a disputa. Temos, portanto, aos poucos, mais interesse do público e crescimento, embora tímido, da frequência do esporte, mais precisamente o futebol, nas páginas de jornais nas primeiras décadas do século XX no Brasil. Ainda incipiente, a imprensa esportiva se ressentiria de uma linguagem mais própria.

Foi só a partir do começo dos anos 1940 que o futebol ganhou os relatos apaixonados em espaços cada dia maiores. Nos diários cariocas, especialmente. E com colunistas como Mário Filho e Nelson Rodrigues (COELHO, 2003, p. 15).

Dono da citação acima, Paulo Vinicius Coelho é um dos mais conhecidos jornalistas esportivos do país na contemporaneidade, com trabalhos de relevo em rádio, televisão e jornal, além de livros publicados sobre o assunto. PVC, como é comumente chamado, tem a vivência da profissão e o conhecimento do valor do imponderado e do senso comum no processo de formação de um jornalista. Também entende o quanto é importante valorizar a memória afetiva de um torcedor apaixonado por um clube ou seleção na produção de conteúdo e conseqüente eclosão de imaginários. De seu relato mergulhado na verdade prática, lembrando Kovach e Rosenstiel (2004), surge a percepção da primeira grande fronteira. Coelho (2003) cita Mário Filho e Nelson Rodrigues, a quem serão destinadas linhas generosas exatamente por compreender os dois como agentes fundamentais da transformação do jornalismo esportivo brasileiro.

4.2 A “INVENÇÃO” DO FUTEBOL BRASILEIRO

Mário Filho foi o criador do supracitado “Jornal dos Sports” nos anos 1930. Era irmão de Nelson Rodrigues, o famoso escritor, cronista e dramaturgo brasileiro. Transformaram o que seria um estilo próprio em praticamente um manual de conduta obrigatório a quem

quisesse prosperar na profissão. Uma veia literária e espetacularizadora do futebol vista por décadas nas páginas de jornais e nas transmissões radiofônicas – dois meios de comunicação em que, invariavelmente, depositamos nossa confiança no emissário do veículo que está no estádio a contar a história. Talvez a técnica que estava faltando para “contaminar” o brasileiro com o imaginário do futebol. “Essas crônicas motivavam o torcedor a ir ao estádio para o jogo seguinte e, especialmente, a ver seu ídolo em campo. A dramaticidade servia para aumentar a idolatria em relação a este ou aquele jogador” (COELHO, 2003. p. 17).

Coelho (2003) problematiza a questão e entende que o jornalismo esportivo não pode ser definido apenas por essa vertente mais verborrágica e emocional, embora ela seja fundamental. Nelson Rodrigues, por exemplo, era míope e, muitas vezes, não tinha o completo discernimento para descrever um lance. Havia muito de imaginação em seus relatos. E informações inverídicas, que, naquela época, não seria possível de verificar instantaneamente, já que o único acesso imediato a uma partida de futebol era a transmissão radiofônica. O autor cita um lance em que Nelson Rodrigues relata o terceiro gol do Brasil na final da Copa do Mundo do Chile, em 1962. Segundo Rodrigues, Vavá fizera um gol de cabeça. No entanto, omitem-se a falha gritante do goleiro rival e o fato de que Vavá anotara seu tento com o pé direito.

Essa evolução na linguagem e na crescente preocupação com a exatidão das informações será tratada a seguir, até porque ela não surgiu de imediato, foi uma construção. Por ora, iremos nos deter ainda sobre os dois irmãos que, questionando-os ou não, foram pilares importantes da produção de imaginário na imprensa esportiva no Brasil. Tem-se como objetivo agora investigar a invenção de determinadas tradições a respeito da imprensa esportiva, suas narrativas e técnicas dentro das tecnologias disponíveis e contribuições para perpetuações, não só de modelos jornalísticos, mas, sobretudo, de noções que respingam na visão sobre o futebol brasileiro e até mesmo a identidade nacional, para depois influenciar a forma como vamos encarar, como brasileiros e também jornalistas esportivos, os fracassos das seleções em Copas do Mundo, mais precisamente a de 1950.

Mário Filho cresceu em uma família com negócios relacionados à imprensa. Natural de Recife, mas rapidamente radicado no Rio de Janeiro, aos poucos foi assumindo posições importantes nos jornais dos Rodrigues. Com 23 anos, já tinha larga experiência a ponto de chamar a atenção de Roberto Marinho, diretor do O Globo. Foi nas organizações de Marinho que lançou um dos primeiros jornais esportivos, o Mundo Esportivo, em 1931. Cinco anos depois, chegaria ao posto de proprietário do Jornal dos Sports, este, sim, um periódico de

êxito e longa duração no segmento esportivo no país.

Paira sobre a figura de Mário Filho o pretense título de “inventor” do jornalismo esportivo no país. Presume-se, todavia, que há um considerável grau de exagero nessa constatação. Em contrapartida, faz-se necessário sublinhar fatores que o levaram, se não ao completo pioneirismo, ao menos a um protagonismo legítimo. Capraro (2011) debruça-se sobre esse emblema gravado sobre Mário Filho. Em sua avaliação, Mário Filho obteve tamanho prestígio muito por obra do dramaturgo Nelson Rodrigues, que jamais cansou de espalhar para seus leitores a relevância do irmão mais velho. Para Nelson Rodrigues, Mário Filho apresentou aos leitores uma narrativa diferenciada em relação ao esporte nas páginas de jornais. A princípio, Mário, segundo Nelson, suavizou a veia excessivamente elitista dos textos esportivos. Deixou para trás os termos derivados do inglês para ir direto ao ponto e falar de brasileiro para brasileiro.

Na visão de Capraro (2011), é impossível retirar o rótulo de vanguardista do trabalho de Mário Filho – incentivou o esporte ao máximo, foi um entusiasta da realização da Copa do Mundo no Brasil em 1950 e se tornou um dos responsáveis pela criação do carnaval no Rio de Janeiro. Não à toa, após sua morte, o estádio Maracanã seria rebatizado com seu nome, homenagem que perdura. O autor, todavia, ressalva.

Mas a alcunha de "inventor" realmente se deu devido ao esforço e constante reforço por parte do seu círculo de convívio - composto, por sinal, por reconhecidos jornalistas, intelectuais e artistas; como, por exemplo, José Lins do Rego, Armando Nogueira, Gilberto Freyre e Roberto Marinho. No seio deste grupo de notáveis, o mais engajado em enaltecer as virtudes profissionais de Mario Filho foi seu próprio irmão, Nelson Rodrigues (...) (CAPRARO, 2011, p. 222).

A referência a Gilberto Freyre não é por acaso. O antropólogo e sociólogo pernambucano, autor da obra-prima *Casa Grande & Senzala*, impactou Mário Filho de tal forma que suas ideias se impregnaram no que se entende, grosso modo, do imaginário do futebol brasileiro. Neste momento, surge talvez a obra mais relevante e complexa de Mário Filho – e também de Nelson Rodrigues. Partindo das ideias de Freyre, Mário e Nelson irão definir o futebol muito além de um jogo de bola. O futebol brasileiro terá uma marca, um selo, para o bem ou para o mal.

A polêmica questão envolvendo o que é o verdadeiro futebol brasileiro, se o futebol-arte deve se sobrepujar ao futebol de resultados, ao futebol feio, é, portanto, muito mais longínqua do que as indagações já vistas em Copas do Mundo, como as de 1982 e 1994. O primeiro texto de Gilberto Freyre sobre o assunto foi publicado em junho de 1938,

intitulado como “Foot-ball mulato”. O teor das ideias e do título do texto se compreende ao se detalhar a data da veiculação. Estava se encerrando a participação do Brasil na terceira Copa do Mundo, disputada na França. A seleção alcançava a sua melhor posição, um celebrado terceiro lugar. E o país passava a reverenciar uma lenda. Leônidas da Silva foi o artilheiro do torneio e acabou eleito o melhor jogador pela Fifa (Federação Internacional de Futebol). O Brasil, livre do regime escravocrata havia exatos 50 anos, descobria um herói negro. E se convenciam, por meio das impressões de Freyre, o que tornava o futebol brasileiro diferente dos demais – mesmo ainda sem o sonhado título mundial em mãos.

Para Freyre, o segredo da boa campanha brasileira em solo europeu foi a “coragem de mandar um time fortemente afro-brasileiro”. Isso porque, em sua avaliação, só o brasileiro, por meio dessa mestiçagem, poderia ser dotado de qualidades como “surpresa, manha, astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual” (Apud BELLOS, 2003, p. 40). Freyre defende que o brasileiro aprimorou o esporte, tornado oficial pelos ingleses na segunda metade do século XIX, sobretudo como forma de educação escolar de jovens na Grã-Bretanha.

No Brasil, segundo o autor, ocorre uma saudável subversão: “Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, há alguma coisa de dança ou capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses” (Apud BELLOS, 2003, p. 40). Não por acaso, Freyre assinou o prefácio da obra seminal da história do futebol brasileiro, escrita por Mário Filho e publicada em 1946, menos de dez anos após a manifestação entusiasta de Freyre a respeito do jeito brasileiro de se jogar futebol. Considerada leitura obrigatória para amantes do esporte e jornalistas da área, “O Negro no Futebol Brasileiro” vem despertando nas duas últimas décadas estudos mais críticos em relação ao seu olhar dedicado a fazer vinculação do futebol a uma luta de raças. Vamos agora apresentar essas duas visões sobre um livro que, apoiado nas ideias de Gilberto Freyre, influenciou a forma de se cultivar o futebol no país e tem relação com a Copa de 1950 e Barbosa, personagem principal daquele evento e deste trabalho.

Começamos pela crítica ao livro, que, ao mesmo tempo, serve como forma de apresentação da obra. O professor Antônio Jorge Soares apresentou em 1999 uma teoria cética em relação a Mário Filho e ao “O Negro no Futebol Brasileiro”. De acordo com o autor, o incomodava o fato de o livro do jornalista pernambucano ser tratado como única fonte para se entender a história do futebol brasileiro. Assim, defende Soares, toda explicação a respeito de tal fenômeno acabou contaminada e seguindo a mesma tríade. Na visão de Soares, “O Negro

no Futebol Brasileiro” contou a história do futebol em três partes. Nele, verifica-se um problema fundamental, que era a subjugação do negro, depois um movimento de resistência e, finalmente, a ascensão do negro e sua afirmação no futebol. Para o autor, Mário Filho força ou valoriza demasiadamente uma relação causal entre a problemática racial e as fases do futebol no país, como se um não pudesse ocorrer sem o outro. Essa linha narrativa, portanto, iria se aproximar mais da ficção do que da realidade propriamente dita.

Soares (2012) sublinha a intrincada influência das ideias de Gilberto Freyre sobre Mário Filho. Para o autor, na verdade, não apenas Gilberto Freyre. Pairava no país uma onda otimista em relação à conciliação racial, simbolizada na miscigenação, na figura ímpar do brasileiro mulato. Mais do que uma forma de distinção de um estilo de jogar futebol, como fora visto linhas antes, esse orgulho dos anos 1930 e 1940 tinha a pretensão de transformar o povo brasileiro numa civilização diferenciada, dotada de características peculiares, únicas. Dessa forma, Soares segue sua crítica, colocando “O Negro no Futebol Brasileiro” como um épico do negro brasileiro, em que o vilão é o próprio preconceito ou a mazela da segregação racial. O autor duvida da plena veracidade dos fatos apresentados no livro de Mário Filho e encara a narração como romance em primeiro lugar. Soares considera que o épico montado por Mário Filho obedece aos preceitos dignos da estrutura de um conto:

a) ao herói impõe-se uma carência ou dano, uma proibição e o afastamento de sua comunidade; b) a proibição é transgredida, e o herói nessa etapa é enganado ou humilhado por seus antagonistas; c) o herói é submetido a provação, mas algo mágico lhe é doado auxiliando-o a superar as adversidades; d) o herói consegue o triunfo sobre as adversidades; a carência ou dano inicial são reparados, e assim ele retorna à sua comunidade reconhecido pelo seu feito; e) a continuidade do conto sempre levará ao herói uma nova imposição de dano que será mais uma vez reparada ao serem cumpridas todas as etapas subsequentes (SOARES, 2012, p. 17).

O primeiro capítulo da obra se chama “Raízes do saudosismo”. Ele coloca que, via de regra, os saudosos do futebol em suas origens no Brasil seriam, na verdade, homens de elite antes acostumados a um esporte completamente tomado pelos endinheirados e com o negro alijado. O ápice desses “novos tempos” se daria no final do capítulo com o título do Sul-Americano de 1919. Como já fora relatado linhas acima, esse torneio fora a primeira conquista do futebol brasileiro. Sua organização no Rio de Janeiro forçara, antes, a construção do estádio das Laranjeiras. Para Mário Filho, no entanto, isso era o que menos importava. O impacto da vitória de 1 a 0 sobre o Uruguai foi eminentemente racial. O autor do gol salvador foi Friedenreich, filho de um imigrante de origem alemã com uma professora negra (FILHO, 2003). O Brasil vibrava pela primeira vez com sua seleção brasileira e graças a um mulato de

olhos verdes. Era um ponto de virada magnífico para Mário Filho, empenhado em relacionar a miscigenação com o sucesso de uma nação.

Nas palavras empolgadas do narrador, nascia ali, naquele gol, o mito fundador do estilo brasileiro de se jogar futebol. “O chute de Friedenreich teria aberto o caminho para a democratização do futebol brasileiro, democratização que viria lentamente, mas que não pararia mais, a despeito de tudo” (FILHO, 2003, p.69). Aberta a porteira da democratização, Mário Filho usaria o segundo capítulo, chamado de “O campo e a pelada”, para mapear as conquistas dos negros em busca da total socialização por meio do futebol, no Rio de Janeiro. Ou seja, mantém a estrutura da tríade, com problema, conflito e solução. O conflito da vez era o abismo financeiro. O rico e branco tinha uma larga vantagem no aprendizado no futebol. Eram estudantes que tinham tempo para gastar nos campos estruturados erguidos pela elite. O pobre e negro não tinha esse luxo. Precisava improvisar no chão de terra batida, talvez sem a bola mais apropriada. A solução seria “invadir” o campinho dos brancos.

Há dois casos emblemáticos dessa natureza, ambos com generoso espaço em “O Negro no Futebol Brasileiro”. Primeiro, o do time do Bangu. Além dos terrenos baldios e campos de várzea, os negros encontrariam na Cia. Progresso Industrial uma maneira de jogar o futebol. Isso porque os operários mais qualificados da empresa originavam-se da Inglaterra, berço do futebol, e trataram de manter a tradição de seu país. Formaram um time de futebol, o Bangu Football Club. A questão fundamental é que não havia ingleses suficientes para completar as duas equipes. Chamariam, portanto, operários brasileiros. Em seu tom crítico, Soares questiona o motivo racial e invoca uma causa utilitária para a inclusão, não só do preto, mas do branco pobre, no contexto do futebol na indústria. Também indaga sobre a aparente contradição de que, ali na fábrica, os negros aprenderiam as técnicas do futebol. “Aprender o quê, já que os elementos básicos do esporte estavam no corpo do brasileiro (ginga, dança e capoeira)?” (2012, p. 29).

Outro ponto fulcral da mitologia do futebol brasileiro está ligado a mais um clube do Rio de Janeiro, o Vasco da Gama. Foi o primeiro time a ser campeão carioca com uma equipe formada basicamente de negros e atletas alijados dos círculos da elite, em 1923. Na visão de Mário Filho, isso foi possível graças à vocação dos portugueses à mistura. Tal movimento intensificaria a impressão deixada pelo sucesso anterior de Friedenreich na seleção brasileira, de que reinaria a miscigenação. “O rapaz de boa família, o estudante, o branco, tinha que competir, em igualdade de condições, com o pé-rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto para ver quem jogava melhor” (FILHO, 2003, p. 126).

A vitória do Vasco sacudiu os bastidores do futebol carioca. Os clubes tradicionais criaram uma nova liga, como forma de protesto, excluindo o Vasco. Embora exista em seu texto uma clara intenção de consagrar a narrativa mítica da ascensão do negro no futebol brasileiro, o autor não aborta a conexão com a realidade. Ponderou, por exemplo, que o Vasco, mesmo aberto a negros, queria, no fundo, bons jogadores.

O Vasco não fazia pretos: para o preto entrar no Vasco tinha de ser já bom jogador. Entre um branco e um preto, os dois jogando a mesma coisa, o Vasco ficava com o branco. O preto era para a necessidade, para ajudar o Vasco a vencer (FILHO, 2003, p.120).

Mário Filho também, por vezes, parece esquecer alguns pontos que ele mesmo citara. Entre os elogios ao Vasco pela iniciativa da miscigenação, o autor deixa um pouco de lado outro aspecto importante do clube carioca campeão de 1923. O Vasco permitia aos jogadores pobres não trabalharem durante o dia para poderem treinar. Assim, conseguiam igualar esse quesito em relação aos ricos estudantes que tinham mais tempo livre para o aprimoramento físico e técnico. Ou seja, pode soar contraditório, segundo Soares (2012), o fato de que o negro vencer pura e simplesmente por sua capacidade de improvisar, das vicissitudes dos campos de chão batido ou ainda devido à herança do jogo de corpo tão caro à capoeira.

A vitória inquestionável do Vasco em 1923 não teria esse tom dramático se simplesmente pensássemos que aquela equipe foi montada com excelentes jogadores dedicados quase que exclusivamente ao futebol, isto é, que viviam sob uma estrutura semiprofissional bem sucedida em relação aos demais. Não teria o charme que tem caso aqueles que se nutrem de Mário Filho estivessem atentos à própria narrativa de seu inspirador, quando descreve que a equipe do Vasco era treinada exaustivamente por Platero e os jogadores eram superiores em termos de preparação física porque viviam como “meninos de colégio interno”. Argumentos dessa natureza não serviriam para realizar um discurso épico do negro ou da mistura racial, com a roupagem do politicamente correto, como o que é apresentado nos artigos acadêmicos sobre o futebol (Cf. Soares, 1999). Por esta razão, a história do Vasco, para ganhar seu conteúdo dramático na fundação da AMEA, coloca o racismo em destaque e secundarizando o debate do amadorismo. (SOARES, 2001, p.118 e 119).

Para Soares, a procura por uma narrativa mitológica oculta, ou ao menos deixa passar despercebida, o que, em sua visão, é o elemento principal dentro do debate acerca da criação de ligas diferenciadas a partir da vitória do Vasco em 1923. De acordo com o autor, a questão é o amadorismo e não apenas o racismo. Soares argumenta que, assim como Gilberto Freyre, Mário Filho e os “novos narradores” contemporâneos que replicam tal modelo insistiram em confundir as noções de preconceito e segregação.

Na argumentação de Soares, havia, sim, preconceito, mas não necessariamente uma

segregação pré-determinada. O racismo seria um dos agentes dessa tensão, porém sem “reinar” sozinho. O que a nova associação criada após a vitória do Vasco pretendia, em primeiro lugar, era evitar a profissionalização do futebol, que ele seguisse com seu caráter amador, de esporte digno do desfrute das elites em seus horários vagos. Assim, essa associação realizava uma espécie de cruzada contra pessoas sem emprego fixo e que, por isso, poderiam estar, na verdade, sendo remuneradas para jogar futebol – o que, na visão da elite, configuraria uma vantagem no campo de jogo, como se viu na campanha vitoriosa do Vasco da Gama. Esse clube, por sua vez, jogaria o torneio de 1924 em uma liga alternativa, favorável à nova prática. O profissionalismo venceria essa batalha na década de 1930.

Para finalizar as explicações de Soares sobre sua teoria crítica de “O Negro no Futebol Brasileiro”, faz-se necessário sublinhar que o autor tem claro a ideia de que Mário Filho engendrou uma narrativa capaz de inventar uma tradição. Vale citar o exemplo que vem dos capítulos adicionais da segunda edição de “O Negro no Futebol Brasileiro”, publicada em 1964. Segundo Soares (2012), Mário Filho suprime algumas partes do texto original, em que versava sobre o poder democrático do futebol. O autor, no entanto, havia garantido a manutenção do texto integral no prefácio da segunda edição. Argumenta Soares que Mário Filho realizou alterações para, novamente, adaptar a realidade ao molde de sua narrativa épica. Antes, a sua obra havia se encerrado após um título da seleção, a Copa Rio Branco de 1932, numa espécie de consagração do Brasil de Friedenreich e Leônidas da Silva, dois negros e grandes jogadores, o primeiro passando para o segundo o bastão do símbolo do estilo brasileiro. No entanto, viria a Copa de 1950 e a traumática derrota para o Uruguai, sobre a qual dedicaremos mais páginas no próximo capítulo.

Por ora, torna-se relevante dizer que a perda de um Mundial jogando no Brasil foi vista por Mário Filho como uma derrota do ideal da união nacional por meio da miscigenação. O jornalista detectou no 2 a 1 sofrido de virada para o Uruguai no eterno 16 de julho de 1950, no Maracanã, uma prova de recrudescimento do racismo na figura dos negros culpados pela nação: o goleiro Barbosa e os defensores Bigode e Juvenal – este último teria se subjugado à figura imponente do capitão uruguaio Obdulio Varela, que lhe teria desferido um tapa, intimidando-o. Tal versão, todavia, jamais fora plenamente confirmada pelas partes. O ponto central é que, novamente, buscou-se explicar vitórias ou derrotas por meio de questões raciais, como se a raça brasileira mestiça não fosse suficientemente forte psicologicamente para encarar nações mais maduras ou preparadas do ponto de vista moral.

Cabe aqui uma opinião pessoal apoiada na própria origem do supracitado Obdulio

Varela. Não estamos falando de um uruguaio de ascendência e traços da Europa. Varela se constituía, na verdade, de um homem de pele escura e origem negra. Logo, tornando pouco verossímil a ideia de que o mestiço brasileiro seria débil apenas por ser mestiço. Mário Filho afirma que o trio formado por Bigode, Juvenal e Barbosa foi o “bode expiatório” da derrota que, antes de a bola rolar diante de 200 mil pessoas, era vista como uma vitória praticamente certa. O que Soares questiona é o real racismo que há na crítica ao trio, se não seria somente ponderações de cunho técnico devido a falhas no campo de jogo. Soares (2012) se apoia em dois argumentos. Primeiramente, considera estranho o fato de que os outros negros no time, esmagadora maioria, não haviam sido culpados. Ele também diz não ter encontrado indícios de racismo nas análises feitas pela imprensa nos dias que se seguiram à decisão no Rio de Janeiro.

O recrudescimento do racismo, segundo a análise que estou aqui realizando, parece apenas representar uma estratégia para Mário Filho anunciar dano, perseguição injusta, separação e, por fim, anunciar a vitória dos injustiçados e o retorno da unidade nacional; a afirmação do Brasil multirracional e miscigenado (SOARES, 2012, p. 25).

A vitória dos injustiçados chegaria oito anos depois, com o primeiro título de Copa do Mundo do Brasil, em 1958, no torneio disputado na Suécia. O mulato Garrincha e o negro Pelé se tornariam o símbolo do que, antes da paradigmática derrota para o Uruguai em 1950, foram Friedenreich e Leônidas da Silva. A história reeditada em 1964 começou a ser tecida no capítulo “A provação do preto” e depois finalizada em “A vez do preto”.

Assim, o NFB funciona como história mítica que vai sendo atualizada adequando-se às demandas de construção de identidade e/ou às denúncias antirracistas independentemente do piso sociológico, histórico ou antropológico do qual os textos afirmam partir (SOARES, 2012, p. 14).

Os pesquisadores Ronaldo Helal e Cesar Gordon Jr. trataram de realizar estudos de defesa à obra de Mário Filho. Em artigo publicado em 2012, os autores detalham os postulados de Soares, conferindo contrapontos à crítica inicial. A dupla afirma ter encontrado algumas contradições em Soares. A primeira delas se dá em relação à crítica de que Mário Filho falha ao não chegar a uma “verdade positiva” sobre a história proposta, das origens do futebol brasileiro. No entanto, Helal e Gordon Jr. (2012) questionam esse conceito de “verdade”, alegando que ele vai de encontro ao que os historiadores contemporâneos entendem. A noção de “verdade positiva” estaria, portanto, em desuso, sendo prática de uma

história antiga, calcada em preceitos modernistas e positivistas. Além disso, eles combatem o pouco crédito que Soares dá aos relatos orais descritos por Mário Filho ao longo da obra. Para Helal e Gordon Jr., é exatamente o contrário. Dar voz às testemunhas dos acontecimentos propicia o chamado “clima de época” tão fundamental para se compreender a atmosfera, o imaginário de um determinado tempo. Restringir “O Negro no Futebol Brasileiro” a uma obra literária, como defende Soares, seria “perder de vista um precioso documento sobre o futebol brasileiro” (HELAL e GORDON, 2012, p. 55).

Outra contradição, talvez a maior delas e que ocupa mais espaço na análise da dupla de pesquisadores, é em relação ao foco sobre as origens do futebol brasileiro. Soares critica os “novos narradores” de perpetuar uma história à moda Mário Filho, ou seja, preferencialmente centrada na questão racial. Na sua visão, como visto linhas acima, o eixo fundamental dos embates entre classes não era a cor da pele, mas, sim, distinções econômicas, que desembocariam na polarização entre seguir no amadorismo ou embarcar na corrente do profissionalismo do esporte. De acordo com Helal e Gordon Jr, Soares entra em contradição ao criticar um enfoque único e sugerir, como contrapartida, apenas outro enfoque unitário na mesma proporção. Assim, há apenas uma troca na “chave de leitura”, do racismo para o amadorismo.

A partir desse ponto, os pesquisadores se debruçam sobre o quão seria lógico e condizente com a realidade da época de Mário Filho levar em conta, de maneira prioritária, a questão racial e suas implicações no futebol. A dupla defende que o racismo sempre ocupou enorme espaço no interior do pensamento social brasileiro. Segundo eles, o início do século XX em solo brasileiro ainda sofreu com uma pesada e direta influência dos tempos da escravidão oficial, que terminara em 1888. Imperava uma espécie de ideal do “branqueamento” da população, em que se buscava esconder a origem negra da identidade nacional. Mário Filho relata casos que se tornaram pilares do imaginário do futebol brasileiro.

Primeiro, sobre a origem do drible, da ginga, do improvisado do atleta natural do país. Sempre, claro, fazendo a relação com o racismo. De acordo com Mário Filho, o drible nasceu da proibição inicial que pairava sobre os negros, impedidos de entrar em contato corporal com os brancos das classes abastadas dentro do campo de jogo. Assim, precisavam “criar espaços” para passar com a bola. Eis o drible. Narrativa combatida com afinco por Soares, que se espanta ao ver, provocativo, que a graça do futebol brasileiro tenha surgido, na verdade, da submissão do negro em relação ao branco. Já que não poderia confrontá-lo, o primeiro tinha que, obrigatoriamente, contornar o segundo, argumenta o crítico (SOARES, 2012). Em seu

tom crítico, o autor condena diversas vezes as apropriações de momentos do futebol como pontos de virada de um sentimento coletivo. Como o já citado gol de Friedenreich pela seleção brasileira em 1919, de um mulato, prova de que esse era o caminho do projeto de nação de mestiçagem. Ou o ápice desse conceito, com o êxito do menino Pelé, no Mundial de 1958, desafiando o preconceito, que teria sido flagrante perante os jogadores culpados pela derrota na Copa do Mundo de 1950. Helal e Gordon Jr. (2012) consideram esses e outros momentos importantes, mas também tentam evitar exageros. Aposentam o termo “democratização” para tais fases e preferem detectar um “relaxamento das tensões raciais”.

Ou seja, há o reconhecimento de um movimento em que os negros deixaram de ser coadjuvantes para disputar protagonismo no cenário do esporte nacional. A virada mais concreta se dá com o profissionalismo na década de 1930, por meio do qual os menos favorecidos economicamente conseguiam maior igualdade no acesso aos meios necessários para um bom desempenho esportivo. Os autores consideram a década de 1930 decisiva para o futebol brasileiro sob outros aspectos. Vivia-se o período do Estado Novo, a ditadura de Getúlio Vargas, de 1937 a 1945. O então governante se colocava como protagonista de um projeto nacionalista, de integração de todo o Brasil. E fez do futebol uma bandeira, entre tantas outras, para chegar mais perto da população.

O futebol torna-se um espaço atravessado por feixes de interesses, discursos e processos simultâneos: é, ao mesmo tempo, um dos únicos domínios de que negros e mulatos dispõem para ingressarem no sistema econômico brasileiro; matéria-prima de um discurso de integração nacional; e objeto de massificação e popularização. Não resta dúvida de que todos esses fatores se encontraram no futebol a partir da década de 1930 e serviram, de vários modos, para torná-lo o 'esporte nacional' (HELAL e GORDON JR., 2012, p. 65-66).

Apresentamos, pois, os pontos principais de exaltação e crítica da principal obra de cunho histórico sobre o futebol brasileiro, realizada por um dos proeminentes jornalistas esportivos, capaz inclusive de ser alçado por muitos como um dos precursores das noções contemporâneas da própria profissão. Pode-se depreender que, a despeito de tomar partido sobre qual linha crítica adotar, “O Negro no Futebol Brasileiro” tornou-se fundamental para legitimar e propagar a construção de uma identidade do futebol brasileiro, que viria a ser espalhado ao longo das décadas pelo país e pelo mundo afora, pelos meios de comunicação em suas narrativas.

Correta ou não, essa tradição inventada ou construída pela prosa de Mário Filho encontrou um ambiente propício para florescer, em que havia grandes pensadores, como

Gilberto Freyre, a elucubrar sobre as questões relativas à identidade nacional e a busca pelo progresso da nação, paradigmas tão caros à modernidade. Talvez não tenha sido necessariamente o futebol brasileiro a ser inventado pelas letras de Mário Filho. Mas que isso tenha ocorrido de forma simultânea à principal das construções, a do próprio “jeitinho brasileiro”, expressão tão famosa em todo o mundo até hoje.

Vamos nos deter nas próximas linhas a Nelson Rodrigues, irmão de Mário Filho, e também responsável pela reverberação dessa forma mais voltada ao literário de se esquadrinhar o que acontece num campo de futebol. Se, ao contrário de Mário, Nelson fora menos empreendedor no negócio do futebol e do jornalismo, acabou se tornando um grande propagandista do esporte em suas crônicas nas quais não havia pudor no excesso lírico. Inspirou gerações. E criou tradições. Da dor pela perda do Mundial de 1950, por exemplo, surgia a expressão “complexo de vira-latas” e o reforço do jornalista daquela época, e de algumas décadas a mais, de vincular o futebol a um projeto de país, como também fariam governantes. Uma tradição trabalhada com afinco pelo estilo do jornalismo esportivo da modernidade.

Nelson Rodrigues é, para Facina (2004), um escritor eminentemente de veia romântica, portanto, dramática, e que encara o mundo com a certeza de que algo se perdeu no meio do caminho. O desencanto rodriguiano tem a ressalva no futebol, visto por ele como:

a única possibilidade de redenção dos brasileiros. (...) As suas crônicas esportivas têm um tom épico, em que os jogadores, pretos, mulatos e de origem humilde em sua maioria absoluta, são os heróis que redimem a nação e se auto redimem das humilhações que pesam em suas histórias de vida (FACINA, 2004: 89).

Não à toa, impregnado pela ideia de que o futebol possa ser a salvaguarda de um projeto nacional, Nelson Rodrigues consagrou a expressão “pátria de chuteiras”. Termo que também denuncia a sua predileção pelo tom hiperbólico ao tratar o futebol como algo muito além do campo de jogo. Vai tão além, para Nelson Rodrigues, que os aspectos psicológicos são, normalmente, levados mais em consideração do que questões técnicas ou táticas, elementos que só décadas depois se tornariam alvos de destaque. Esse costumava ser o tom das suas narrativas de derrota: dramáticas, por vezes exageradas e realizando a passagem natural do gramado para a nação. Perder uma Copa do Mundo era uma mostra de falência do país. Ao contrário, vencê-la seria o remédio para todos os males.

Para Nelson, o brasileiro tinha tudo para não ser vira-lata em 1958. O famoso texto em que inaugura tal tese é cheio de ideias que permearam a cobertura da derrota do Brasil em

1950. Tem-se a ideia de que a seleção brasileira perdeu em razão de seu comportamento, do seu acovardamento em detrimento aos valentes e destemidos uruguaios. Segundo Nelson, esse é o problema central do Brasil, em todos os setores. O resto, a nação já tem. Ilustra-se, com isso, a tendência maior por “romancear” o esporte na imprensa do período.

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo (...) Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: — e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: — porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos. Eu vos digo: — o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender lá na Suécia. Uma vez que ele se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota. Insisto: — para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão (RODRIGUES, 2013, p. 81).

Um ano antes da Copa, Nelson Rodrigues também se notabilizou por um prognóstico que se revelaria acertado. Escreveu uma crônica com fartos elogios a Pelé, um menino de 17 anos, do Santos, que jogaria, em 1958, seu primeiro Mundial. Foi Nelson Rodrigues o primeiro a chamar Pelé de Rei, bem ao seu estilo de metáforas e hipérboles literárias. E o fato de Pelé ser até hoje conhecido como Rei do Futebol somente reforça o quanto, além de Mário Filho, Nelson Rodrigues era lido, consumido e reverberado. Capaz, portanto, de influenciar gerações.

O meu personagem anda em campo como uma dessas autoridades irresistíveis e fatais. Dir-se-a um rei, não sei se Lear, se imperador Jones, se etíope. Racialmente perfeito, do seu peito parecem pender mantos invisíveis. Em suma: ponham-no em qualquer rancho e a sua majestade dinástica há de ofuscar toda a corte em derredor. O que nós chamamos de realeza é, acima de tudo, um estado de alma. E Pelé leva sobre os demais jogadores uma vantagem considerável: - a de se sentir rei, da cabeça aos pés. Quando ele apanha a bola, e dribla um adversário, é como quem enxota, quem escorraça um plebeu ignaro e piolhento (RODRIGUES, 2013, p. 86).

Até hoje, fala-se do “complexo de vira-latas” para explicar algum infortúnio da nação ou da seleção. Até hoje, Pelé é conhecido como o Rei do Futebol. Mas muita coisa mudou no jornalismo esportivo brasileiro. Apesar da reconhecida marca deixada no DNA dessa categoria pelo estilo de Mário Filho e Nelson Rodrigues – sem contar outros não abordados neste trabalho –, o jornalismo esportivo passou por outros momentos de viradas e transformações, que se relacionam com as técnicas e tecnologias que avançam durante as décadas de consolidação da profissão e do próprio futebol.

4.3 PONDERAÇÕES SOBRE NOVAS ROTINAS

Contextualizamos no segundo capítulo que o jornalismo moderno eclodiu com o avanço da industrialização e da publicidade. Em busca da verdade absoluta ou ao menos em defesa da pretensa isenção, os veículos procuraram ser o mais exato possível. A estrutura do *lead* e da pirâmide invertida garantiria, portanto, um texto menos provido de emoção. Quando falo em texto, também me refiro ao texto em televisão, por exemplo, que, em suas primeiras décadas, era praticamente um texto direto, com a inserção de imagens. O jornalismo esportivo, todavia, alimentou-se do flerte com a literatura por mais tempo na imprensa considerada tradicional, a consumida no dia a dia. Aos poucos, todavia, acabaria também impactado pelo “culto ao fato”. Aqui, vale ressaltar, não se faz juízo de valor a respeito de qual configuração textual ou de tratamento ao esporte possa ser mais eficaz. Retrata-se agora tão somente as mudanças a qual foi submetido o jornalismo esportivo ao longo das últimas décadas no Brasil, o que será de valia para algumas diferenciações entre os modelos aplicados em 1950 e 2014 e, assim, podendo, provavelmente, impactar no que diz respeito às técnicas e às tecnologias do imaginário.

A partir dos anos 1960, a imprecisão deixa de ser recurso retórico e passa a ser encarada como uma mazela no jornalismo esportivo, que passou a se preocupar cada vez mais em fazer um relato fiel de seu objeto. É o primeiro ou principal sintoma da profissionalização da área. Ou melhor, especialização. Nessa década, as redações começam a criar editorias específicas de esporte. Ampliam-se as publicações destinadas exclusivamente ao assunto. É nesse período que surge, por exemplo, a Revista Placar, expoente do ramo no país até hoje, embora bastante combatida pela crise geral dos meios de comunicação impressa (COELHO, 2003).

Todos esses profissionais estão envolvidos exclusivamente no trabalho de trazer e publicar informações. Não têm nenhuma relação com o ofício de opinar. Os textos opinativos são publicados com distinção gráfica bem evidente, para caracterizá-los como diferentes dos textos informativos (STYCER, 2007, p.8).

Não demorou para essa especialização refletir em novas pautas na rotina das seções esportivas. Diante de equipes destinadas exclusivamente ao assunto e com mão de obra mais farta, foi-se além dos 90 minutos de uma partida para abordar outros aspectos do esporte, mais especificamente o futebol. A política do futebol, a economia, a corrupção de dirigentes... um novo leque se abria. Vamos a alguns exemplos:

Em 1974, o *Jornal do Brasil* publicava a seguinte reportagem: "Futebol S.A: A falência de uma Empresa". Em 1976, o Estado de São Paulo escreveu "A estrutura de um futebol em decadência". Já o jornal *O Globo* publicou uma série de debates com técnicos, jornalistas e dirigentes sobre "A decadência do futebol brasileiro". Entre as manchetes estavam "Torcedores desencantados, abandonam o estádio", "Jogos ruins, vaias, esta é a rotina" (LEMOS, 2003, p.5)

Seria correto afirmar que o jornalismo esportivo estava “caindo na real”? Talvez. O que parece ser mais exato dizer é que, assim como Mário Filho tinha um contexto a respaldá-lo em seus relatos romantizados e progressistas, os anos 1970 em diante reforçariam uma nova tendência, da busca do que é real, palpável, visível.

O encanto de contornos místicos que emanava dos rádios e dos relatos hiperbólicos de anos atrás passava a fazer cada vez menos sentido com a popularização da televisão e, mais do que isso, a transmissão ao vivo de partidas de futebol. Todos viram a seleção de 1970, tricampeã mundial no México. Mas não temos os mesmos textos épicos das conquistas de 1958 e 1962. Em 1970, até Pelé, o melhor de todos, soa menos místico. Não se lia mais um novo “anjo das pernas tortas”, como fora apelidado Garrincha, no bicampeonato, nas letras de Nelson Rodrigues. Ou, ao menos, essas expressões literárias perderam capacidade de reverberação. Os jogadores se tornaram mais mortais. A televisão, portanto, exigiria uma nova capacitação a quem trabalhasse com a tarefa de relatar um jogo, como exemplificam os dois autores a seguir. O primeiro faz a diferenciação do ponto de vista da verossimilhança, de uma espécie de contrato social que o jornalista acaba tendo que aceitar diante do valor irrefutável da imagem diante dos olhos de todos. Mudam-se, assim, as palavras, os estilos, a própria técnica. Uma nova tecnologia que pode, inclusive, impactar o imaginário.

Com a TV, não dava mais para esconder, aumentar, diminuir ou alterar o que acontecia nos estádios. As transmissões certamente tiraram das crônicas e do próprio futebol, uma áurea romântica e sagrada de craques e de jogos, relatados de pai para filho, através dos anos (LEMOS, 2003, p. 7).

O segundo autor que nos ajuda a compreender essa importante fronteira que arrebatava a todos por meio da transmissão de imagens e som, sobretudo ao vivo após os anos 1970, vai além e detecta as mudanças internas nas redações, e não apenas na forma de exteriorizar conteúdo escrito aos leitores. Houve readequações de perfil de profissional e uma tentativa de renovar a cobertura, com novas técnicas.

A Folha de S.Paulo iria ocupar um lugar particular no campo, a partir dos anos 80, por meio de duas ações paralelas: a paulatina substituição dos seus veteranos jornalistas

por quadros bem mais jovens, recém-saídos da universidade, e a utilização intensiva das estatísticas como ferramenta na explicação dos resultados esportivos (STYCER, 2007, p. 7).

Coelho (2008) realiza uma comparação de dois momentos marcantes do futebol brasileiro em Copas do Mundo e o respectivo tratamento por meio da mídia – e o quanto as técnicas e as tecnologias podem interferir no imaginário. O autor traçou um paralelo entre Bellini e Dunga. O primeiro, que seria campeão e capitão em 1958, não era cotado para assumir a condição de titular. Segundo Coelho, “Bellini era duro, um botinado, que dava de bico mesmo” (p. 19). O zagueiro mais clássico era seu colega, Orlando. No entanto, a imagem que ficaria para posteridade transformou esse paradigma. Bellini se notabilizou por ser o primeiro capitão a levantar uma taça no futebol. Antes dele, normalmente, os atletas apenas mostravam o troféu, sem erguê-lo.

O gesto do Bellini, sem querer uma vez que apenas atendera os pedidos dos fotógrafos na Suécia, arregimentou um imaginário particular. “Inspirou jornalistas como Nelson Rodrigues e Mário Filho a produzir crônicas enormes e cheias de emoção, que o celebraram como zagueiro elegante, mito do futebol brasileiro” (2008, p. 19). Não tínhamos como recorrer a muitas imagens em 1958, e o que ficou registrado preponderantemente e acabou espalhado por gerações foram as fotos ou precárias imagens em movimento de Bellini com a taça.

Talvez Dunga tivesse maior capacidade técnica que Bellini, já que se configurava num volante de boa marcação, mas também de muito potencial em lançamentos e passes qualificados. Ficou para a história, todavia, com outro emblema, bem diferente do “elegante” Bellini. Assim como Bellini, Dunga levantou uma taça improvável. Não seria mais a primeira da seleção, mas encerraria um jejum de 24 anos sem conquistas mundiais. Dunga foi considerado um dos culpados pela eliminação precoce, nas oitavas de final, na Copa anterior, em 1990. Quatro anos depois, deu a volta por cima e ergueu o troféu. Porém, sem a finura de Bellini. Xingou os críticos que o malharam durante quase meia década, enquanto balançava a taça sobre a cabeça. “Passou a ser conhecido como líder da equipe, mas jamais mereceu o tratamento de lenda do futebol mundial” (2008, p. 21). Coelho ressalta que, “nos relatos sobre o tetra e sobre o pentacampeonato, faltou a dramaticidade que sobrava nas coberturas das campanhas de 1958, 1962 e 1970.

Tal comparação e suas consequências parecem reforçar a íntima relação entre técnicas, tecnologias e o imaginário que daí emana de um determinado evento para a posteridade. Em 1958, temos o discurso romantizado sobre a figura do capitão e uma imagem que o realça

como tal. Em 1994, aparece uma narrativa mais factual e menos empolgada, apoiada em imagens mais variadas e que se aproximam com menos dúvidas do que Dunga queria passar ao levantar a taça, sem elucubrações de quem escrevera, já que a imagem tinha a pretensão e a autoridade para ser explicativa.

Lemos (2003) sublinha que o jornalismo esportivo que privilegia a realidade em detrimento ao fantasioso também tem um público específico que, via de regra, vê paixão como sinônimo de pouco profissionalismo. O que gera uma tendência das últimas décadas, de jornalistas não assumindo publicamente a predileção por determinados clubes, bem diferente do profissional do início do século XX.

Jornalistas que ainda não conseguem se desvencilhar de suas opções pessoais não conseguem se firmar, a não ser em programas especificamente criados para promover rivalidades. O leitor de hoje cobra fotos de igual tamanho para clubes rivais, manchetes de igual destaque, teor informativo e isento na descrição dos jogos (LEMOS, 2003, p. 9).

Os portais de notícias na internet se colocaram como agentes fundamentais na busca por um jornalismo esportivo cada vez mais informativo e exato. E também da readequação de outras mídias nos últimos anos. Os jornais, por exemplo, precisaram se reinventar e ir além do registro factual, que pode vir a ficar “velho” no dia seguinte ao acontecimento já publicado em tempo real nos sites. O mesmo vale para a televisão, um meio bem menos flexível em relação a horários e programação, uma vez que depende de toda uma grade prévia e combinada com muita antecedência, ao passo que o webjornalismo tem uma estrutura mais simples para publicação de notícias e geração de fluxo de informações.

Saem na frente as coberturas realizadas através das mídias eletrônicas, sites, rádio e tevê. Elas podem cobrir os fatos em tempo quase real e trocar as informações ao longo de todo um dia. Já os veículos impressos passam atualmente por uma fase de adaptação. O furo nos jornais tornou-se raro. A regra geral nas editorias e linhas editoriais é o aprofundamento dos fatos, a análise da notícia, e não mais o factual por si só (LEMOS, 2003, p.8).

Notamos, portanto, uma corrida em direção a uma especialização maior dentro do ramo do jornalismo esportivo, que poderia ser sinônimo de profissionalização por meio de mais ciência e menos paixão. Talvez essa inferência seja realmente bastante plausível. No entanto, ela se faz mais exata quando falamos de jornais impressos, que precisam, hoje em dia, almejar ineditismo para evitar a superação pela internet. E falamos também do próprio webjornalismo, que tem em sua raiz fundamental essa busca por informação a todo instante,

ou seja, precisa de investimento de tempo e pessoas entendedoras a fundo do assunto em questão.

Parece que na televisão corremos em outro caminho, em sua maioria. Nesse meio, o jornalismo esportivo caminhou do relato mais convencional para uma paulatina flexibilização dos processos produtivos. Após a consolidação da televisão nos anos 1960, as décadas seguintes foram de apostas em novos formatos. O documentário Canal 100 é visto como uma das tentativas pioneiras em adaptar o futebol ao audiovisual (CAMARGO, 1998). Segundo Coelho (2003), o programa Globo Esporte, de exibição de segunda-feira a sábado, na TV Globo, confirma essa tendência de a televisão ir no sentido contrário, pois ele o define como um retorno ao romance e à paixão dos anos iniciais do jornalismo esportivo brasileiro. Assim, enquanto o jornal impresso, hoje em dia, prefira perseguir o aprofundamento, a televisão tenta alcançar a sensação, o drama, o entretenimento, além da informação factual.

A discussão rumou para o terreno mais prático para se tentar mostrar que, ao menos por esses exemplos, práticas velhas e contemporâneas talvez sejam relativas. O que, em 1950, era exagerado e romântico, pode ser, em 2014, piegas e desnecessário. Isso no jornal impresso, por exemplo. Todavia, um telejornal dos anos 1960, que transmitia notícias de maneira mais fria e direta, possa causar estranheza a quem hoje está acostumado com uma matéria de televisão repleta de efeitos e elementos que visam a descontrair o telespectador. É bem provável que nenhuma forma tenha sido extinta completamente e também utilizada por todos. É bem provável que tudo isso siga coexistindo, com maior ou menor frequência, dependendo do contexto do local, das técnicas e tecnologias disponíveis.

5. A IMPRENSA BRASILEIRA E AS COPAS DO MUNDO

5.1 MARACANAZO: TRAGÉDIA QUE ERGUEU UMA TRADIÇÃO

É notória a série de mudanças pela qual passou o jornalismo esportivo brasileiro, sempre acompanhado de alterações no próprio futebol. E este, por sua vez, constituindo-se em espelho das transformações políticas e sociais do país. Neste capítulo, pretende-se apresentar, de forma mais direta, essas questões em relação às Copas do Mundo e suas técnicas e tecnologias engendradas para cristalizar imaginários.

Para ingressar de vez no mundo das Copas, torna-se válida uma rápida pontuação de temas tratados anteriormente. Verificou-se, por exemplo, na década de 1930, a importância dos textos inflamados de Mário Filho e Nelson Rodrigues, que ajudaram a compor um cenário de ode ao futebol nacional. “Contribuiu para a transformação do futebol brasileiro no grande espetáculo das multidões ao promover concursos entre torcedores e estimular sua carnavalização” (JUNIOR, 2007, p, 78). Dessa iniciativa, surgiram bandeiras, hinos, símbolos, mascotes, torcidas uniformizadas, elementos que até hoje se fazem presente e constituem a identidade de cada clube. É também nesse período que futebol e política do país se encontraram de maneira contundente. No momento de crescimento da intervenção estatal e da semente do populismo com Getúlio Vargas, a seleção brasileira começará a virar instrumento de paixão. E de redenção política. “O futebol era reconhecido pelos novos governantes como eficiente meio de mobilização das massas, e a seleção como ingrediente fundamental da representação da nacionalidade” (JUNIOR, 2007, p. 78).

Nessa época, houve a primeira edição da Copa do Mundo. É bem verdade que, nos primeiros Mundiais, de 1930 e 1934, o Brasil teve participação modesta, assim como fora a cobertura dos meios de comunicação, sem transmissões radiofônicas. Contribuiu ainda para tamanho distanciamento a polaridade entre paulistas e cariocas. Havia uma manifesta rivalidade entre os dois estados, oriunda da política do “café com leite”, em que representantes paulistas e mineiros se revezavam no poder. Para se ter uma ideia da rusga, o craque da era amadora do país, o mulato Friedenreich, autor do gol decisivo no Sul-Americano de 1919, não foi convocado para a primeira Copa. Só atletas do futebol carioca acabaram chamados para uma campanha pífia. O problema político também atrapalhou em 1934.

Para o Mundial de 1938, houve mudanças. O Brasil vivia, então, na ditadura de

Getúlio Vargas, o período do Estado Novo, em que reinava a obsessão por uma ampla unificação. Tudo deveria ser padronizado. Os feitos da nação, exaltados. É dessa época a instauração, por exemplo, da Hora do Brasil e de um forte aparato para difundir a propaganda do regime, que se apoiava na “difusão de uma ideologia trabalhista de conciliação das classes e da valorização da ordem, da disciplina e do nacionalismo” (JUNIOR, 2007, p. 80). O futebol ingressava como uma das maneiras de exibir o sucesso do Brasil progressista que parecia irromper. O futebol dava ares de mudanças, com a ampliação do conceito de profissionalismo, cerne de questões tão importantes anos antes, envolto em racismo e preconceito de classe. O profissionalismo chegara em 1937 à Confederação Brasileira de Desporto (CBD). A novidade ajudou a seleção a, enfim, se preparar melhor para uma Copa do Mundo.

O sucesso da empreitada brasileira em solo francês em 1938 já fora mostrado no capítulo anterior. O time alcançou um honroso terceiro lugar, com direito a ter o artilheiro do campeonato, Leônidas da Silva, o Diamante Negro, que, segundo a mitologia do esporte nacional, fora o inventor do movimento conhecido como bicicleta. Não basta, todavia, jogar bem dentro de campo. As pessoas precisavam saber dos feitos. A Copa de 1938 foi um marco no jornalismo esportivo brasileiro ao ser a primeira das Copas com transmissão ao vivo por meio do rádio, desde sempre encarado pelos governos como um instrumento de aglutinação social. Também passa a ser importante em outros aspectos que, particularmente, interessa a esse trabalho de forma mais direta. Nela, tem-se vestígios de elementos das narrativas de vitórias e derrotas que a imprensa esportiva brasileira passaria a adotar e a realçar de forma definitiva em 1950.

Nas duas primeiras Copas, soube-se conviver com parcimônia diante de campanhas ruins. A edição de 1938 foi a primeira a causar um furor nacional. O sucesso da equipe despertou uma atenção ainda não vista na mídia a respeito do futebol, assim como um sentimento de orgulho nacional. O time não venceu, mas o terceiro lugar foi capaz de elevar o moral de todos e evitar comentários mais críticas sobre se seria possível chegar ainda mais longe.

A seleção de 38 foi responsável por lançar no brasileiro a esperança de ganhar, pela primeira vez, um campeonato mundial, entretanto, a derrota ainda não era capaz de provocar ressentimentos contra nossos atletas e tampouco nos fazer remoer com insistência, conjecturas a respeito dos possíveis motivos que nos tiraram do caminho da vitória (COSTA, 2008, p. 17).

Os jogadores foram recebidos com festa no Rio de Janeiro. A valorização ao jogador

mulato, produto da tão cara miscigenação brasileira, chegou ao ápice por meio de Gilberto Freyre e Mário Filho. O “jeitinho brasileiro”, a ginga, o drible, tudo passou a ser celebrado de maneira ainda mais contundente. Imprensa e, por conseguinte, público passaram a se orgulhar de um país com seu jeito próprio - e eficaz -, de se praticar o esporte que já era, de longe, o mais popular do país. O jogo de maior significação daquela campanha de 1938 foi a vitória em cima da Tchecoslováquia. Uma batalha que duraria duas partidas, uma vez que ainda não havia prorrogação. Depois, surgiu a derrota para a Itália, em que não se apontaram culpados se não o árbitro, que teria marcado um pênalti duvidoso para os europeus. A vitória diante da Suécia, valendo pelo terceiro lugar, coroou a trajetória. “A verdade é que aquela campanha já tinha sido uma excelente e bem aproveitada oportunidade de exposição e inserção do Brasil na geografia mundial do futebol” (COSTA, 2008, p. 23).

O Brasil não venceu o torneio, é verdade. Mas, além de se colocar no mapa do esporte internacional, deu mostras de que poderia ser o futuro. Até porque tinha heróis dos quais se orgulhar e depositar esperanças, como Leônidas.

Nesse sentido, a Copa de 1938 é uma máquina fabuladora de histórias e narrativas da vitória que consagram esse novo perfil de craque-herói, cujo modelo se mantém até hoje forte em nosso imaginário. Por conta disso, mesmo que o título não tivesse vindo, a Copa havia criado uma atmosfera de entusiasmo, euforia e muita expectativa em torno dos campeonatos mundiais que ainda estavam por vir. A Copa cumprira um papel nem um pouco desprezível, afinal saíamos dela com a convicção de que o futebol brasileiro estava em plena ascensão (COSTA, 2008, p. 24).

Para confirmar a onda de otimismo, finalmente, na década de 1940, a seleção conseguiria se mostrar forte perante os rivais da América do Sul, com títulos consecutivos de diversos torneios, entre eles o Sul-Americano de 1948. Dois anos depois, seria a vez de o país receber a sua primeira Copa do Mundo. O momento não parecia mais propício para a coroação do futebol brasileiro, construído por seu povo e imprensa como genuíno, para, enfim, tornar-se potência global.

Em 1950, a cobertura da imprensa – principalmente a do Jornal dos Sports, no Rio de Janeiro, não poupou esforços em criar uma atmosfera de euforia e expectativas, por conta da participação da seleção na Copa. Embora a atenção dada ao evento fosse incomparável ao que temos hoje em dia, em relação aos anos anteriores, é perceptível que o futebol e a seleção nacional passaram a ocupar cada vez mais espaço nas páginas de jornal. E a seleção de 50 se fazia merecedora de tamanha atenção. A ótima campanha e o vistoso futebol apresentado, de fato, nos davam motivos para acreditar na conquista inédita (COSTA, 2008, p. 28).

Antes de tudo, faz-se necessário tentar entender por que a derrota na final da Copa do Mundo de 1950 ganhou tamanha relevância a ponto de até hoje ser discutida e lembrada – ganhou o nome de Maracanazo, emprestado do aumentativo em espanhol de Maracanã, como assim se referiam os uruguaios sobre a sua inesperada conquista em solo brasileiro. Afinal, o Brasil já havia disputado as outras três Copas anteriores e só conseguira ir bem em 1938. Talvez esteja nessa questão o ponto de virada.

O fato de estar, finalmente, tão próximo da conquista ressignificou a importância do campeonato. Dentro de campo, havia total motivo para euforia, uma vez que, até enfrentar o Uruguai, o Brasil jogara cinco vezes, com quatro vitórias (com direitos a três goleadas) e apenas um empate. Desta vez, mesmo com maioria de jogadores oriundos de clubes do Rio de Janeiro, havia uma ideia de que entraria em campo um time que representaria a unidade nacional (JUNIOR, 2007). O Brasil se revezou entre jogos no Rio de Janeiro e em São Paulo. Os momentos memoráveis, no entanto, ficaram reservados ao Maracanã.

O estádio, construído após forte campanha nos jornais por Mário Filho, tornou-se, naquele momento, o maior estádio do mundo. Seria uma prova de que o país poderia se tornar uma potência internacional, tanto no futebol quanto no cenário político. Aliás, 1950 era ano de eleições, e o futebol virou tentativa de colhimento de prestígio e votos (JUNIOR, 2007). “O destino da própria nação parecia estar depositado nos pés dos onze jogadores. Tratava-se de uma grande oportunidade de mostrar mundialmente que o país era capaz de grandes realizações e conquistas” (COSTA, 2008, p. 13).

Voltando ao palco do Maracanã, testemunharam-se ali duas goleadas no quadrangular decisivo que definiria o campeão. O time treinado por Flávio Costa anotou 7 a 1 na Suécia e 6 a 0 na Espanha. Nesse jogo, o penúltimo da campanha, o estádio cantou em uníssono a música “Touradas de Madri”, composta por João de Barro, num gesto que ficou marcado para sempre. Mal sabiam os brasileiros que o mais marcante estava por vir. E que viria em forma de silêncio. O emudecimento coletivo na derrota para o Uruguai, no domingo de 16 de julho, se transformaria numa espécie de grande síntese para tentar explicar o tamanho da dor da torcida brasileira.

Como já vimos, havia três motivos fundamentais para tal decepção: a esperança oriunda da campanha promissora da Copa de 1938, o fato de se jogar em casa em 1950, num estádio novo e símbolo do potencial da nação e, por fim, a questão mais pragmática dos resultados favoráveis em campo. A seleção só precisava empatar com o Uruguai atuando diante de seu torcedor para ser campeão mundial de maneira inédita.

Embora a análise esteja prevista para ocorrer apenas no próximo capítulo, iremos apresentar algumas informações oriundas de jornais da época para uma melhor compreensão prévia do contexto e do cotidiano do evento. A capa do Diário de Notícias, do Rio de Janeiro, no domingo, antes da partida, carregava esse tom de pioneirismo do momento: “Em nenhuma época se assistiu ao que se está vendo hoje: milhões de pessoas com o pensamento voltado para o desfecho de uma partida que vai indicar o campeão mundial de futebol” (DN, 16/07/1950). São elencados os motivos do favoritismo do Brasil, denotando pouca preocupação com o time rival: “Dentro da lógica, dentro dos fatos naturais que se oferecem ao exame da crítica, sua equipe não deverá constituir ameaça grave às pretensões do Brasil” (DN, 16/07/1950).

O clima de euforia é praticamente unânime e comprovado quando o jornalista Geneton Moraes Neto se dispõe a ouvir todos os 11 brasileiros que entraram em campo “para serem campeões do mundo, mas que se tornaram personagens do maior drama da história do futebol brasileiro”, em texto que ilustra a capa do livro “Dossiê 50” (NETO, 2013). O “já ganhou”, como se diz no jargão do futebol, estava presente entre torcedores, setores da imprensa e da própria CBD. A Confederação Brasileira de Desportos resolveu trocar o local de concentração dos atletas na véspera do duelo, deixando um pacato retiro na Barra da Tijuca para ir ao movimento alojamento do estádio São Januário, do Vasco da Gama.

Outro ponto que eclodiu posteriormente ao jogo e que não se podia ver imediatamente era a controvérsia em relação à figura de Flávio Costa. Candidato a vereador naquelas eleições, teria sido um dos responsáveis pela troca da concentração e por permitir a invasão de políticos ao convívio dos jogadores, que mal conseguiam aproveitar uma refeição com sossego. Em campo, Flávio Costa foi acusado por setores da imprensa de ter proibido marcação mais forte. A maioria dos jogadores nega. Bigode foi driblado pelo uruguaio Alcides Ghiggia nos dois gols da virada do time celeste.

Agora, vamos relatar mais um elemento que até hoje permeia o imaginário que recaiu sobre a inesperada derrota no Maracanã. A figura de Obdulio Varela. Capitão do Uruguai, o experiente meio-campista ficaria famoso por vencer aquele jogo “no grito”, como se diz na gíria futebolística. A ele foi atribuído o mérito de suplantar os brasileiros pelo lado psicológico, liderando os uruguaio e intimidando os brasileiros. A maioria das críticas em 1950 se baseou em aspectos anímicos. Uma das expressões mais recorrentes na imprensa nos dias posteriores, de acordo com leitura prévia realizada para o trabalho, eram “falta de fibra” e “covardia” dos jogadores diante do Uruguai, um exemplo do oposto. Começou-se a exaltar a

figura de Obdulio Varela, exemplo de controle emocional e que soube, segundo os cronistas da época, manipular os ânimos e amedrontar os brasileiros, dando, inclusive, um tapa em Bigode – fato desmentido pelos atletas do Brasil. A não ser por Chico, único jogador a confirmar a versão ao jornalista Geneton Moraes Neto.

De acordo com Costa (2008), a suposta agressão de Obdulio sobre Bigode ganhou contornos significativos graças à insistência do jornalista Mário Filho no assunto, que o tratou como símbolo de um eventual despreparo psicológico do Brasil. “O bofetão de Bigode apontava para uma dificuldade do brasileiro: a de reagir diante de certas situações. Uma espécie de insegurança marcava a índole nacional, o que se refletia na incapacidade dos jogadores de revidarem o tapa” (COSTA, 2008, p. 120).

Ou seja, via-se o Uruguai como uma nação mais bem acabada, como definiria a revista semanal *Esporte Ilustrado*: “Os uruguaioi foram mais práticos, mais objetivos e a lição que fica: jogo de futebol ganha-se no gramado marcando gols, porque dribblings bonitos, filigranas perfeitas e passes bem executados, enchem os olhos, mas não ganham jogos” (EI, 20/07/1950).

Via-se nos jornais, como seria ressaltado também em “O Negro no futebol brasileiro”, uma espécie de prostração nacional. Como se o projeto de nação, construído aos poucos desde o início dos anos 1930 e que estava prestes a ganhar inédita impulsão, tivesse sido soterrado abruptamente.

Uma derrota, atribuída ao atraso do país reavivou o tradicional pessimismo da ideologia nacional: éramos infelizes por um destino ingrato. Tal certeza acarretou nos brasileiros a angústia de sentir que a nação tinha morrido no gramado do Maracanã (PERDIGÃO, 1986, p. 78).

Quatro anos depois, uma nova morte, esta real, abalaria o país calcado no populismo, com o suicídio de Getúlio Vargas. Mas, em 1950, já havia sido feito uma espécie de funeral tamanho o silêncio do Maracanã com o gol de Ghiggia, que será detalhado em linhas posteriores. Além de poder empatar o jogo, o Brasil começou vencendo, com gol de Friaça, no primeiro minuto do segundo tempo. Porém, Schiaffino, aos 21, e Ghiggia, aos 36 minutos, mexeram o placar, sem apelações. Duas jogadas muito parecidas, que calaram cerca de 200 mil pessoas, o maior público que já se reuniu num estádio para ver futebol. Derrota da nação, velório encenado em campo, dúvida sobre a vocação do brasileiro para a competição. Muito passou a ser discutido a partir da derrota de 16 de julho de 1950. Até o uniforme seria alterado para os Mundiais seguintes. Morria a camiseta branca e azul para nascer a até hoje cultuada

“amarelinha”.

A repercussão da derrota, portanto, foi do tamanho da expectativa criada. Se, antes de a bola rolar em campo, os jogadores já eram tratados como campeões, natural que virassem, em questão de horas, grandes vilões. O que não se notava nas Copas anteriores, segundo Costa (2008). A autora pondera que “o modo pelo qual costumamos narrar as derrotas da seleção em Copas do Mundo foi consolidado com a derrota de 1950. É desse mesmo evento que nasceu nosso modelo de vilão ainda pertinente nos dias de hoje” (COSTA, 2008, p. 14).

“A Copa de 50 foi a mãe de todas as derrotas. A primeira sofrida pela seleção brasileira no Maracanã continua a ser a maior de todas” (NETO, 2013, p. 26). Mais do que ser a mãe de todas as derrotas, a queda do Brasil diante do Uruguai em 1950 forjou a maneira com a qual a imprensa esportiva do país passou a construir as narrativas das campanhas brasileiras em Copas do Mundo. A partir desse marco, a imprensa se baseou na reprodução de tal modelo, da busca de culpados e da exacerbação da condição do vilão. Ou seja, ao errar, o jogador não erra apenas tecnicamente. Suas falhas são revestidas de críticas de cunho moral e até de identidade nacional (COSTA, 2008).

Se na Copa de 1938 o terceiro lugar fora exaltado, em 1950, diante de todas as circunstâncias analisadas anteriormente, o vice-campeonato virou motivo de uma incursão em massa ao divã. A culpa é de quem? Dos nossos defeitos morais como nação? Da nossa prepotência antes de o jogo ocorrer? Méritos do Uruguai? Ao fim e ao cabo, todos esses elementos permearam as crônicas e artigos dos jornais nos dias posteriores à derrota de 16 de julho. Havia, no entanto, a necessidade de se eleger vilões particulares, além das justificativas já citadas, como a prepotência e o planejamento falho. Costa afirma que os vilões “nascem em meio ao turbilhão provocado por uma derrota” (2008, p. 12). No caso de 1950, tratado pela autora como a mitologia da narrativa da derrota no jornalismo esportivo brasileiro, verifica-se uma notoriedade muito maior aos vilões.

O gol fatal de Ghiggia se tornaria o motivo da pretensa vilania. O veloz ponteiro uruguaio driblou, primeiramente, Bigode na linha lateral. Depois, não foi alcançado por Bigode no ingresso à área. Todos esperavam que Ghiggia fosse cruzar a bola, como fizera no primeiro tento celeste. Eis que o jogador resolve chutar em direção à meta. E surpreende a todos. Inclusive, o goleiro Barbosa, que vê a bola passar num espaço pequeno entre seu corpo e a trave esquerda. Por que Bigode não foi mais viril diante de Ghiggia? Por que Juvenal não acompanhou a disparada do rival? Por que Barbosa não guarneceu melhor seu canto? O lance que mudou a história do futebol brasileiro virou motivo de debates ao longo do tempo.

A premissa deste trabalho, calcada na experiência oriunda do cotidiano do jornalismo esportivo e do futebol brasileiro, é de que Barbosa acabou como maior vilão da derrota para o Uruguai em 1950, embora houvesse outros atores na cena. Costa (2008) desfila uma série de fatores para tal, que serão levados em conta durante a análise do *Jornal dos Sports* no próximo capítulo.

Um dos argumentos de Costa reside no fato de que Barbosa acabou vítima de sua própria competência. Ou seja, tratava-se de um grande goleiro, então ídolo do Vasco e da seleção, campeão do Sul-Americano de 1948... que teria levado um grande frango. “Sem dúvida, essa versão tem muito mais poder de repercussão do que uma falha de marcação”, caso de Bigode, um defensor apenas mediano e sem grande alarde midiático (COSTA, 2008, p. 96).

A autora, assim, considera que o tamanho vilanismo de Barbosa também está relacionado a sua condição de quase herói da qual ele chegou a desfrutar. Por isso, o gol de Ghiggia se tornaria “espantosamente impactante”: “Quando ele mostrou-se humano, talvez tenhamos nos sentindo traídos por um ídolo que imaginávamos possuir forças sobrenaturais” (COSTA, 2008, p. 101). Barbosa seguiu jogando mais 12 anos após a Copa de 1950, mas não teve chances de dar a volta por cima na Seleção. No Pan-Americano de 1952, ficou fora da convocação – apenas quatro nomes do Maracanazo, entre eles Bigode, foram chamados. Também foi alijado da Copa de 1954, mas, desta vez, pelo infortúnio de uma lesão. Dos derrotados de 1950, somente Bauer iria ao Mundial seguinte.

Costa (2008) também entende que essa particularidade, de não conseguir provar o seu valor mais vezes pela Seleção depois do revés, possa ter contribuído para a mitologia do vilão eterno de Barbosa, que jamais se redimira. Pelo contrário, de grande goleiro e ponto forte do time brasileiro passou a conviver com a fama de “frangueiro”, arqueiro que falha muitas vezes. Barbosa cunhou uma frase que virou quase axioma e símbolo de sua amargura: “Aqui neste país a pena máxima de um criminoso é de trinta anos. Eles estão me cobrando há 47” (apud Souto, 2000, p. 69).

Uma impressão que só viria a aumentar com o passar dos anos. Em 1970, por exemplo, com a televisão virando realidade na casa dos brasileiros, a Copa do Mundo não era mais privilégio de espectadores nos estádios. E o Brasil enfrentaria o Uruguai pela primeira vez desde 1950. Prato cheio para a imprensa recordar o encontro anterior e, claro, repetir à exaustão o gol sobre Barbosa, desta vez mais fácil de chegar à casa de boa parte dos brasileiros. Costa (2008) acredita que esse momento televisivo, após a exibição nos cinemas,

configurou-se em um reforço fundamental do imaginário do vilão sobre o goleiro.

Aos apaixonados por futebol ou de boa memória sobre a história das Copas, tende a ser plausível que se relacione diretamente o nome do goleiro à lembrança imediata, aura ou, simplesmente, imaginário da Copa de 1950. O que interessa aqui neste trabalho, sobretudo, é como tal impressão se enraizou e colou como rótulo ao evento por meio de uma cobertura jornalística. Vamos agora remanejar a discussão do vilanismo entendendo-a como uma ferramenta para exemplificar a cristalização de um imaginário. Uma cristalização realizada por técnicas e tecnologias do imaginário.

Costa (2008) valoriza a força da imagem para o imaginário do vilão. Na avaliação, além de não ter conseguido a redenção em campo, Barbosa sofreu com outro elemento na construção de seu personagem de vilão: a falta de imagens. O menos virou mais. “As poucas imagens que sobraram não serviram de auxílio a Barbosa, ao contrário, sua escassez reforçou a hipótese de erro do arqueiro brasileiro que nunca teve a oportunidade de provar o contrário” (2008, p. 87).

Barbosa, entretanto, foi um vilão raro. Não somente entrou para a história, como se tornou símbolo máximo da derrota de 1950. Seu abatimento, seu desconsolo ao levantar-se do chão após o gol de Ghiggia transformaram-no na tradução viva daquele desastroso jogo. Lembrar do Maracanazo, hoje em dia, é lembrar daquela seqüência de imagens em preto e branco que nos mostram um homenzinho aproximando-se rapidamente da pequena área, para em seguida levantar poeira do gramado ao chutar a bola na direção da meta brasileira. Essa seqüência foi uma das poucas cenas que sobraram da filmagem daquele jogo (COSTA, 2008. p. 98).

Faz-se necessário aprofundar o contexto sobre a partida. A Copa do Mundo de 1950 foi uma Copa transmitida por rádio e jornal. “A derrota do Brasil foi o último acontecimento esportivo nacional que escapou das lentes da televisão. Naquele julho de 1950, a televisão estava para nascer no Brasil” (NETO, 2013, p. 30). Autor de biografia de Barbosa, o jornalista Roberto Mulyaert dá a dimensão do que significou a única filmagem do gol de Alcides Ghiggia, naquela tarde de domingo no Rio de Janeiro. Ele compara àquela fita ao único registro do assassinato do presidente norte-americano Kennedy, em 1963. Ou seja, seria equivalente praticamente à prova de um crime. Até porque, curiosamente, embora houvesse quase 200 mil pessoas no Maracanã, 10% da população carioca à época, trata-se de um universo pequeno de testemunhas oculares para o relato a longo prazo ou se compararmos aos milhões que hoje podem assistir a um jogo pela televisão.

Além da memória, existem sete registros fotográficos, cinco feitos atrás do gol e dois

batidos do alto, das cabines de rádio. E, mais importante, há o filme da corrida e do gol de Ghiggia, a nossa versão anônima da película de 8mm de Abraham Zapruder, aquele comerciante que filmou o assassinato do presidente Kennedy, com uma câmera defeituosa, em 22 de novembro de 1963 (MUYLAERT, Roberto, 2013, p. 13).

O momento-chave da tragédia cristalizou-se de tal forma que até um filme fora criado tentando voltar no tempo. É o curta-metragem “Barbosa”, de 1988, dirigido por Ana Azevedo e Jorge Furtado, baseado no conto de Paulo Perdigão “O dia em que o Brasil perdeu a Copa”. Nele, um homem obcecado pela final de 1950 volta à partida por meio de uma máquina do tempo a fim de evitar o gol de Ghiggia, numa tentativa que viria a fracassar, como no lance original. Um dos presentes ao Maracanã naquele 16 de julho era o autor citado, Paulo Perdigão. Ainda criança, testemunhou uma das maiores tragédias do futebol brasileiro. Mais do que isso, publicou o livro “Anatomia de uma derrota”, em que dissecou a partida e procura analisar em miúdos o “gol de Ghiggia”, usando-o entre aspas, como se tivesse vida própria, uma alcunha marcada a ferro e fogo na “memória nacional”. Assim como Muylaert, portanto, Perdigão confere importância extrema ao vídeo do gol.

O 'gol de Ghiggia' ficaria na memória nacional como o estigma eterno da nossa tragédia de 50. Nunca, certamente, na história do futebol mundial, um único lance acarretou tantas discussões, tantas análises, tantas evocações, talvez porque nenhum, como este, tenha transcendido sua simples condição de fato esportivo para alçar-se às dimensões de drama e mitologia, para converter-se em momento histórico da vida de uma nação (PERDIGÃO, 1986, p. 142).

Uma informação que Paulo Perdigão não traz em sua obra é uma incrível curiosidade. “O cameraman sentado um pouco à esquerda da trave esquerda” (PERDIGÃO, 1986, p. 146) era um auxiliar técnico de apenas 15 anos. Em entrevista à Folha de S. Paulo, publicada no site do periódico em 28 de maio de 2014¹, Milton da Costa Ferreira conta que fora incumbido de filmar o ataque do Uruguai, pois ninguém imaginava que sairiam dali os gols decisivos. Na época, Milton trabalhava no Cine Laboratório Alex, equipe contratada pelo cineasta responsável pelo filme da Copa. O cinesasta era Milton Rodrigues, irmão dos jornalistas Nelson Rodrigues e Mário Filho, e que vencera a concorrência para filmar os jogos do Mundial com exclusividade, como também informou a Folha de S. Paulo.

Os registros eram feitos em película e exibidos dias depois das partidas. Depois, tudo fora editado numa grande película. A reportagem da Folha de S. Paulo conta que o material acabou se perdendo em incêndios. Diante de versões, relatos e tristeza, restou, na verdade,

¹ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/05/1460906-aprendiz-filmou-gol-da-derrota-do-brasil-na-copa-de-1950.shtml>. Acessado pela última vez em 23 de junho de 2015.

muito pouco material em vídeo. Sobraram histórias.

Como não foi documentado pela televisão – onipresente em Copas futuras -, o naufrágio brasileiro diante do Uruguai ganhou, na imaginação do país, a dimensão de lenda. Se não existe o videoteipe indiscutível para tirar dúvidas, destruir mitos e congelar o tempo, a narrativa vai ganhando acréscimos pelo tempo afora (NETO, 2013, p. 30).

Se o material filmado na Copa de 1950 se resume hoje basicamente ao gol de Ghiggia, também não era de fácil acesso na época do torneio. Os lances dos jogos só podiam ser assistidos com alguns dias de atraso. No Rio de Janeiro, as sessões ocorriam no Cineac Trianon, com fartos anúncios nos jornais. Mas nenhuma obra cinematográfica alcançou tamanha projeção e expectativa quanto o filme chamado de “A Copa do Mundo de 1950”. O Jornal dos Sports, de Mário Filho, era um dos apoiadores da película e, por isso, tratou de preencher suas páginas do jornal diário com anúncios. E não só publicidade. Periodicamente, surgiam matérias sobre o filme. O periódico adotou tom profético, ao afirmar, logo na primeira edição após a derrota, que “por muito tempo ainda se discutirá o lance que redundou no segundo gol do Uruguai” (JS, 17/07/1950). Realmente, até hoje se fala muito sobre Ghiggia, Barbosa, Maracanazo, 16 de julho de 1950. Os acontecimentos marcaram torcedores, jogadores e o jornalismo esportivo. Inclusive, ajudaram a moldar as narrativas vitoriosas também. Costa (2008) defende que a imprensa esportiva alimentou uma exagerada aversão à derrota com o passar do tempo.

O sucesso avassalador da seleção brasileira nas Copas de 1958, 1962 e 1970, mais do que ter ouriçado o orgulho pela ascensão do negro aos olhos de Mário Filho, trouxe uma sensação de onipotência ao futebol nacional. Perder era cada vez mais inconcebível. E, quando a derrota chega, a pergunta é, via de regra, a mesma após o traumático 16 de julho de 1950: Por que o Brasil perdeu? Isso transforma, portanto, a narrativa jornalística “numa verdadeira caça aos culpados pela derrota”.

5.2 TRATAMENTO DADO AO VILÃO APÓS 1950

Amparado pelas ideias de Costa (2008), chegamos ao ponto de que a cobertura da imprensa brasileira no revés de 1950 tornou-se uma espécie de matriz para se narrar a derrota, como uma técnica basilar. Pretende-se a seguir, ainda lançando mão das proposições da autora e de outros pesquisadores debruçados sobre o futebol no país, compreender a dimensão dessa influência ao longo das décadas e das Copas posteriores. Costa (2008) argumenta que há uma

espécie de “hermenêutica da derrota” para se tratar os fracassos da seleção brasileira em Copas do Mundo. Como uma forma que adapta os resultados dos jogos aos anseios da nação, tudo potencializado pela imprensa esportiva.

A estrutura básica se mantém há mais de 50 anos, desde o Maracanazo: a derrota tomada como sinal de que nos faltou algo; investigação dos motivos que estão por trás do fracasso em campo; revelação dos problemas internos como brigas, excesso de confiança ou algo parecido; procura pelos culpados da derrota que geralmente são técnicos, zagueiros ou goleiros; esquadrinhamento dos problemas externos ao campo relativos à organização do futebol nacional em sua totalidade; atribuição de sentido moral às possíveis falhas dos jogadores e à atuação da seleção em conjunto; atribuição de sentido pedagógico à derrota, ao compreendê-la como uma lição que deve ser aprendida (COSTA, 2008, p. 41).

Ou seja, há os responsáveis em campo, naturalmente, que, normalmente, se concentram no treinador e em jogadores com funções prioritariamente defensivas. Mas há muito mais a se explorar após um resultado negativo dentro das quatro linhas. Como reforça Helal (2014), “curioso é que a derrota não pode ser explicada simplesmente porque um time jogou melhor do que o outro. Utilizamos-nos frequentemente de explicações que transcendem o campo de jogo” (p. 153).

Eis o ponto crucial na discussão, a questão do inesperado, do imponderável no esporte, sobretudo no futebol, uma modalidade com raízes extremamente simples. A narrativa tradicional de derrota, que encontrou no Maracanazo um ponto de origem, foi de tal modo muito pelo caráter impactante do resultado adverso. Sintoma que seria ainda mais realçado com as conquistas das Copas de 1958, 1962 e 1970, um inédito tricampeonato mundial dentro de um espaço de tempo curto – três títulos em quatro edições. A Copa de 1970 se tornou fundamental para inflar o ego do brasileiro em relação ao futebol em vários aspectos. Com uma seleção ornada de craques do quilate de Rivellino, Tosão, Jairzinho e Pelé, o Rei do Futebol, o time encantou a todos. Foi a primeira Copa transmitida ao vivo pela televisão no Brasil – e a cores para algumas partes do planeta. Uma tecnologia decisiva, “fazendo com que gestos, dribles, comemorações, feições e expressões de jogadores passassem a ser espetáculo mundial imortalizado, reproduzido e idolatrado em escala nunca vista” (JUNIOR, 2007, p. 143).

Com o emblema gravado de “futebol-arte”, o “país do futebol” tem, de quatro em quatro anos, uma quase obrigação de se encontrar com a vitória. Para, assim, se confirmar como a “pátria de chuteiras”, a nação que melhor sabe praticar o futebol. Pode-se dizer, pois,

que “é a imagem do país que está em jogo” (COSTA, 2008, p. 45). Muito por isso, talvez, a cada Copa do Mundo perdida tem-se a impressão de que a derrota é mais valorizada ou ao menos mais esmiuçada pela imprensa. Busca-se, portanto, com mais afinco as razões dos insucessos em detrimento das benesses do triunfo futebolístico. Se ganharmos, é porque somos os detentores do futebol-arte e ponto. Caso irrompa uma derrota, será culpa de alguns jogadores, mas também provavelmente de outros artistas e ainda até do jeito de ser do povo brasileiro.

Em 1982, após derrotas em 1974 e 1978, o Brasil finalmente se via envolto em uma euforia semelhante à de 1970. O futebol-arte parecia estar de volta e com toda a força. Treinado por Telê Santana, o time brasileiro tinha craques do quilate de Zico, Falcão, Sócrates, atuando num futebol ofensivo e que entusiasmava o público. No entanto, assim como em 1950, veio uma derrota inesperada. Não era ainda a fase final, mas, tal qual no Maracanazo, a seleção poderia empatar para passar de fase. Acabou derrotada pela Itália, seleção tradicional, mas que, na primeira etapa do torneio, não jogou bom futebol e escapou por pouco da eliminação precoce. A derrota por 3 a 2 ganhou contornos épicos e o nome de “Tragédia de Sarriá”, em alusão ao estádio, na Espanha. A seleção, que era tão exaltada por seu futebol-arte, passou, num rompante, a ser criticada exatamente por sua melhor qualidade. Afinal, de que adiantava jogar bem se não havia resultados favoráveis? Seria, então, melhor adotar o estilo pragmático de uruguayos e italianos?

“Essas reações dão mostras de que nossa – a brasileira, pelo menos – relação com o futebol é quase sempre mediada pelo resultado, por mais que queiramos pensar o contrário” (COSTA, 2008, p. 48). A autora lembra que o treinador Telê Santana, por exemplo, passou a ganhar a inglória fama de “pé-frio” depois da derrota, cuja simbologia encontrou grande ressonância na imprensa esportiva do país.

Essa emoção foi reduplicada por grande parte da imprensa. O sentimento de frustração dos torcedores foi estampado nas principais páginas dos jornais. É famosa a primeira página do Jornal da Tarde que se limitou a exibir a foto de um menino flagrado no estádio Sarriá, vestido com a camisa da seleção, segurando o choro diante da derrota. Choros de criança são sempre enternecedores. E essa foto, sem dúvida, era bela e comovente e seu autor, Reginaldo Manente, ganhou o Prêmio Esso de fotografia daquele ano (COSTA, 2008, p. 58).

Ela destaca a relação entre a técnica jornalística, as tecnologias e o imaginário que emana a partir do contato das duas primeiras com a notícia, que se transforma em algo além dela mesma. A autora fala em “reduplicação”, ao que podemos tentar adaptar à noção de aura.

O drama vivido pela torcida e pelo time podem superar a dor do resultado esportivo em si, dependendo da carga emotiva colocada em uma página de jornal, por exemplo. Mais do que isso, a mensagem que surge dessa página ainda pode adquirir o status de síntese de um jogo, de uma Copa inteira. Tem-se, portanto, a aura, o imaginário, a forma com a qual determinado evento ficará resumido para uma coletividade, por mais que boa parte dela não tenha vivido o evento presencialmente.

Mais do que relatar a derrota, portanto, brota da imprensa esportiva brasileira a necessidade de explicá-la, atacar suas causas, expor seus vilões. Em 1982, repetem-se as críticas a uma euforia coletiva, que talvez tenha sido fomentada pelos próprios jornalistas antes da derrota. Assim como Flávio Costa em 1950, Telê Santana não fora poupado. Houve condenação a jogadores, como Toninho Cerezo, que falhou no último gol do carrasco Paolo Rossi. Aliás, Rossi pode ser visto como um novo Ghiggia. Todavia, ainda assim, a “Tragédia de Sarriá” dificilmente possa ser equiparada ao “Maracanazo” por todas as expectativas alimentadas em 1950 e já ampliadas em páginas anteriores. Afinal, o Brasil já era tricampeão mundial. Tampouco se notava, na imprensa dos anos 1980, mais especializada e menos conectada com a herança romântica de Mário Filho e Nelson Rodrigues, aquela necessidade quase natural de relacionar o futebol à nação do ponto de vista moral. É possível que, em 1982, não tenha ficado cristalizado um vilão de forma tão premente como Barbosa em 1950. Na Copa da Espanha, talvez o grande vilão tenha sido o abalo da convicção de que o brasileiro poderia resolver todos os seus problemas com o futebol-arte. Acabou combatido por um time sem inspiração, mas muito aplicado taticamente.

A derrota em 1982 ampliou essa discussão dicotômica - aliás, polarizações constituem uma marca da modernidade em detrimento da complexificação da pós-modernidade - entre o futebol-arte e o futebol de resultados. Em 1990, a seleção foi eliminada da Copa da Itália nas oitavas de final para a Argentina, acusada exatamente por mostrar um futebol pobre, sem brilho. Embora o paradigma não fosse mais diretamente as discussões a respeito de moral nacional, tendências do Maracanazo ainda se viam presentes. A culpa recaiu novamente sobre o treinador Sebastião Lazaroni e sobre um defensor. Neste caso, o volante Dunga. Isso porque o meio-campista personificava um futebol que ia de encontro à tradição inventada no Brasil a partir dos anos 1930. “Para muitos, Dunga encarnava a decadência do futebol brasileiro, europeizado e que substituía o futebol-arte pelo futebol-força” (COSTA, 2008, p. 14-15). A questão girava tanto ao redor de Dunga que aquela geração derrotada ganhou a alcunha pejorativa de “Era Dunga”.

Dunga também simboliza um exemplar raro na história do futebol brasileiro. Um vilão que conseguiria a redenção. E logo quatro anos depois, na Copa de 1994. O Brasil não venceu o torneio e sequer chegava a uma final havia 24 anos. Desta vez, treinada por Carlos Alberto Parreira, a seleção seguia muito criticada pela repetição de um modelo de futebol menos vistoso e mais preocupado com o pragmatismo do resultado. Todavia, deu certo. O Brasil bateu a Itália, algo de 1982, na primeira final de Copa a ficar 0 a 0 até a prorrogação e ser decidida nos pênaltis – talvez um sintoma desse estilo de jogo menos plástico e mais pragmático.

Mais uma vez temos a sensação de que a imprensa brasileira se pauta pelo resultado para adequar as narrativas de heroísmo e vilania. Em 1990, Dunga era o volante truculento, exemplo fiel de um futebol alijado da tradição nacional. Quatro anos depois, transformar-se-ia no “Capitão do Tetra”, tratado pelo narrador da Globo Galvão Bueno como o “símbolo da garra brasileira” durante a transmissão. Curiosamente, Dunga converteu o último pênalti antes do craque italiano Roberto Baggio perder a sua cobrança e decretar a vitória brasileira. Assim, Dunga saiu de culpado de 1990 a autor do gol do título de 1994. Uma trajetória ímpar, mas ainda incapaz de fazê-lo um herói a pleno. Ao erguer a taça, vociferou e xingou a imprensa, como um desabafo. Uma postura bem diferente de outros capitães, como vimos antes de Bellini, que talvez fosse um jogador menor, mas que teve uma imagem de elegância e soberania criada a partir das narrativas antigas de vitórias baseadas em relatos e menos em imagens em profusão.

Dunga precisou chegar ao ápice de um jogador profissional, de erguer um troféu de Copa do Mundo, para deixar de ser execrado – embora muitas pessoas e jornalistas ainda façam ressalvas àquela seleção pragmática de 1994. Isso se explica muito porque o vilão no futebol está quase sempre concentrado aos defensores. Veja o exemplo de Zico, um dos maiores camisas 10 do Brasil, ídolo do Flamengo e que jamais ganhou uma Copa. Pelo contrário, desperdiçou um pênalti decisivo nas quartas de final diante da França, em 1986. Apesar de ter ganhado a fama de pé-frio, Zico não amargou a vilania daquela derrota. “Pois ser vilão é conviver com acusações e com o imenso peso da culpabilização por uma derrota. Vilão, por excelência foi Barbosa, inesquecível e indelevelmente anexado ao fatídico 16 de julho de 1950” (COSTA, 2008, p. 15).

Nota-se, pois, uma paulatina sofisticação da figura do vilão. Há até o “quase-vilão” e o vilão que alcança recuperação. O que costuma se manter inalterado é o afinco de se responder a questão fulcral: “Por que o Brasil perdeu?”.

Em 1998, por exemplo, temos uma quebra bastante significativa nessa construção midiática. A seleção era ampla favorita, uma vez que defendia o título conquistado em 1994. Dunga, quem diria, enfim jogaria uma Copa “em paz”, livre do bombardeio de críticas. Além de uma base vencedora, havia a esperança depositada em Ronaldo, atacante que chegava ao Mundial como melhor jogador do mundo por dois anos consecutivos, eleito pela Fifa. Tudo isso somente aos 21 anos.

O Brasil chegou à esperada final contra os anfitriões franceses. O suspense tomou conta da cobertura da imprensa uma vez que Ronaldo não estava presente na lista dos titulares. De repente, Ronaldo apareceu no campo. Assim como toda a seleção, o garoto prodígio não foi bem. A França venceu por 3 a 0 e conquistou o título inédito. Desta vez, não havia um Barbosa a se culpar de imediato. Os contornos misteriosos da escalação de Ronaldo provocam debates até hoje. A versão oficial é de que Ronaldo sofreu uma convulsão horas antes da partida e que o treinador Zagallo, o mesmo que conduziu a seleção de 1970 ao tri, iria deixá-lo fora da decisão. O jogador pediu ao treinador que fosse escalado. A vontade de Ronaldo prevaleceu (HELAL, 2012). Só depois do jogo é que se pode entender por que os demais atletas ficaram tão preocupados quando Ronaldo se chocou com o goleiro francês em lance no primeiro tempo. Estava claro que havia um importante componente extracampo que as pessoas não sabiam de imediato. E que, portanto, teria influenciado na performance de Ronaldo e de todo o time.

Embora Ronaldo fosse o grande depositário da esperança do brasileiro em vencer a Copa, seu fracasso pessoal na final não virou sinônimo de vilania. Novamente, então, temos a constatação de que há mais dificuldade em se direcionar culpa a jogadores de ataque. Helal (2012) recorda que a imprensa esportiva passou a fazer um trabalho de “humanização” de Ronaldo, mostrando que o jogador não era uma máquina e que, em algum momento, ele voltaria a ocupar o lugar de um simples mortal, que se machuca, que sente dor, que erra. De acordo com o autor, o vilão foi outro componente bastante heterodoxo em termos de narrativa. O ingresso de Ronaldo sem totais condições clínicas precipitou uma série de teorias da conspiração. De que o craque jogara obrigado pela fornecedora de material esportivo ou de que ainda o time inteiro do Brasil teria entregado o jogo de propósito, de que a final estava arranjada previamente. “Os brasileiros foram, pouco a pouco, construindo as razões para a derrota e terminaram por eleger um vilão principal: a mercantilização do futebol” (HELAL, 2012, p. 152).

A Copa da França trouxe esse elemento diferente, do ataque ao jogador “mercenário”,

que opta pelos euros e dólares e que, teoricamente, não honra a camiseta da seleção brasileira. Ao contrário de 1950, o problema não é a pátria como um todo, mas os seus representantes em campo e questões econômicas, sintoma de que a relação entre jornalismo, suas técnicas e tecnologias e a construção de imaginários dependem muito do contexto de cada época. Neste caso, o final dos anos 1990 surgia como a explosão definitiva do futebol mercantilizado, de salários astronômicos e jogadores como estrelas que se enraízam menos em clubes e trocam de camiseta a depender exclusivamente de negociações e altos rendimentos.

Em termos de narrativa, todavia, velhos expedientes perduraram como pano de fundo. Novamente, constatava-se euforia prévia da imprensa com o título iminente e bastante dramatização no pós-derrota, sobretudo diante do principal assunto: a misteriosa convulsão de Ronaldo. Mesmo sem culpar Ronaldo, pelo contrário, a imprensa esportiva engendrou imaginários por meio de um cenário de drama intenso, mistério total e comparações entre homem e máquina na superação de limites físicos.

Falou-se em língua enrolada, corpo se contorcendo, gritos de desespero, baba e, certamente, se a cena tivesse sido filmada, inúmeras seriam as vezes, em que ela seria repetida, com direito a close, câmera lenta e outros recursos (COSTA, 2008, p. 59).

Uma novidade significativa no tratamento da imprensa esportiva tem relação à colocação de doses de humor e sarcasmo ao se tratar a derrota da seleção em 1998. Tais referências são quase nulas em 1950, quando temos uma narrativa acoplada à noção de uma derrota de um projeto de nação. Em 1998, podemos inferir que começa a brotar uma fronteira de ruptura mais clara dessa relação de trauma futebolístico com trauma nacional. Perder não é mais o fim do mundo e, com isso, “conteúdos apelativos” ganham espaço (COSTA, 2008). Se ocorre uma relativização da noção de vilão e a flexibilização do impacto de uma derrota no cotidiano do país, é acertado também inferir que outros elementos contribuíram, nas últimas décadas, a uma intensificação da espetacularização na produção de imaginário.

Sem dúvida, em 1998, nosso segundo vice-campeonato foi descrito de modo bem diverso. Havia mais humor e mordacidade, No jornal O Dia, podia-se ler “Brasil Zi danou”, já O Globo publicou em sua primeira página uma charge que mostrava o galo Footix, o mascote da Copa, engolindo Zagallo, o técnico da seleção. Já em seu caderno de esporte o técnico Zagallo foi alfinetado mais uma vez: “Faltou uma” (13/07/1998)⁴⁸. Houve, também, mais lágrimas e espanto. O diário Lance!, tendo a imagem de Cafu deitado com as mãos levadas à cabeça e chorando, perguntou “Por que?”, classificando aquela perda como “A maior derrota do Brasil em Copas?” (13/07/2006). Essa diferença demonstra como a ideia de “tragédia do Maracanã” foi gestada com as releituras da derrota de 1950. E demonstra como as narrativas da derrota, com o passar dos anos, vão tendo seu caráter dramático e apelativo cada vez mais enfatizados e intensificados (COSTA, 2008, p. 63).

Levando a discussão dos autores para o campo do cotidiano, podemos reforçar a ideia de que as Copas do Mundo tendem a ser tratadas pela imprensa esportiva brasileira com estruturas bem definidas, oriundas do Maracanazo, mas também capazes de ter certa flexibilidade. Isso porque a técnica não é um fim em si mesma, tampouco pode ser isolada do contexto em que fora criada ou disseminada e das tecnologias que a transmitem. Ela serve o contexto, mas também se alimenta dele.

5.3 A COPA DO MUNDO DE 2014

Nas páginas finais sobre as Copas do Mundo, faz-se necessário destacar a última edição do Mundial. Não apenas por ter sido a última, mas por conservar elementos que a conectam com 1950. Afinal, assim como 64 anos antes, o Brasil seria a sede da Copa, entraria como favorito e sofreria um revés impactante.

Ao contrário de 1950, todavia, a realização da Copa não foi tratada como unanimidade ou uma forma de mostrar a potência do Brasil perante o mundo. Desta vez, questionou-se a real necessidade de destinar verba pública para construção de estádios que poderiam se tornar “elefantes brancos” e, assim, deixarem de ser utilizados após o torneio – sobretudo os palcos em cidades com menos apelo ao futebol no dia a dia, como Manaus e Brasília.

A Copa do Mundo tem um contexto particular prévio. Um ano antes, foi realizada a Copa das Confederações, uma espécie de evento-teste. Naquele mesmo junho de 2013, irromperam as manifestações de populares que começaram como um levante contra o aumento de passagens de ônibus e se tornaram um reclame geral contra truculência policial, mais verba para saúde e educação e o fim da corrupção na política. Foi nesse momento que ganhou força o grito de protesto “Não vai ter Copa”, numa tentativa de abominar o evento, colocando-o como um artefato dispensável para o momento do país.

Houve Copa das Confederações e Copa do Mundo, mas a insatisfação permaneceu. No ano em que tentaria (e conseguiria em outubro) a reeleição, a então presidente Dilma Rousseff foi xingada no discurso de abertura do Mundial. Torcedores aproveitavam o momento de instabilidade para canalizar as questões políticas inclusive no momento de cantar o Hino Nacional antes de os jogos da seleção começar.

Pode-se dizer que essa foi uma Copa caracteristicamente brasileira. Uma Copa em uma sociedade em que o futebol tem o poder de evidenciar tensões e conflitos, de

expressar as principais questões, de potencializar determinados problemas. Ou seja, dramatizar dilemas e contradições e produzir narrativas individuais e coletivas que se entrelaçam à nossa história. Uma Copa em um país do futebol (CAMPOS, 2015, p. 34).

Se em 1950 os políticos governantes trataram de fazer do evento uma plataforma de ascensão eleitoral, em 2014 temos um efeito contrário. O governo sentiu o princípio de um desgaste em vários aspectos com as manifestações de características bastante difusas e sem um rosto definido. Em outras Copas, foi possível notar, além de 1950, o uso do futebol como legitimação de poder vigente, como o fascismo e o nazismo nos anos 1930 e a própria Copa de 1970, com a ditadura militar brasileira no auge e se aproveitando do êxito dos craques do tricampeonato no México. “Nesse certame, no entanto, foram os opositores, à direita e à esquerda do consórcio instalado no Palácio do Planalto, que utilizam o futebol mais que o próprio governo” (CAMPOS, 2015, p. 37).

Faz-se necessário ressaltar que a grande parte das manifestações ocorreu ainda na Copa das Confederações. Embora a população tenha se mostrado receosa com os gastos para a realização do evento no país, ocorreu o que podemos chamar de separação entre tal insatisfação e a vontade de ver a seleção vencedora em campo. Nos momentos em que a bola rolou, o povo brasileiro torceu a despeito das ressalvas políticas, econômicas e sociais. As manifestações seguiram, mas em proporções menores durante a Copa.

Boa parte da população empolgou-se com a Copa do Mundo e torceu fervorosamente para a seleção. Este engajamento abrangeu pessoas cuja posição contrária à realização de megaeventos esportivos no Brasil vem desde antes de o país e o Rio de Janeiro apresentarem suas candidaturas, como é o meu caso. Uma coisa são os problemas do país; outra, o hábito arraigado de assistir à seleção em uma Copa (FORTES, 2015, p. 53).

Esse mesmo movimento, da contestação prévia à euforia pelo futebol em si, pode ser constatada no conteúdo jornalístico produzido. Até porque boa parte do caos que era previsto por especialistas não aconteceu de maneira contundente. Serviços como transporte aéreo e rede hoteleira deram conta da demanda. Ficou bastante em voga a positiva invasão de torcedores estrangeiros ao país. Parece, portanto, que o Brasil conseguiria, enfim, dar o bom exemplo ao mundo que tanto almejava em 1950 – e que, à época, não havia conseguido. Segundo Moura (1998), apesar da boa organização dentro de campo, a Copa de 1950 não atraiu turistas o suficiente e ficou devendo muito em termos de mobilidade urbana e atrações aos estrangeiros. Já em 2014, foi diferente até durante os 90 minutos, com sucesso de público de fora do país e bom futebol.

O Brasil saiu de uma posição de inferioridade para o extremo oposto: um país que encanta o mundo por suas características, e cujo Mundial impressionou pela qualidade das partidas e pela quantidade de gols. De acordo com este discurso, é como se, através de magia, as características do mítico futebol brasileiro houvessem contaminado os jogadores das 31 seleções, que passaram a jogar bonito, de maneira ofensiva e fazendo muitos gols, algo raro em Copas. Surgiram comparações com Copas “feias” ou “mediócras”, como as de 1990 e 1994 (FORTES, 2015, p. 55).

Conforme HOLLANDA, MEDEIROS e BISSO (2015), ficou uma sensação ambígua da Copa. Fora de campo, a organização do torneio conseguiu sair ilesa do momento turbulento do país e, assim, realizar o evento sem grandes sobressaltos e consequências negativas para a imagem do país como organizador. No entanto, mostrou ao mundo um lado mais contestador do povo brasileiro, antes um tanto oculto pela fama de conciliador e hospitaleiro que acompanha o imaginário deste para os outros países. Há ainda o impacto agri-doce do Mundial em campo. Se as partidas no geral empolgaram, com gols bonitos e placares elásticos, a seleção brasileira protagonizou o que ficou conhecido como a maior derrota de sua história.

A Copa das Confederações também foi marcante do ponto de vista futebolístico, além do que já recuperamos a respeito da erupção de manifestações. Se nas ruas foi possível detectar um ambiente de instabilidade política e dúvidas em relação à necessidade da realização do Mundial que se avizinhava, em campo ocorreu uma reunificação da seleção com sua torcida. Até então, o time treinado por Luiz Felipe Scolari, campeão da Copa de 2002 e que fora chamado para resgatar o bom futebol da seleção, ainda não havia convencido. No entanto, o evento-teste para a Copa trouxe momentos memoráveis, como a goleada para a então campeã mundial Espanha por 3 a 0 na final, em um Maracanã lotado. Neymar se confirmava como o mais novo craque. David Luiz esbanjava vigor no comando da zaga. O goleiro Julio Cesar e o atacante Fred, dois veteranos, foram bem e justificavam a aposta pessoal de Scolari em suas figuras – Felipão já havia usado tal método, de bancar atletas desacreditados, para vencer o Mundial de 2002, o último que o Brasil erguera, o pentacampeonato.

Novamente, entrávamos numa Copa do Mundo com o ego inflado, quase certos de uma conquista com ares de reconciliação com a história. Depois da derrota dramática de 1950, o Brasil, enfim, tinha tudo para ser campeão mundial em casa. Em 26 de maio de 2014, o coordenador técnico Carlos Alberto Parreira, que era o técnico do time tetracampeão em 1994, concedeu entrevista coletiva durante a preparação para a Copa e escancarou o

otimismo: “Estamos com a mão na taça”².

O sentimento do inédito hexa cada vez mais perto também era possível notar nas publicidades de televisão. Neymar, David Luiz e Felipão eram os garotos-propaganda preferidos, praticamente declarados candidatos a heróis antes mesmo da iminente conquista.

Num ambiente esportivo-midiático onde se negociam as identidades, a Copa do Mundo se torna um momento de reforço da narrativa da identidade nacional, mesmo num contexto pós-moderno, onde as identidades estariam mais fragmentadas. Seu caráter coletivo ajuda a estabelecer novas ligações entre os participantes de determinado grupo, realimentando as representações sociais de forma aguda. É comum observamos campanhas publicitárias que enaltecem nosso futebol como único, reafirmando seu papel na constituição da nação. Assim, a seleção brasileira se tornaria a representante de toda esta coletividade (JÚNIOR, 2015, p. 180).

A campanha em campo, todavia, foi permeada de percalços. Começou com uma vitória difícil sobre a Croácia. Depois, uma goleada sem brilho sobre a fraca seleção de Camarões. Para encerrar a primeira fase, 0 a 0 com o México. Nas oitavas, um dramático triunfo nos pênaltis para o Chile, que chegou a colocar uma bola na trave no último minuto da prorrogação. A vitória teve ainda mais contornos épicos devido ao choro do capitão Thiago Silva, que não bateu pênalti e sequer olhou as cobranças. Chorou o tempo inteiro e, após confirmada a vitória, precisou ser carregado e consolado por Felipão. Essa emblemática cena deu a real dimensão da carga emocional depositada sobre os jogadores. Uma pressão que, como acreditamos, existe ao menos desde a Copa de 1950, de ser inadmissível perder mais uma Copa dentro de casa. Após a classificação, a imprensa inundou o noticiário com questionamentos a respeito da preparação psicológica da seleção. A confiança de que o Brasil tinha um time forte e confiável, como na Copa das Confederações, e certeza de que a taça estava na mão, como atestara Parreira, estavam se tornando cada vez menores. Prova dessa instabilidade foi vista na classificação do Brasil à semifinal. A seleção venceu a Colômbia no dia 4 de julho de 2014, em Fortaleza, mas precisou superar muito sofrimento. Não jogou bem, porém obteve o necessário 2 a 1. No entanto, viu o seu craque se lesionar em lance controverso já no final da partida. O colombiano Zúñiga atingiu Neymar pelas costas, provocando fratura na vértebra da principal esperança brasileira para a conquista do hexacampeonato.

Revelado no Santos e vendido por milhões de euros ao Barcelona, da Espanha, Neymar se constituía na reserva do tão decantado jeito brasileiro de se jogar futebol em meio

2 Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2014/05/confiante-no-hexa-parreira-afirma-nao-queremos-perder-segunda.html>. Acessado em 12/09/2016

ao esporte cada vez mais globalizado. Dono de uma técnica ímpar, conservava o drible, a ginga, o improviso, predicados tão caros e definidores do mito do jogador brasileiro, eclodido nos anos 1930, a partir das descrições de Gilberto Freyre e das narrativas romanceadas de Mário Filho e Nelson Rodrigues. Mas a trajetória do herói acabou com a joelhada do colombiano. Júnior (2015) faz um exercício de imaginação e especula que Neymar pode dar a volta por cima como fez Ronaldo, que fracassara após uma convulsão em 1998, mas que se recuperaria em 2002. De desengonado, terminou aquele Mundial como artilheiro, com oito gols.

O fato é que ir para uma semifinal de Copa, contra a Alemanha, sem o principal jogador, mexeu com a seleção. Movimentou o Brasil. A euforia oriunda do sucesso na Copa das Confederações, se já havia diminuído com as fracas atuações, tornou-se ainda menor após a lesão de Neymar. Felipão escondeu seu substituto até o final. E, assim como todos os jogadores, entrou em campo com um boné em que havia a frase “Força, Neymar”. Até hoje, discute-se se não houve comoção exagerada em torno da lesão do Neymar, esquecendo-se do jogo em si. O fato é que o Brasil não era mais um franco favorito. Jogaria de igual para igual com a Alemanha no Estádio Mineirão, em Belo Horizonte. Em menos de 30 minutos, os alemães já aplicavam 5 a 0. O jogo chegou a ficar 7 a 0, terminou num histórico 7 a 1. O substituto de Neymar, o jovem Bernard, jogou mal. Assim como o zagueiro Dante, que atuou ao lado de David Luiz, uma vez que o capitão Thiago Silva estava suspenso. Foi a maior goleada sofrida pela seleção brasileira, justamente na Copa em sua casa, justamente no ano do centenário da seleção.

O plano perfeito era exorcizar o fantasma de 1950. No fim, surgiu um novo. Maior? Mais vergonhoso? Mais dramático? Além da tradicional questão “por que o Brasil perdeu”, a comparação do Mineirazo com o Maracanazo esteve fortemente presente nos comentários de torcedores, jornalistas e em sites e jornais brasileiros no dia seguinte ao histórico 8 de julho de 2014. Pretendemos realizar agora um rápido passeio por algumas capas de jornal e textos de jornais de 9 de julho de 2014 a fim de dimensionar o impacto do 7 a 1 e adentrar no contexto do evento.

“Vergonha”, “vexame”, “massacre” são adjetivos bastante usados para caracterizar a derrota. Outro fator em comum é a estatística fatal, de que o Brasil amargava a sua pior derrota em 100 anos. Um número incombustível, forte por si só e que nem precisaria de muito mais para alcançar dramaticidade. Em termos de imagens, preferencialmente aparecem jogadores desolados, torcedores chorando, recursos de artes, como charges ou montagens, e a

figura de Felipão.

O técnico campeão do mundo em 2002, que resgatara Ronaldo e fizera da seleção a “família Scolari” na Copa da Coreia do Sul e do Japão, agora virava vilão. Um caminho diferente ao de Dunga, que começara vilão para depois saborear a redenção – depois, falharia novamente como técnico em 2010. O “Diário de S. Paulo” avaliou que Felipão fez “lambança” ao errar a escalação e colocar um time “atordoado” (DSP, 09/07/2014). Neste caso, a publicação misturou um princípio de análise tática, mas acabou incorrendo na questão anímica, tão presente nas narrativas de derrotas da seleção em Copas do Mundo. O próprio treinador tratou de assumir a culpa ainda em campo, reunindo os jogadores desolados e batendo no peito. Repetiu a postura em sua entrevista coletiva. Ou seja, reforçava-se mais uma tradição, o foco recaindo sobre o treinador.

Houve jornais que conversaram ainda mais intimamente com o discurso flexível do pós-moderno e se despiram do mito imparcial e doutrinador da imprensa diante de fato tão inusitado. O “Jornal do Commercio”, de Recife, confessou, em sua capa, que ainda não tinha explicação exata para o que aconteceu. Mais inesperada ainda foi a postura do Jornal NH, de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul. A publicação colocou uma foto de Julio Cesar prostrado em sua capa. Todavia, não condenou o goleiro. Disse que Julio Cesar era mais uma vítima de um “time sem ação. Coitado, não teve o que fazer” (JNH, 09/07/2014).

Parece-nos, no mínimo, ironia do destino, uma vez que Barbosa acabou eternamente condenado por apenas um único gol sofrido que mal se pode concluir sobre a sua falha sem sombra de dúvidas devido a uma gravação precária e que sobreviveu por acaso a intempéries. Em contrapartida, 64 anos depois, o goleiro brasileiro leva sete gols, diante de mais de um bilhão de espectadores pelo mundo e dezenas de câmeras em alta definição no campo, e passa despercebido pela maioria dos jornais no dia seguinte.

É sempre bom dimensionar o tamanho de uma Copa no contexto contemporâneo: de acordo com dados do Ministério do Turismo do Governo Federal, ao menos 3,6 bilhões de pessoas acompanharam o Mundial. O aumento é de 12,5% em relação a então última Copa, da África do Sul. O estudo também projeta 1 milhão e 500 mil minutos de exposição de imagem em TVs do mundo inteiro. O 7 a 1 da semifinal bateu recordes até na televisão alemã, de acordo com reportagem da Folha de S. Paulo. O jogo teve 32,6 milhões de espectadores na terra dos vencedores do duelo, algo jamais visto até então³. E pensar que, no Maracanazo de 1950, “apenas” 200 mil testemunhas oculares sabem realmente o que aconteceu naquele 2 a 1

3 Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,final-da-copa-do-mundo-foi-vista-por-mais-de-um-bilhao-de-pessoas,1564835>. Acessado pela última vez em 22/11/2015

para os uruguaios.

A condenação de Barbosa pode vir a ser um produto da modernidade e suas tecnologias e técnicas? Como se a imagem do gol fosse o equivalente à repetição eterna da Mona Lisa de Da Vinci, prova mais simbólica do quão uma reprise sem fim de uma imagem pode transformar imaginários. Deixar o goleiro que levou sete gols em 90 minutos passar quase despercebido em 2014 também pode ter muito de seu tempo pós-moderno, de fragmentação, relativização e até desconstrução das imagens por meio de pessoas comuns que deixaram de ser meros receptores, como fora exposto nos capítulos iniciais.

A tentação de romantizar a tragédia futebolística parece mais discreta em 2014. Chamou a atenção, em leituras preliminares para o trabalho, um texto do “Correio Braziliense”, assinado na capa por João Valadares. Nele, o jornalista diz que o Brasil morreu na noite anterior e que muitas gerações que estão por vir terão que carregar o “cadáver do Mineirão”. Também se dirigiu a jornalistas já mortos e que sofreram e escreveram sobre o sofrimento da derrota de 1950, tida por Valadares agora como uma “derrota menor”. “O futebol ontem foi reescrito. Foi reescrito por uma caneta alemã”. (CB, 09/07/2014).

Não tivemos, talvez, uma derrota de um projeto de nação como em 1950, mas acabamos por presenciar um revés que confirmou as distâncias de organização do futebol sul-americano em relação à Europa. Esse foi o assunto preponderante de outro texto de capa, do “O Vale”, do Vale da Paraíba. O texto carrega a antiga retórica da derrota como lição. Duas lições, mais precisamente. “Primeiro, em uma Copa, os fracos não têm vez. Desequilibrado, o time não resistiu à blitzkrieg alemã. Segundo, não basta empolgação e cantar o Hino Nacional (...). É preciso planejar” (OV, 09/07/2014).

É curioso compreender ou ao menos inferir que, num mesmo texto, temos dois pensamentos tão distintos. O jornal se apega a questões anímicas, como ver o time do Brasil como uma legião de “fracos”, comparando com o velho clichê de que os alemães são fortalezas psíquicas. Em contrapartida, argumenta que nacionalismo, ufanismo e crença não bastam para vencer. Que o triunfo passa por planejamento. Ou seja, uma visão bem mais profissional e contemporânea do que a primeira. De acordo com o texto, a vitória alemã começou em seu fracasso na Copa de 2002, quando resolveu reestruturar por completo a sua estrutura de futebol. “Ontem o Brasil ganhou. Ganhou uma verdadeira aula de como os resultados podem ser diferentes com mais planejamento, mais seriedade, menos patriotada, menos blá-blá-blá” (OV, 09/07/2014).

Reflexão semelhante faz o jornal “O Estado de S. Paulo” ao afirmar que “derrota põe

em xeque cultura do improviso” (ESP, 09/07/2014). Improviso que não diz respeito exatamente ao típico jogador brasileiro, suas gingas e seus dribles. Improviso de gestão, com pedido de olhar mais cuidadoso para formação de atletas jovens. O colunista do mesmo jornal Antero Greco mantém linha parecida. Alega que o 7 a 1 expôs “métodos ultrapassados, dentro e fora de campo”. Disse que o Brasil após estagnou após 2002, ano da última conquista da Copa, sob comando do mesmo Felipão, outro símbolo do que seria a parada no tempo. Na “Folha de S. Paulo”, os colunistas pensam o mesmo. O momento é de assimilar a lição alemã e profissionalizar a gestão do futebol. Antonio Prata pede para que se “acredite menos na mágica”. Paulo Vinicius Coelho espera “renovação total”.

Outro elemento bastante presente foi a inevitável comparação ao Maracanazo. Surgiu a tese, na imprensa, de que o trauma de 1950, enfim, estava superado. E não por uma vitória redentora. Os jornais entenderam que a goleada de 7 a 1 pode ter tirado do Maracanazo o posto de maior tragédia esportiva do país. O Diário do Nordeste analisou: “Se gostaríamos de apagar a imagem deixada pela derrota em casa há 64 anos, conseguimos. Depois de 2014, vai ser difícil lembrar 1950 como um desastre” (DN, 09/07/2014). Dois jornais foram ainda mais profundos na comparação. Deixaram de mostrar imagens do jogo do Mineirão para estampar a foto em preto e branco do icônico gol de Ghiggia no 16 de julho de 1950, no Maracanã. O “Extra” dava os parabéns “aos vice-campeões de 1950, que sempre foram acusados de dar o maior vexame do futebol brasileiro. Ontem, conhecemos o que é vexame de verdade” (EX, 09/07/2014). O Diário de Pernambuco foi ainda mais direto ao dar seu recado. Deixou claro que a vilania sobre os ombros de Barbosa estava pendente. “Barbosa, descanse em paz”, diz a manchete. “A goleada de ontem envergonhou a nação, mas redimiou Barbosa” (DP, 09/07/2014).

Além da ousadia de contar uma nova história com fatos e fotos de décadas atrás, a imprensa esportiva lançou mão de outros recursos que claramente não se via nos anos 1950. Houve, agora, espaço para o humor, para trocadilhos e gozação da tragédia, algo que já vinha aumentando desde os anos 1990, como fora visto, e ampliado devido às redes sociais e sua capacidade de ressignificar conteúdos da mídia massiva tradicional.

É possível inferir que se tratou de uma Copa que parece ter mesclado fronteiras antes exatas e compartimentadas, trazendo quebras na narrativa jornalística tradicional de derrotas esportivas e colocando-a como mais um produto a ser atingido por elementos caros à pós-modernidade. Nessa “confusão”, a imprensa às vezes parecia entrar em contradição ao pedir mais organização e, ao mesmo tempo, se apegar a críticas ao lado anímico dos jogadores. Que

também se constituíram num produto do seu tempo, uma era de conceitos menos estanques e mais mutáveis. São jogadores profissionais, mas com discurso de amadores. David Luiz chorava em frente à câmera de televisão falando que só queria dar uma alegria ao povo brasileiro, tentando retomar a mistura de futebol e pátria que estava saindo de moda. O fato é que há muita interpretação, receitas, ensaios, tratados, tudo para tentar responder à pergunta sexagenária com a qual aqui estamos familiarizados: “Por que o Brasil perdeu?”.

A resposta não é só Barbosa. Em 64 anos, pulamos dos conceitos modernos às noções pós-modernas. Do tempo lento do cinema ao frenesi dos canais de vídeo na web. Em 1950, parece que saímos de uma discussão para uma certeza, de muitos candidatos a um vilão. Em 2014, deixamos o campo certos da maior derrota de todos os tempos, mas, anos depois, ainda sem conseguir delimitar um culpado, como rezava a cartilha da narrativa criada pelo jornalismo esportivo moderno.

Porém, a novela Quem matou o futebol brasileiro? contou com uma legião de vilões. Luiz Felipe Scolari chegou a ser amplamente questionado pela imprensa esportiva, porém não houve um discurso mais incisivo, por parte da Rede Globo, que deixasse em evidência que a responsabilidade exclusiva da derrota era dele. A vilania de 2014 ganhou contornos mais abstratos. Culpabilizou-se a CBF, a má gestão esportiva do futebol brasileiro, a falta de investimento nas categorias de base, o calendário mal elaborado dos campeonatos, a obsolescência dos sistemas táticos adotados por clubes e técnicos no Brasil e mais uma longa lista de problemas (COSTA, 2016, p. 128).

Em meio a tantas reflexões, será realizado um retorno ao objetivo primordial do trabalho, de compreender o papel das técnicas e das tecnologias sobre a figura do vilão da Copa do Mundo de 1950, personalizada em Barbosa. Para discutir essa questão de forma mais profunda, será eleito um objeto específico de estudo no próximo capítulo. A expectativa é de que, a partir de leituras orientadas e registro de determinadas ocorrências, seja possível ampliar a discussão e trazer à tona elementos valiosos sobre esse produto que, ao ser jornalístico por natureza, deve implicar a ação de técnicas e tecnologias.

6. ANÁLISE DO VILÃO BARBOSA NA IMPRENSA EM 1950

6.1 APRESENTAÇÃO DO *CORPUS* DA ANÁLISE

Após as reflexões a respeito da sociologia compreensiva, imaginário, tecnologias e técnicas do jornalismo, imprensa esportiva e Copas do Mundo, a intenção é de agora realizar uma análise mais específica em relação ao objeto de estudo deste trabalho. O objetivo é compreender o imaginário da figura de Barbosa enquanto vilão e como isso se dá após a partida final da Copa do Mundo de 1950.

O *corpus* de análise são as edições do Jornal dos Sports daquele ano, desde a primeira edição após a partida até 31 de dezembro, totalizando 132 edições. Elas variam entre 8, 10, 12, 14 e 16 páginas, com tendência a terem mais páginas aos finais de semana. Assim, por meio de leitura das 132 edições do Jornal dos Sports, entre 18 de julho e 31 de dezembro, buscou-se reunir material mais intimamente ligado a discussões a respeito da derrota para o Uruguai. Vale ressaltar que estamos falando sobre um jornal em 1950, numa fase da imprensa bem distinta do que se vê hoje em dia, por exemplo. Naquela época, havia uma tendência maior ao texto híbrido, em que artigos poderiam ser textos informativos e, ao mesmo, opinativos. O foco será na busca de textos relativos aos jogos da Copa do Mundo, mais precisamente ao jogo final entre Brasil e Uruguai.

As fotografias também serão destacadas, inclusive, em quantidade de ocorrências. E outros elementos que escapam do fazer jornalístico, mas que estão inseridos na publicação, igualmente serão citados, como propagandas e anúncios a respeito da Copa do Mundo. No primeiro momento, todavia, não farão parte do *corpus*, estando alijados das tabelas. O objetivo, portanto, além de contabilizar para o *corpus*, é mergulhar no universo completo do jornal, tentando compreendê-lo como um organismo vivo, suscetível às influências de outras técnicas e tecnologias.

A primeira parte da análise se dá com a exposição do material coletado e o recenseamento dos dados. O critério de seleção dos textos, fotografias e anúncios se dá em duas etapas principais: destaca-se, primeiramente, o material a respeito de Copa do Mundo, independentemente do assunto específico. Dentro deste segundo universo, procura-se menções a Barbosa. A partir dessa etapa mais quantitativa, ruma-se ao segundo estágio da análise, de interpretação dos textos, imagens e anúncios. Nessa parte, serão expostas algumas reproduções de páginas de jornais em nível de ilustração e melhor contextualização da

reflexão. O momento final, a análise propriamente dita, buscará contemplar uma mescla da coleta de dados com a interpretação, em que se tem a expectativa de que recorrência quantitativa de determinados eventos e a leitura feita disso possa ajudar na compreensão do imaginário sobre o vilão da Copa de 1950. É neste instante também que serão retomados alguns conceitos teóricos colocados nos primeiros capítulos.

6.2 DESCRIÇÃO DA COLETA DE DADOS

Edição de 18 de julho

Neste momento, serão apresentados os resultados das leituras dos jornais, em uma espécie de recenseamento dos dados. A divisão será feita por textos jornalísticos, fotografias e peças de propaganda que tenham relação com o objeto do estudo.

Como o Jornal dos Sports não circulava às segundas-feiras, a primeira repercussão sobre o jogo de domingo ocorreu na terça, dia 18 de julho. Quatro páginas foram completamente dedicadas à derrota brasileira: a capa, a página 3, a página 5 e a página 6 - esta última continha continuações de textos das páginas anteriores.

Na capa, em relação a texto, a principal manchete diz: "Uruguai, campeão mundial, de fato; mas Brasil, melhor time do mundo". Há seis fotos sobre o jogo e, em uma delas, Barbosa aparece levando o primeiro gol do Uruguai, marcado por Schiaffino". A legenda é descritiva: "Barbosa aparece batido pelo tiro de Schiaffino".

Na página 3, há seis fotos de comemorações uruguaias e um texto em que o jornal entrevista Ghiggia. O algoz do Brasil explica o lance que decidiu a partida: "Barbosa pensou que eu fosse atrasar a bola para Miguez". Esse lance foi retratado no alto da página com uma foto em que aparecem Ghiggia, Bigode e Barbosa. O atacante que chutou, o zagueiro que não marcou e o goleiro que não alcançou a bola. "Ainda se discute, e por muito tempo ainda se discutirá, o lance que redundou no segundo gol do Uruguai, no tento que tirou ao Brasil o título de Campeão Mundial de Football. Foi realmente um tento surpreendente porque a pelota entrou por um local quase que inteiramente obstruído por Barbosa, dando a todo mundo a impressão de ser um frango do arqueiro campeão carioca".

O retrato mostra Barbosa já caído, sem ter realizado a defesa. A foto não é acompanhada de uma matéria, mas, sim, de uma legenda: "Barbosa falhou na cobertura da meta". A página teria mais uma foto-legenda, em que o jogador Danilo aparece deixando o gramado muito abatido. A cena é descrita pelo jornal como "o desespero do centro-médio". Os

outros dois textos da página são: como a crônica italiana apreciou a conduta dos brasileiros no Mundial e o relato do embaixador do Uruguai, em que elogia a atitude dos torcedores brasileiros, que aplaudiram os uruguaios apesar da dor da derrota.

A página 5 era comumente destinada a textos mais opinativos, rebuscados e analíticos. Normalmente, Mário Filho, diretor do Jornal dos Sports, escrevia nesse espaço. Assim o fez no dia 18 de julho. O jornalista diz que houve "inibição" de Bigode e de Barbosa, e que este saltou com "atraso fatal". Também diz que o Brasil perdeu porque havia muita pressão pela vitória e lamentou que o time não tenha se defendido melhor depois de fazer o primeiro gol do jogo. Queria marcação homem a homem de Bigode sobre Ghiggia. E fala muito de Bigode. Citou apenas uma vez Barbosa. Disse que não se pode culpar apenas um homem e viu o Brasil sem comando em campo, carente de um líder. Disse que a derrota foi trágica, mas que o futebol brasileiro estava no apogeu.

Havia mais seis textos analíticos na página. Dois deles se destacam por tentar encontrar respostas para a derrota, enquanto os outros quatro se dedicavam mais a exaltar as competências do Uruguai. Antônio Olinto citou Bigode e não mencionou Barbosa, embora em tom brando sobre a culpa de Bigode. José Lins do Rego valorizou a dor da derrota no povo brasileiro, "um povo sem sorte". A página 5 tem uma foto, de Barbosa, em lance ainda no primeiro tempo, quando a partida estava zero a zero. Na página 6, em continuação da matéria principal da capa, há a citação a Bigode e Barbosa em relação ao lance decisivo: "dois cochilos da defesa". "Bigode errou ao dar tantas oportunidades a um jogador como Ghiggia. Talvez Barbosa devesse bloquear o tiro do segundo gol, avançando um ou dois passos", completa o texto.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
1	7 (1)	6 (1)
3	4 (2)	8 (1)
5	7 (1)	1 (1)
6	1 (1)	0

Tabela 1 – elaborada pelo autor

* Barbosa sempre foi citado junto com Bigode, à exceção das legendas das fotos. Em contrapartida, Bigode chegou a ser citado como culpado uma vez sem a menção a Barbosa.

Edição de 19 de julho

No dia 19 de julho, destaque maior para o "sucesso financeiro sem precedentes" da

Copa do Mundo, em relação à arrecadação de bilheteria. O jornal diz que a final entre Brasil e Uruguai foi capaz de, sozinha, superar toda a renda do Sul-Americano de 1949. A foto maior é de uma multidão de torcedores no Maracanã. Há também uma foto com a chamada para uma matéria sobre a chegada dos uruguaios a Montevideú. Uma nota fala sobre a gratificação aos jogadores brasileiros pelo vice-campeonato. E, por fim, uma notícia que poderia ser impactante, mas que não houve desdobramentos: de que Ghiggia seria argentino, não uruguaio, e que, assim, a partida teria que ser anulada.

A página 3 dedica uma matéria à Copa do Mundo: "repercute extra-fronteiras nossa conduta ante o revés", sobre a forma cordial com que os torcedores teriam aceitado a derrota para o Uruguai. A foto é semelhante à da capa, um pedaço do Maracanã lotado. A página 5 traz em destaque o texto de Geraldo Romualdo da Silva. O articulista compara o Brasil a times que também perderam jogos inesperados, como Inglaterra e Itália, e que não foram crucificados. O texto lembra Bigode e Barbosa. Diz que o goleiro "deixou a descoberto, o suficiente, um pedacinho de nada, mas o suficiente para que a pelota ganhasse, como ganhou, o fundo da meta". Mas ele se deteve mais em Bigode, afirmando que o zagueiro ficara sozinho na marcação de Ghiggia porque o futebol brasileiro estava muito apegado a um estilo de jogo, o de ser ofensivo e marcar pouco.

O colunista Ricardo Serran critica os "urubus", quem critica demasiadamente a seleção brasileira pela derrota. Mesmo teor do texto de outro colunista, Mario Pollo. A coluna Olímpicus adotou tom mais crítico, lamentando que o time não conseguira segurar a vitória parcial de 1 a 0, ainda mais porque jogava por um empate para ser campeão. Viu um time nervoso, mas não mencionou nenhum jogador em especial. Vargas Netto cita Bigode e Barbosa, mas não os condena: "O futebol brasileiro não é Bigode ou Barbosa que engoliu frangos. Eles são partículas". Augusto Rodrigues cita "falhas" de Bigode e Barbosa, mas diz que, como em toda tragédia coletiva, é preciso que o brasileiro se una e siga em frente.

Na página 6, surge pela primeira vez espaço para a opinião do leitor. O jornal publica três cartas. Um leitor absolve a todos. O segundo culpa Jair, Bigode, Friaça, Chico e Barbosa. E o terceiro culpa de forma mais acintosa Bigode e Jair.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
1	4 (0)	2 (0)
3	1 (0)	1 (0)
5	6 (3)	1 (0)
6	3 (2)	0

Tabela 2 – elaborada pelo autor

* Barbosa sempre foi citado junto com Bigode nessa edição, à exceção de uma das três cartas publicadas de leitores – esta só se concentrou em Bigode.

Edição de 20 de julho

Nesta edição, a manchete é a única referência direta à Copa do Mundo na capa do jornal. "Consagração em Montevideu à torcida brasileira", diz o título, em alusão à vontade dos uruguaios de erguer uma placa em homenagem aos brasileiros pelo bom comportamento na final. Também há uma citação indireta à Copa com a notícia de que Bigode e Juvenal voltarão a jogar pelo Flamengo após a participação da dupla de defensores no Mundial.

Na página 5, há oito textos. Sete deles falam sobre a final da Copa do Mundo e dizem que o Brasil está no caminho certo apesar da derrota ou tentam minimizar os efeitos do revés. Apenas a coluna *Olympicus* manteve o tom crítico, de que 16 de julho será para sempre a data da "catástrofe imensa". O texto de Mário Filho é o único a citar Barbosa e Bigode: "A fuga de Ghiggia, a perseguição de Bigode, a pelota entrando no buraco em que só caberia o camundongo, estarão lembrados para todo o sempre na história da Copa do Mundo do meio século".

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
1	1 (0)	0 (0)
5	8 (1)	0 (0)

Tabela 3 – elaborada pelo autor

* Barbosa sempre foi citado junto com Bigode nessa edição

Edição de 21 de julho

Só há referência à Copa do Mundo na página 5. Dos oito textos, sete versam sobre o assunto. Somente a coluna *Olympicus* sustenta tom mais ácido para falar da derrota. Desta vez, alega que a seleção costuma tombar periodicamente, "entrar em colapso". E, assim, não consegue aprender as lições das derrotas.

Os demais textos exaltam o futebol brasileiro e pedem paciência, que a redenção logo virá: "o Brasil está ficando adulto", diz um dos artigos. A única referência direta a um jogador partiu de José Lins do Rego: "Estão muito enganados os que pensam que nós, do Flamengo, vamos abandonar Bigode em vista das suas três jogadas infelizes na última partida da Copa do Mundo. Não consideramos Bigode um responsável pela nossa derrota".

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
5	7 (0)	0 (0)

Tabela 4 – elaborada pelo autor

* Só uma citação a Bigode.

Edição de 22 julho

As referências ao Mundial estão na página 5, com continuações na página 8. São ao todo dez textos na página, e nove deles com referência à Copa do Mundo. A matéria de maior destaque é uma conversa com um treinador português antes do jogo final, mas só revelada depois do ocorrido, com a manchete: "por que o Brasil perdeu a última batalha". Esse treinador mostrara, portanto, alguns pontos fracos que o Brasil poderia apresentar. Preocupava a ele a pouca capacidade de marcação dos laterais do Brasil, por onde saíam os gols do Uruguai. A foto em destaque é de Bigode, sobre o qual esse treinador português vaticinou: "O defesa esquerdo Bigode é pouco rápido, raramente se antecipa e prefere atacar o extremo depois da recepção do passe".

A coluna *Olimpicus* voltou a criticar a falta de fibra do time brasileiro, tratando isso como um defeito crônico da nação. Enquanto que Mário Filho, desta vez, procurou tirar lições da derrota: "Para vencer o Uruguai, bastaria que Bigode não falhasse duas vezes, que Barbosa não falhasse duas vezes. Bastaria, inclusive, que Bigode só falhasse num dos gols. Bigode e Barbosa não falharam por falta de fibra. Falharam porque sentiram demasiadamente a carga da responsabilidade. Formara-se o pior dos ambientes para o scratch brasileiro: colocara-se o scratch na posição de campeão do mundo. A festa da vitória estava pronta e os jogadores sabiam disso".

Alvarus de Oliveira também cia Bigode e Barbosa e lamenta as falhas da dupla. Disse ser quase impossível imaginá-los falhando. José Lins do Rego não fala diretamente da Copa do Mundo, mas saúda o retorno dos jogos dos clubes: "Hoje o Flamengo volta ao campo do Maracanã para mostrar que o futebol não morreu no Brasil".

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
5	9 (2)	0 (0)

Tabela 5 – elaborada pelo autor

* Barbosa sempre foi citado junto com Bigode nessa edição enquanto Bigode foi citado uma vez sozinho nas explicações da derrota e com uma foto grande na página.

Edição de 23 de julho

O texto "Lucros e perdas no balanço da Copa", de Geraldo Romualdo da Silva, fala novamente do sentimento de tristeza na derrota do Mundial, mas se concentra em analisar a Inglaterra, que era uma das favoritas e foi eliminada prematuramente. A única foto da página é da seleção inglesa. A coluna de Alfredo Curvello versa sobre seguir em frente, dizendo que a golpe foi duro, mas "a vida não acabou". A coluna "Por hoje é só", em que não foi possível ler o autor por defeito na página escaneada do jornal, coloca em discussão um tema bem comum na Copa do Mundo de 2014: vale a pena sediar um Mundial em um país com tantas carências em serviços básicos, como saúde e educação? A "crônica internacional", de Albert Laurence, traz uma análise das equipes da Copa.

Sob o título de "A hora da compreensão de uma derrota", Mário Filho esmiúça uma ideia já analisada por ele em outras oportunidades: o lado psicológico do time brasileiro, que, segundo ele, foi frágil contra os uruguaios. De acordo com o texto, Bigode não marcou corretamente Ghiggia nos gols do Uruguai porque ficou com medo de ser expulso pelo árbitro. "Na hora de parar o avanço de Ghiggia de qualquer maneira, Bigode teve medo de uma expulsão de campo, de um pênalti e ficou inibido". Depois, Mário Filho amplia a questão: "A culpa do scratch brasileiro foi a de ter criado, pelas duas maravilhosas exibições contra a Suécia e a Espanha, uma atmosfera de vitória certa justamente quando mais se tornava necessária a noção de perigo de um match decisivo". Mário Filho conclui, afirmando que esse clima de "já ganhou", como se diz hoje em dia, enervou os brasileiros enquanto os uruguaios, sem responsabilidade, ficaram "serenos". "O medo de perder venceu o scratch brasileiro, essa é a lição da derrota".

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
5	7 (0)	0 (0)

Tabela 6 – elaborada pelo autor

* Apenas Bigode foi citado em um texto sobre culpa na final.

Edição de 25 de julho

Na capa da edição de 25 de julho, duas notícias sobre personagens da final da Copa. O capitão da seleção brasileira, Augusto, recebeu aumento salarial no Vasco. Mesmo time do treinador Flavio Costa, que estava retornando às atividades normais no clube após um período de descanso. Na página 3, uma nota informa que está concluído o filme sobre a Copa do Mundo. O texto diz que o documentário "será a primeira fita brasileira a ser exibida em vários países estrangeiros". "É a fita que desvenderá o Brasil aos olhos do mundo inteiro".

Os leitores ganharam espaço na página 4. O primeiro fez uma homenagem a Ademir, artilheiro da Copa. O segundo realizou uma defesa irrestrita a Bigode. “É por que você foi infeliz em dois lances, lances que foram fatídicos para o Brasil, nós não devemos esquecer todos os louros e as glórias que você deu”. Ele também cita o lance em que Bigode teria sido agredido por Obdulio Varela e defende o brasileiro por não ter revidado. O terceiro leitor faz um poema em homenagem à seleção. Os últimos dois leitores citam Barbosa sem destacá-lo. O admirador de Bigode disse que Barbosa estava nervoso, enquanto o autor do poema lamentou a falta de sorte do goleiro.

A Copa do Mundo virou assunto na página 5. Discorreu-se sobre o primeiro jogo no Maracanã após a derrota para o Uruguai. Foi um amistoso entre Flamengo e Bangu, com a manchete: “Para transformar a missa de sétimo dia em festa de baile”. Foram, ao todo, cinco textos otimistas com relação entre esse amistoso e a Copa do Mundo. O segundo texto afirmou: “Os craques que defenderam o Brasil nos duros compromissos da Copa do Mundo continuam possuindo as mesmas qualidades e gozando de igual popularidade”. O artigo também afirmou que, “quando for feita a história sem a influência da paixão, todos terão de falar em agradecimentos aos jogadores de 1950”. O texto, de autoria de Ricardo Serran, continua falando sobre a questão de eleger culpados. “Na tempestade desencadeada pela derrota de 16 de julho, muitos perderam a calma e passaram do endeusamento para a retaliação dos craques. O tempo, porém, foi fazendo a retificação indispensável e inevitável”.

Mário Filho também fez o cruzamento entre o amistoso e a Copa do Mundo para defender a importância de se ter um estádio do tamanho do Maracanã, capaz de lotar até em uma partida sem valor prático. Willy Meisl disse que a Copa serviu de estímulo ao futebol brasileiro. E José Lins do Rego provocou “os que decretaram a morte do futebol brasileiro” após a derrota para o Uruguai. Juvenal, Zizinho e Bigode atuaram em seus times e sem incidentes de vulto devido à derrota para os uruguaios. Augusto chegou a receber aumento no Vasco, time de Barbosa e que serviu de base para a seleção de 1950.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
1	2 (0)	0 (0)
3	1 (0)	0 (0)
4	3(2)	0 (0)
5	5 (0)	0 (0)

Tabela 7 – elaborada pelo autor

* Apesar de duas citações a Barbosa, Bigode teve mais destaque em um texto da página 4.

Edição de 26 de julho

A capa mostra o prefeito do Rio de Janeiro exaltando a conduta dos jogadores na Copa com uma foto da cerimônia em que havia o técnico Flavio Costa e jogadores. Dos oito textos da página 5, quatro ainda repercutiam a Copa do Mundo. Um dos textos se deteve a comentar sobre as outras seleções. Augusto Rodrigues chamou o Rio de capital do futebol mundial após a Copa. Joaquim Alves Teixeira fez uma carta aberta de exaltação ao torcedor brasileiro.

Enquanto isso, a coluna *Olimpicus* mantém tom mais crítico e lembra que, nas próximas Copas, a seleção precisa diminuir o regime de concentrações do elenco, pois gasta tempo e dinheiro. Não houve citações a jogadores ou referências diretas à derrota para o Uruguai.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
1	1 (0)	0 (0)
5	4 (0)	0 (0)

Tabela 8 – elaborada pelo autor

* Sem citações a mais nenhum jogador ou membro da seleção como culpados.

Edição de 27 de julho

Na página 2, aparecem as primeiras propagandas sobre imagens em movimento da final da Copa. Estava disponível no Cine Capitólio, no Rio de Janeiro, o filme das “reportagens completas” dos jogos derradeiros do Mundial. Na página 3, notícia mostra que Danilo, Maneca e Chico, que jogaram a Copa, voltaram antes do previsto aos treinos no Vasco.

Na página 5, surge a primeira grande discussão a respeito de Barbosa. Uma matéria, de Ricardo Serran, elenca cinco goleiros conhecidos por suas qualidades, mas que acabaram falhando pela seleção brasileira. Barbosa se tornou, portanto, o mais novo membro dessa lista que antes tinha quatro goleiros: Batataes, Oberdan, Ary e Borracha. Segundo o texto, "Barbosa errou ao deixar passar os dois gols uruguaios, especialmente o segundo". Na página, ainda havia mais dois textos sobre a Copa. João Machado alegou que o Brasil perdera para o Uruguai por falta de sorte. Pierre Rimet fala da injustiça da derrota brasileira, que o futebol nem sempre premia o melhor elenco, os jogadores mais virtuosos no resultado final de uma partida.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
2	0 (0)	0 (0)
5	3 (1)	1 (1)

Tabela 9 – elaborada pelo autor

* Sem citações a mais nenhum jogador ou membro da seleção como culpados.

Edição de 28 de julho

A página 2 novamente traz propaganda para se assistir a reportagens sobre a final da Copa no cinema. Na página 3, um texto com o título “Bigode e Barbosa foram dos esteios” destaca a dupla que vinha sendo criticada e a coloca como uma das atrações do filme da Copa do Mundo. “Bigode e Barbosa foram sempre dois esteios da equipe brasileira. Sua atuação foi espetacular mesmo, provocando exclamações de espanto por parte de estrangeiros”. A nota valoriza o desempenho deles no jogo contra a Espanha, que fora o ápice da seleção na fase final, antes do confronto diante dos uruguaios. O texto também dá mais explicações sobre o filme: “é a história bonita, alegre, e dramática da mais emocionante competição desportiva realizada até hoje no mundo”. A divulgação nos cinemas será uma das atribuições de Mário Filho, diretor do jornal. Na página 5, apenas um texto com referência à Copa, com análises de outras seleções.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
2	1 (0)	0 (0)
3	1 (1)	1 (1)
5	1 (0)	0

Tabela 10 – elaborada pelo autor

* Bigode é citado junto a Barbosa na página 2, com conotação positiva para ambos

Edição de 29 de julho

Na capa, não há referência à Copa do Mundo, mas vale destacar, como material interessante em relação ao objetivo final do trabalho, que Barbosa é destacado com uma fotografia como um dos jogadores premiados pelo ano de 1949. O prêmio se chamava “Oscar” e é concedido pelo Jornal dos Sports. Na página 2, novo convite para assistir a reportagens da final da Copa nos cinemas. Matéria da página 3 diz que o filme da Copa do Mundo, ainda a ser lançado, é a “real história” sobre o torneio. Junto com a nota, há uma

fotografia da partida entre Uruguai e Suécia. A imagem mostra um jogador do Uruguai levando uma das mãos em direção à bola. “Terá sido esse o gol da vitória uruguaia? O filme 'A Copa do Mundo' de 1950 elucida perfeitamente este como outros lances da peleja que poderia ter favorecido muito o Brasil, com a vitória da Suécia, ou mesmo o simples empate”. A partida terminaria 3 a 2 para os uruguaios.

A página 5 novamente reservou espaço de reflexão sobre a derrota para os uruguaios. A principal matéria tinha a manchete: “Em 1938 perdemos por indisciplina. E em 1950?”. O repórter entrevistava Hércules, jogador em 1938. Segundo ele, a derrota mais recente se deu por falta de comando e orientação em campo, ou seja, culpa do treinador. Além dessa matéria, a coluna *Olimpicus* volta a abordar a final da Copa. O assunto também é comando. Enaltece a figura de Obdulio Varela, dizendo que o uruguaio é um “capitão à moda antiga”, exemplar raro, pois, no futebol de então, esse tipo de líder não fazia sentido. O verdadeiro poder de liderança tinha que vir do treinador. E Obdulio só exerceu tamanha influência em campo contra os brasileiros pela fragilidade do treinador uruguaio.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
2	0 (0)	0 (0)
3	1 (0)	1 (0)
5	2 (0)	0

Tabela 11 – elaborada pelo autor

* Barbosa é citado em texto e foto na capa, mas sem referência direta à Copa

Edição de 1º de agosto

Após detectar que existe um problema crônico entre os goleiros da seleção brasileira, jornal agora traz o que seria mais uma carência: os ponteiros, que hoje em dia seriam atacantes que atuam preferencialmente pelas laterais do campo. Ricardo Serran diz no texto: “Não vamos ao exagero de considerar o futebol brasileiro como o melhor do mundo apesar de tudo que escreveram experimentados observadores estrangeiros. Vamos caminhando para isso”. Alves Teixeira discorre sobre a capacidade de o Brasil recheiar seu time de bons atacantes em detrimento aos defensores. Na sua opinião, a seleção “apresentou apenas duas exposições convincentes” de defensores: Barbosa, contra a Iugoslávia, e Augusto, diante do Uruguai. A coluna *Olimpicus* tratou de atacar a imprensa argentina, que havia divulgado que o número de 261 feridos no Maracanã devido à superlotação seria “o maior desastre já registrado em competições esportivas”. Segundo a coluna, incidentes em que houve feridos

“com pequenas arranhaduras nas pernas e nos braços ou desmaios” não pode ser comparados a eventos com mortes, como teria ocorrido, recentemente, em Bolton, na Inglaterra, com 32 vítimas fatais.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
2	0 (0)	0 (0)
5	1 (0)	1 (0)

Tabela 12 – elaborada pelo autor

* Barbosa é citado de forma positiva sobre outro jogo da Copa

Edição de 2 de agosto

A página 5 desta edição traz dois textos semelhantes em termos de análise. Um deles, de Pierre Rimet, diz que o grande ensinamento da Copa aos europeus é tentar se equiparar aos sul-americanos em termos de técnica. Para o colunista, o sul-americano tem a técnica do futebol na essência da expressão, “possui o senso inato da técnica, uma facilidade natural, uma verdadeira e pura alegria de brincar com a bola”. Willy Meisl faz uma reflexão mais tática. Segundo ele, os sul-americanos mostraram que não é preciso marcar tão forte se houver um time veloz e aplicado em atacar. O sul-americano, argumenta, pensa primeiro em “construir”, enquanto que o europeu prioriza a “destruição”.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
2	0 (0)	0 (0)
5	2 (0)	0 (0)

Tabela 13 – elaborada pelo autor

* Nenhum jogador é citado de forma direta

Edição do dia 3 de agosto

Página 3 mostra mais uma nota de chamamento ao filme da Copa do Mundo. O título promete uma película capaz de desvendar “acontecimentos quase ocultos” do torneio. A foto que acompanha o texto tem Ademir tentando marcar um gol contra a Iugoslávia. Na página 5, a principal matéria amplia uma questão colocada pela coluna Olympicus dias antes, da liderança de Obdulio Varela, capitão uruguaio na final em 1950. Seria ele um capitão à moda antiga, mais influente que o próprio treinador perante o restante da equipe. “Obdulio,

fantasma e tradição celeste”, diz a manchete da página. Não houve a reiteração do episódio do suposto tapa de Obdulio em Bigode, que teria intimidado o defensor brasileiro em campo.

A discussão sobre o capitão também levou a se pensar sobre o papel do treinador. O texto procurou colocar o treinador de futebol como um ser capaz de evocar paixão e ódio em um curto intervalo de tempo. Não condenou Flávio Costa pela perda do Mundial. “Acredita-se que ainda é cedo para julgar 16 de julho de 1950. Cedo, tanto mais quando se sabe que, no dia anterior, ninguém discutia o acerto da escalação da equipe e, até o gol de Ghiggia, as coisas seguiam um rumo quase perfeito. Tão perfeito que chegou a ser estragado na véspera pelo otimismo”.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
3	1 (0)	1 (0)
5	2 (0)	1 (0)

Tabela 14 – elaborada pelo autor

*Nenhum jogador é citado de forma direta em relação à culpa.

Edição de 4 de agosto

Na página 5, a coluna *Olimpicus* discute uma questão levantada por muitos torcedores e analista da época, se Leonidas e Heleno, craques de outras Copas, poderiam contribuir no último Mundial. Segundo o texto, Leonidas poderia ter feito, contra o Uruguai, o papel que Obdulio Varela, também um atleta veterano e já “cansado” desempenhara para a seleção celeste, ou seja, se impor como uma figura mítica, de liderança plena.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
5	1 (0)	0 (0)

Tabela 15 – elaborada pelo autor

*Nenhum jogador é citado de forma direta em relação à culpa.

Edição de 8 de agosto

Desta vez, tem-se até agora a maior referência direta a Barbosa em relação à derrota para o Uruguai. Até então, a possível falha do goleiro não tinha recebido um destaque em termos espaciais no jornal. Na página 3 desta edição, foi repetida uma fotografia já usada uma vez pouco depois do jogo com o seguinte título: “Terá sido realmente frango de Barbosa?”. Na imagem, há Ghiggia, Bigode e Barbosa já deitado, olhando a bola chutada pelo uruguaio entrar em sua rede. O texto é curto e se trata de mais uma chamada para o filme da Copa.

Fazia quatro dias que não surgia notícias ou análises a respeito do Mundial. Segundo o texto, “até agora ainda divergem as opiniões acerca do lance que valeu a perda do título de campeão do mundo. Bigode falhou, Ghiggia fechou sobre o gol e atirou: Barbosa falhou também e estava consumado tento que tamanha decepção causaria àquela colossal torcida. Mas... terá sido o lance exatamente assim?”. De acordo com o jornal, o filme poderá “elucidar, de maneira efetiva, a controvérsia existente”. O lance “aparece com toda a clareza, permitindo ao público, agora que tudo já serenou, apreciar com mais frieza e calma a cena trágica de que foram principais personagens Barbosa, Bigode e Ghiggia”.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
3	1 (1)	1 (1)

Tabela 16 – elaborada pelo autor

* Também há referência a Bigode nesse mesmo texto e aparição deste na fotografia.

Edição de 9 de agosto

Na página 3, matéria principal dá conta de que torcedores uruguaios se mobilizam para homenagem à torcida brasileira, ainda sobre o bom comportamento dos anfitriões na final da Copa do Mundo. Mais uma nota sobre o filme da Copa relembra o Mundial com foto e texto. Na ocasião, a foto mostra Ademir sorrindo ao buscar a bola nas redes na goleada de 6 a 0 sobre a Espanha, que sucedeu a derrota para o Uruguai. O título da nota diz: “Quando tudo era só sorrisos... o maior drama esportivo no maior filme brasileiro”.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
3	2 (0)	1 (0)

Tabela 17 – elaborada pelo autor

* Referência direta a Jair, com foto, mas sem relação com derrota.

Edição de 10 de agosto

Na página 3, há nova referência ao filme da Copa do Mundo. A foto e o texto valorizam a campanha da seleção chilena e de seu goleiro, Livingstone, que, na visão de muitos, fora o melhor goleiro do Mundial. A foto, aliás, é descrita com detalhes e bastante realçada na nota, assim como fora na chamada para o filme sobre o toque de mão do uruguaio no jogo contra a Espanha.

Na página 5, a coluna Olympicus questiona o clichê de que, sempre quando um time

sul-americano vence, diz-se que “a inspiração venceu a organização”. Quando uma equipe europeia obtém êxito, fala-se o contrário. Procura, assim, salientar o esforço tático dos uruguaios. Vargas Netto usa seu espaço para protestar contra boatos que haviam acusado a seleção brasileira de ter entregado o jogo para o Uruguai. Alvarus de Oliveira compara a Copa do Mundo às guerras e afirma que a derrota para o Uruguai teve impacto de uma bomba atômica. Mesmo assim, espera o título em 1954.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
3	2 (0)	1 (0)
5	3 (0)	0

Tabela 18 – elaborada pelo autor

* Não há referências diretas a jogadores.

Edição de 11 de agosto

Na página 5, Albert Laurence defende que o Uruguai foi vencedor mais por suas qualidades psicológicas e pela sorte do que por questões táticas. Vargas Netto volta a atacar quem afirma que a Copa do Mundo tenha sido entregue pelo Brasil.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
5	2 (0)	0

Tabela 19 – elaborada pelo autor

* Não há referências diretas a jogadores.

Edição de 12 de agosto

Na página 5, duas referências a Copa. Os dois textos criticam impressões estrangeiras a respeito do torneio. A coluna Olympicus ataca um jornalista francês que publicou “pequenos e fúteis senões” da organização do Mundial. Pierre Rimet lamenta a postura da seleção espanhola, que reprovou o clima brasileiro e a longa distâncias das viagens. Na página 6, mais uma menção ao filme. Sem foto, o texto é mais genérico e descreve rapidamente as capitais de receberam jogos do Mundial.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
5	2 (0)	0
6	1 (0)	0

Tabela 20 – elaborada pelo autor

* Não há referências diretas a jogadores.

Edição de 13 de agosto

Mais uma vez, a página 3 recebe uma nota com foto sobre o filme da Copa. A foto recebe bastante detalhe no texto. O lance é do jogo que antecedeu à partida final, refere-se ao empate do Uruguai contra a Espanha já no final do duelo, o que garantiu aos uruguaios a chance de jogar contra o Brasil ainda com condições de se tornarem campeões. “Desespero dramático dos espanhóis antes o inacreditável empate”, dizia o título.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
3	1 (0)	1 (0)

Tabela 21 – elaborada pelo autor

* Não há referências diretas a jogadores.

Edição de 15 de agosto

Na página 10, a última da edição, uma nova chamada para o filme. A foto é do empate do Brasil com a Suíça em 2 a 2, no Pacaembu, em São Paulo. “O drama do empate com a Suíça foi uma advertência salvadora para a classificação na série final”, dizia o título. O texto que segue pergunta: “não teriam aparecido já naquele dramático empate as falhas que iriam causar a derrota frente aos uruguaios?”. Por fim, o texto promete que o filme irá esclarecer “esse e muitos outros pontos de controvérsia” do torneio.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
3	1 (0)	1 (0)

Tabela 22 – elaborada pelo autor

* Não há referências diretas a jogadores.

Edição de 12 de outubro

Depois de 59 edições sem referência à Copa do Mundo, a página 5 desta edição traz em destaque novamente a foto do gol de Ghiggia sobre Barbosa, pela terceira vez desde a final da Copa do Mundo. Desta vez, não é uma referência direta ao conteúdo da matéria, mas tem na legenda a seguinte classificação: “o gol, página triste na história do futebol brasileiro”. O texto discute a possível queda técnica do futebol carioca após o Mundial, apesar da torcida,

que "reagiu com entusiasmo e está dando rendas que os clubes não podiam imaginar".

Em tom realista, a matéria aponta que “os cracks parecem que estão vendo Ghiggias por todos os cantos, ouvindo os berros em castelhano de Obdulio”. Conclui-se que “o scratch de ouro do Brasil, que esteve a vinte minutos da maior conquista, está acabando mesmo” e que “uma simples vitória no regional não tem força para substituir a aureola que Ghiggia estragou”.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
5	1 (0)	1 (1)

Tabela 23 – elaborada pelo autor

* Não há referências diretas a jogadores brasileiros.

Edição de 18 de outubro

Nota na capa informa que Flavio Costa enviará relatório a CDB sobre a Copa do Mundo.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
1	1 (0)	0 (0)

Tabela 24 – elaborada pelo autor

* Não há referências diretas a jogadores brasileiros.

Edição de 16 de novembro

Depois de mais um intervalo longo sem ocorrências sobre a Copa do Mundo, surge uma referência no cartaz de propaganda do filme sobre o Mundial. Agora, a película tem data para estreia, 27 de novembro. “O maior filme esportivo de todos os tempos”, diz a peça, sem fotografias.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
2	0 (0)	0 (0)

Tabela 25 – elaborada pelo autor

* Não há referências diretas a jogadores brasileiros.

Edição de 17 de novembro

Página 2 traz segunda propaganda do filme da Copa do Mundo, igual à primeira. Na página 5, o colunista Vargas Netto fala de entrada dura de Bigode sobre jogador do Grêmio

em amistoso: "explosão do recalque. Bigode foi acusado pela derrota do Brasil frente ao Uruguai. Falaram até no baile que Ghiggia oferecera a Bigode". O jogador se chamava Gita, parecido com Ghiggia, e o Grêmio tinha o uniforme parecido ao do Uruguai. "Resultado: está o Grêmio sem um jogador e o Brasil continua sem o campeonato do mundo".

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
5	1 (1)	0

Tabela 26 – elaborada pelo autor

* Referência a Bigode.

Edição de 18 de novembro

Terceira publicidade do filme da Copa do Mundo, na página 2. Na página 5, Matéria com o título "O espantalho bigode", sobre o retorno das críticas ao jogador, um dos mais culpados pela derrota na final da Copa de 1950. O motivo: a lesão provocada por ele em um jogador do Grêmio.

Pontos a destacar sobre a referência à Copa: "João Ferreira, assim, retornou aos títulos dos maiores jornais, acusando-o de tudo de ruim que acontece no futebol brasileiro. Pelos pontapés que dá e pelos que deixou de desferir, no tocante à Copa do Mundo". "Marcado por uma derrota que calou fundo na alma do torcedor, personagem do drama final do revés histórico, ficou para ser citado por todos os que falam ou escrevem sobre futebol". "Ganhou inimigos e perdeu muito de sua popularidade" (após a Copa de 1950). "Foi fácil apontar Bigode como fácil acusar Barbosa... embora, após o empate, a brecha da esquerda estivesse pedindo conserto". "Marcado pela derrota, já no fim da carreira, procura fazer mais do que antes, na tentativa de esconder o que se aponta como a tragédia do Maracanã".

O colunista José Lins do Rego, ao comentar sobre Bigode, relembra a final da Copa. Reforça a falha de Bigode, que permitiu um "extrema veloz atirar a gol, para que Barbosa engolissem um frango de grande tamanho".

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
5	2 (1)	0

Tabela 27 – elaborada pelo autor

* Referências a Bigode e Barbosa.

Edição de 19 de novembro

Quarta ocorrência da peça sobre o filme da Copa do Mundo.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
-	0 (0)	0 (0)

Tabela 28 – elaborada pelo autor

Edição de 20 de novembro

Quinta ocorrência da peça sobre o filme da Copa do Mundo.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
-	0 (0)	0 (0)

Tabela 29 – elaborada pelo autor

Edição de 22 de novembro

Sexta ocorrência da peça sobre o filme da Copa do Mundo.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
-	0 (0)	0 (0)

Tabela 30 – elaborada pelo autor

Edição de 23 de novembro

Repetição, na página 3, de uma chamada de 9 de agosto sobre o filme da Copa do Mundo. Na ocasião, a foto mostra Ademir sorrindo ao buscar a bola nas redes na goleada de 6 a 0 sobre a Espanha, que sucedeu a derrota para o Uruguai. O título da nota diz: “Quando tudo era só sorrisos... o maior drama esportivo no maior filme brasileiro”.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
3	1 (0)	1 (0)

Tabela 31 – elaborada pelo autor

* Não há referências diretas a jogadores brasileiros.

Edição de 24 de novembro

A propaganda da página 2 agora ganha uma fotografia, de difícil identificação a respeito de qual jogo seria. A peça ganhou mais textos: “O filme completo, inédito, fase por fase, o mais belo campeonato do mundo jamais disputado”.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
-	0 (0)	0 (0)

Tabela 32 – elaborada pelo autor

Edição de 25 de novembro

É a primeira vez em que aparece a foto de Barbosa na propaganda do filme da Copa do Mundo, na página 2. Na imagem, o goleiro está levando o primeiro gol, de Schiaffino, no jogo contra o Uruguai. Junto, os seguintes textos: “Por que o Brasil perdeu o Campeonato do Mundo? O maior filme esportivo de todos os tempos vos fará compreender as razões da derrota”.

Na página 3, um novo texto chamando o filme, com foto do jogo contra a Iugoslávia, mostrando um dos gols, de Ademir. “Fazendo renascer as esperanças, foi mais cruel o destino”, diz o título do texto em referência ao que estava por vir no final.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
3	1 (0)	1 (0)

Tabela 33 – elaborada pelo autor

* Referência também a Ademir a respeito de um gol.

Edição de 26 de novembro

Na página 3, a manchete principal era sobre o filme: “Amanhã, na tela, o maior drama da história esportiva do Brasil”. O texto não deixa claro qual partida aparece na fotografia. No entanto, a nota avisa que o filme “esclarece de maneira total e definitiva as verdadeiras razões daquele dramático fracasso da partida final”. Na página 4, segunda aparição da propaganda com a imagem de Barbosa.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
3	1 (0)	1 (0)

Tabela 34 – elaborada pelo autor

*Sem referências a demais jogadores

Edição de 28 de novembro

Na capa, registro do “sucesso retumbante” do filme. A outra referência ao Mundial está na página 4, também uma propaganda do filme, a que aparece Barbosa mais uma vez.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
1	1 (0)	0 (0)

Tabela 35 – elaborada pelo autor

*Sem referências a demais jogadores

Edição de 29 de novembro

Na página 2, mais uma propaganda do filme do Mundial com foto de Barbosa. Na página 5, matéria principal, de Ricardo Serran, diz que o Brasil “conquistou o mundo mesmo sem o troféu da Copa”. O texto procura valorizar os vice-campeões mundiais, afirmando que os jogadores não estão decadentes em seus clubes. “A desilusão seguiu-se a revolta, com a consequente perda de calma. Os jogadores, uns mais do que outros, acusados de coisas ruins. Os jogadores da Copa do Mundo, passando a fase de queda de produção provocada pelo revés contundente, voltaram ao que eram”. A matéria é acompanhada de uma fotografia dos jogadores perfilados para alguma partida da Copa.

O escritor José Lins do Rego repercutiu o filme da Copa. “Lance a lance, os fatos se desenrolam aos nossos olhos, numa reprodução fiel de tudo o que vimos. E, para dar a nota pungente, lá está aquele miserável gol de Ghiggia, com toda a sua trama envenenada com o recuo infeliz de Bigode e o frango, bem gordo, de Barbosa”.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
5	2 (2)	1 (1)

Tabela 36 – elaborada pelo autor

*Barbosa é citado no primeiro texto da página 5, mas sem destaque ou profundidade

Edição de 30 de novembro

Nota na página 6 sobre o sucesso do filme em outros países.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
6	1 (0)	0 (0)

Tabela 37 – elaborada pelo autor

*Sem referências a demais jogadores

Edição de 1º de dezembro

Na página 2, mais uma propaganda do filme do Mundial com foto de Barbosa. Na página 5, aumenta a repercussão a respeito da película. A coluna do correspondente internacional Albert Laurence diz que o filme tem todos os gols do torneio, mostra imagens de treinamentos, bastidores e também tem muitas imagens de paisagens do Rio. "Propaganda maravilhosa para a gente e as coisas do Brasil".

Antonio Olinto faz um texto mais descritivo a respeito do filme. Segundo o autor, o filme é um documentário por permitir o "contato mais direto com a realidade". No entanto, também vê elementos de ficção. Afirma que as imagens foram coordenadas com "o fim de comover". Destaca a função do filme de trazer uma "emoção nova". Outras frases a destacar a respeito do papel da película. "A força da câmera é tanta que é como se não soubéssemos o que irá acontecer, como se estivéssemos atravessando novamente a mesma expectativa de então". "Filmados com espírito objetivo", "visão mais detalhada do que foi o grande acontecimento esportivo". "A câmera mostra as imagens com mais nudez, com maior riqueza de movimento.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
5	2 (0)	0 (0)

Tabela 38 – elaborada pelo autor

*Sem referências a demais jogadores

Edição de 2 de dezembro

Página 2 com mais uma propaganda do filme com a foto de Barbosa, também repetindo o texto anterior já citado. Uma matéria na página 5 acompanha uma sessão do filme e relata a forma com que os espectadores absorveram as emoções da película.

O título da matéria é: "Título de filme: fantasma de um sonho". "O filme da Copa nos mostra tudo", diz o texto que também conta curiosidade de meninos em saber quem seria

Obdulio Varela entre os uruguaios do filme, espanto de quem deve ter o primeiro contato com as figuras da Copa. O relato ainda menciona que Ghiggia havia feito um gol igual ao de Barbosa em jogo anterior, contra a Espanha, no Pacaembu. No entanto, não descreve a sensação da plateia no gol de Ghiggia - apenas cita a sensação ao final das imagens da final, com silêncio e depois aplausos.

Há uma fotografia na página, que faz menção ao jogo e mostra Danilo disputando uma bola aérea com uruguaios. A legenda: “Reage, Danilo – cinco meses depois da Copa do Mundo, o filme dos jogos já em exibição, o torcedor ainda incentiva os cracks do Brasil. Agora, não mais nas arquibancadas do Maracanã, mas... da plateia do cinema”.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
5	1 (0)	1 (0)

Tabela 39 – elaborada pelo autor

*Sem referências a demais jogadores, com exceção da foto genérica de Danilo

Edição de 3 de dezembro

Página 2 contém propaganda do filme da Copa, com foto de Barbosa.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
2	0 (0)	0 (0)

Tabela 40 – elaborada pelo autor

*Sem referências a demais jogadores

Edição de 7 de dezembro

Retorna a propaganda do filme da Copa com foto de Barbosa na página 2.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
-	0 (0)	0 (0)

Tabela 41 – elaborada pelo autor

*Sem referências a demais jogadores

Edição de 8 de dezembro

Mais uma propaganda do filme da Copa com foto de Barbosa na página 2.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
-	0 (0)	0 (0)

Tabela 42 – elaborada pelo autor

*Sem referências a demais jogadores

Edição de 9 de dezembro

Mais uma propaganda do filme da Copa com foto de Barbosa na página 2.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
-	0 (0)	0 (0)

Tabela 43 – elaborada pelo autor

*Sem referências a demais jogadores

Edição de 10 de dezembro

Mais uma propaganda do filme da Copa com foto de Barbosa na página 2.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
-	0 (0)	0 (0)

Tabela 44 – elaborada pelo autor

*Sem referências a demais jogadores

Edição de 20 de dezembro

Matéria que coloca Barbosa na liderança do prêmio Oscar, do Jornal dos Sports, com o goleiro menos vazado do Carioca até então - 18 gols em 15 jogos, ao lado de Luiz. Texto citado aqui como elemento interessante para contexto, mas sem conexão direta com a Copa do Mundo para fins de contabilização.

Página	Textos sobre a Copa (com Barbosa)	Fotos sobre a Copa (com Barbosa)
-	0 (0)	0 (0)

Tabela 45 – elaborada pelo autor

*Sem referências a demais jogadores

Como síntese dos dados coletados acima, das 132 edições do Jornal dos Sports que pertenceram ao *corpus*, de 18 de julho a 31 de dezembro, 32 continham materiais sobre Copa do Mundo, entre textos e fotografias. Destes, 117 textos versaram sobre a Copa do Mundo, assim como 36 fotografias.

Alvo principal do presente estudo sobre a figura do vilão na Copa de 1950, Barbosa é

citado em 22 desses textos e aparece em 8 fotografias. A partir desses dados gerais, a intenção é iniciar uma interpretação do material para tentar compreender o fenômeno de vilania sobre Barbosa após a final do Mundial.

	Material sobre a Copa	Menções a Barbosa
Textos	117	22
Fotografias	36	8

Tabela 46 – elaborada pelo autor

*Coleta realizada em 132 edições do Jornal dos Sports, de 18/07/1950 a 31/12/1950

6.3 INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

O Jornal dos Sports não manteve um tratamento completamente linear em sua análise a respeito da derrota da seleção brasileira. A leitura das edições de quase seis meses de jornal permite fazer uma divisão em três fases em termos de informações e interpretações acerca do insucesso do time nacional. Esses estágios não são estanques, com um começando quando o outro termina. Acabam se justapondo, mas tal disposição pode ajudar na organização das ideias da publicação e no caminho percorrido pelos profissionais da época na tentativa de se apontar um vilão.

O material coletado e organizado anteriormente foi útil para o próximo passo, portanto, que é o de interpretação dos dados. Para o interesse mais particular do trabalho, que se preocupa com a figura do vilão, serão selecionados para reflexão os materiais que visam a discutir a derrota do Brasil.

Inicialmente, chamou a atenção, após a organização da coleta, o quanto Barbosa divide com Bigode o protagonismo em relação a citações sobre falhas. Na verdade, são eles os citados entre os jogadores e, de resto, fatores intangíveis, como tática, psicologia e afins. Tentar olhar com um pouco mais de vigilância o personagem de Bigode será um dos esforços desta nova etapa.

Fase 1

A edição do dia 18 de julho poderia causar espanto no jornalismo esportivo contemporâneo. O Brasil acabara de perder a então maior chance da história de se tornar campeão do mundo. Bastava empatar jogando em casa, diante de 200 mil torcedores

favoráveis e contra um adversário sobre o qual se depositavam poucas expectativas devido a uma campanha irregular durante o certame. O Brasil saiu à frente no placar e permitiu uma virada, tudo isso no segundo tempo da partida. O espanto está nas manchetes e matérias com extrema compreensão em relação ao que poderia ser considerado um fracasso do futebol. Havia pouca condenação e extrema valorização da superioridade uruguaia. Também dizia que o Brasil era o melhor time do mundo apesar de que, no jogo decisivo, não tenha sido superior ao rival.



Reprodução 1 – Trecho da edição de 18 de julho de 1950 do Jornal dos Sports

Na capa, apenas uma menção a Barbosa, na legenda de uma das fotos: “Barbosa aparece batido pelo tiro de Schiaffino”. Na página 3, surge uma foto com Barbosa ao chão, observado por Ghiggia e Bigode, e a bola já no fundo das redes. Na legenda da foto, há crítica a Barbosa: “Barbosa falhou na cobertura da meta”. A palavra frango surge logo na primeira edição do Jornal dos Sports após a derrota brasileira.

Interessante notar que Barbosa teve mais destaque em termos de fotografia, mas os textos ressaltam com intensidade superior a atuação precária de Bigode. Pela segunda vez, todavia, Barbosa é atrelado à palavra pejorativa “frango”.

A preponderância de um discurso otimista seguia. Até porque, na prática, o luto parece ter sido bem menos robusto, ou ao menos não tão imediato, do que o imaginário contemporâneo sugere. Dias depois do jogo, Bigode, por exemplo, já treinava em seu clube, o Flamengo, como informava o Jornal dos Sports de 20 de julho.

Fase 2

No dia 22, há algumas diferenças em relação aos dias anteriores. Novamente José Lins do Rego tentava animar seus leitores, afinal o Maracanã receberia uma partida logo uma semana depois da derrota traumática, e com Bigode em campo: “Hoje o Flamengo volta ao campo do Maracanã para mostrar que o futebol não morreu no Brasil” (JS, 22/07/1950).

Enquanto isso, Mário Filho tratava de dissecar em mais capítulos a derrota do dia 16. E um elemento bastante discutido até hoje vem à tona: o clima de otimismo exacerbado antes do jogo. O jornalista insiste na questão do time brasileiro como frágil psicologicamente, incapaz de igualar os uruguaiois em garra e, agora, também incapaz de superar a euforia externa e assumir a condição de favorito na prática.

Foi o primeiro dia analisado, desde 18 de julho, em que houve mais teses críticas do que busca por razões da derrota em terceiros. E também é a primeira vez em que um jogador recebe uma manchete que possa vinculá-lo à culpa. Na principal matéria da página 5, há uma foto de Bigode e o título: "por que o Brasil perdeu a última batalha". Segundo o treinador português consultado, preocupava a ele a pouca capacidade de marcação dos laterais do Brasil, por onde saíam os gols do Uruguai. Sobre Bigode, disse: "O defesa esquerdo Bigode é pouco rápido, raramente se antecipa e prefere atacar o extremo depois da recepção do passe". Barbosa seguiu citado no contexto, em outro texto da página, mas com Bigode. Barbosa jamais fora citado sozinho nesta edição, ao se falar sobre as causas da derrota. Esse destaque só foi concedido a Bigode, inclusive com fotografia deste.

Bigode realmente parece estar mais atrelado à derrota. Na edição de 25 de julho, um leitor defendeu o jogador. Nessa mesma edição, voltou a crescer o tom mais ufanista dos textos. Uma das razões para isso pode ter sido o retorno do futebol ao Maracanã uma semana após a derrota, num amistoso entre Flamengo e Bangu. As matérias e opiniões ressaltam que o futebol brasileiro não morreu e que os jogadores que atuaram na Copa seguem em boa forma.



Reprodução 2 – Trecho da edição de 27 de julho de 1950 do Jornal dos Sports

É no dia 27 de julho que o Jornal dos Sports traz uma discussão mais profunda e destacada a respeito dos goleiros da seleção brasileira. A reportagem faz uma lista de nomes que estavam jogando bem, mas que acabariam por falhar em momentos importantes. Barbosa, claro, entraria na lista. A matéria não condena Barbosa de maneira contundente, mas diz que o goleiro errou nos gols. Depois da matéria com foto de Bigode atrelando-o à derrota, Barbosa tem seu primeiro destaque direto, além de aparecer em fotos de jogo, como Bigode, e ser mencionado em textos.

Embora a matéria não tenha feito críticas ferrenhas, ela marca o que chamamos aqui da segunda fase da compreensão do Jornal dos Sports a respeito da derrota brasileira, já iniciada no dia 22. É quando passa a ocorrer, de forma mais direta, a tentativa de se buscar culpados, sejam jogadores, sejam aspectos táticos ou psicológicos. Nesse momento, os registros sobre a partida bem como as repercussões começam a ficar escassas, e o assunto passa vir à tona ocasionalmente e a dupla Bigode e Barbosa, na maioria das vezes, acaba lembrada e atrelada ao jogo.

No início fim de julho e início de agosto, outra discussão tomou conta das páginas dos jornais, como a etapa de coleta descrevera. Sempre havia o objetivo de encontrar os motivos para a derrota, mas, desta vez, sobre um novo viés. O papel do comandante, ou a ausência dele, provocada pela atuação destaca de Obdulio Varela como um líder em campo pelo lado uruguaio. Não houve menções negativas a Barbosa ou a Bigode de 28 de julho a 4 de agosto, apenas uma análise de que o Brasil não produz bons defensores na mesma medida em que cria atacantes de qualidade.

JORNAL DOS SPORTS

SOMENTE PARA INGLÊS VER

Caiu A Produção Dos Cracks Brasileiros

De Ricardo SERRAN



O gol página triste na história do futebol brasileiro. Os personagens: Ghiggia, Bigode e Barbosa, além da bola que teve o papel principal. Isso em 18 de julho de 1950, no Estádio Municipal de Derby.

Excluído o América, sem fa- transformar no grande time de e excursões que anteviram a trapacear e quem, lutando cada vez algum, o que está mirando: clube grande que procura ser. Os competição oficial. O que não: dia de cada mês destes quatro que não chega para dar, sobre outros até que estão salindo com quem está entendendo é a queda. anos de intervalo. De jogadores

A crônica de Vargas Netto

O Diabo Não É Tão Feio...

Não me parece que seja de desoperto a situação do time do Vasco da Gama. Porque tanto pessimismo de alguns cronistas, onde se prevê dias negros para o futebol brasileiro, pode a isso ter estado a ausência de falência absoluta sobre o esquadro cronístico!

Não quero afirmar que a equipe de São Januário esteja em boas condições físicas. Se se pode discutir o lado físico da "mala racha" que atravessa a representação de São Januário. Sim, pois ninguém pretenderá dizer que aquele famoso time do Vasco da Gama, não sabe jogar futebol!

Os jogadores estão um pouco extenuados com a campanha ininterrupta que vêm realizando desde o último sul-americano. Além, o extenuamento dos jogadores por mim, quando reclamei contra tanta coisa feita nas viagens do campeonato do mundo.

Hoje o sub-continente em Janeiro de 50 e segue uma campanha cerrada do Vasco, com excursões, campeonato interno, matches internacionais, Torneo Rio-São Paulo, campeonato brasileiro, Copas e mais copas e Campeonato do Mundo.

Eu quero de dizer que o time brasileiro, que era constituição à base do time vascoano, estava no Campeonato do

Reprodução 3 – Trecho da edição de 12 de outubro de 1950 do Jornal dos Sports

Em 12 de outubro, voltou a colocar a mesma foto de Barbosa levando o gol de Ghiggia com Bigode a observar (terceira vez desde a primeira edição após a final do campeonato). Desta vez, não havia uma relação direta com o texto, que versava sobre uma possível piora dos times cariocas depois da Copa, ao contrário da torcida, que “reagiu com entusiasmo e está dando rendas que os clubes não podiam imaginar” (JS, 12/10/1950).

Embora os remanescentes do Mundial demonstrassem estar levando rotinas normais, o texto diz que “os cracks parecem que estão vendo Ghiggias por todos os cantos, ouvindo os berros em castelhano de Obdulio” (JS, 12/10/1950), como se vissem fantasmas e fossem incapazes de se livrar do fardo da derrota. “Uma simples vitória no regional não tem força para substituir a aureola que Ghiggia estragou” (JS, 12/10/1950), destacou o texto, com um nível de complacência bem menor em comparação com os primeiros textos do jornal aqui expostos. Novamente, coloca-se em evidência a questão do fator psicológico, que seguiria atrapalhando os atletas. O texto não cita atletas, mas revela uma postura mais combativa para se entender a derrota e, mais do que isso, relacionar o fracasso na Copa ao cotidiano do futebol também entre os clubes. É sintomática ainda a utilização da foto da final do Mundial em que aparecem os protagonistas do lance decisivo. Se os jogadores ainda estão vendo os uruguaios por toda a parte tal qual uma assombração, esta também parece abalar os produtores de conteúdo ao fazer a ligação dos efeitos danosos da derrota nos jogadores e no futebol

carioca com as falhas de Bigode e Barbosa. Ou seja, pode-se inferir que, ao falar do revés de 16 de julho, lembra-se daquele segundo gol uruguaio e de seus atores.

Em contrapartida do texto crítico do *Jornal dos Sports*, Barbosa tinha uma das menores médias de gols sofridos do Campeonato Carioca, por exemplo. E, salvo as críticas pontuais, parecia ter mantido uma rotina normal como jogador do Vasco. Bigode, nem tanto. Em novembro, surgiu um exemplo bastante ilustrativo de que pairava um peso maior sobre o defensor do Flamengo. E que a derrota para o Uruguai estava começando a criar relações além dela própria, os “fantasmas”.

Segue este exemplo de Bigode. O clube rubro-negro enfrentou o Grêmio no Maracanã em amistoso. O time gaúcho venceu por 3 a 1, mas terminou o jogo com um atleta seriamente machucado por Bigode. Houve comparações por que o Grêmio se vestiu de azul e negro e o jogador machucado se chamava Gita, semelhanças com o Uruguai e Ghiggia, respectivamente. No outro dia, mais matérias começaram a explorar a figura de Bigode e relacionar o lance contra o Grêmio ao gol do Uruguai. A onda de críticas a Bigode respingou em Barbosa, como se, repetindo-se o exemplo anterior, da foto em matéria sem vinculação direta, fosse impossível falar do duelo com os uruguaios sem citar Bigode ou Barbosa, ou os dois juntos. Barbosa novamente é atrelado a um “frango” pela quarta vez.

Esse período de 12 de outubro a 18 de novembro abriu a possibilidade de se interpretar as figuras de Barbosa e Bigode como referenciais ao se retomar o assunto da derrota. Ao se dizer que os atletas que jogaram o Mundial caíram de produção, usa-se a foto em que Barbosa e Bigode aparecem levando o gol de Ghiggia. Ao justificar uma falha de Bigode com a camisa do Flamengo, remetem-se a elementos do jogo contra o Uruguai. Surge, portanto, uma nova rotina de vinculações a Barbosa e a Bigode, que antes havia cessado. Por que cessara e retornara? É difícil concluir algo com precisão. Mas um elemento importante irrompeu entre os conteúdos sem citações à dupla e o retorno do processo. O papel do filme da Copa do Mundo parece ser interessante nessa trajetória.

Fase 3

Nesse período, entre agosto e outubro, os registros de relevo a respeito da Copa do Mundo se baseavam, sobretudo, em chamadas para o filme da competição: “Um filme que traz à tona acontecimentos quase ocultos do campeonato mundial” (JS, 03/08/1950).

Faz-se necessário ponderar que a ampla veiculação de mensagens a respeito do filme também trazia um interesse comercial, já que Mário Filho tinha participação no processo. O

filme teve a produção do Cine Laboratório Alex, do cineasta Alexandre Wulfes. Relembrando o que já fora citado no trabalho: a equipe do laboratório foi contratada pelo cineasta Milton Rodrigues, irmão dos jornalistas Nelson Rodrigues e Mário Filho, e que vencera a concorrência para filmar os jogos do Mundial com exclusividade. Interessante notar que o Jornal dos Sports consegue trabalhar em quatro frentes sobre o filme: peças publicitárias mais tradicionais, pequenas notas inseridas em páginas de conteúdo noticioso, a produção de matérias e a inserção da película em artigos de opinião.

Curiosamente, um pouco antes, no dia 28 de julho, o jornal traz uma pequena matéria que aborda o filme da Copa do Mundo novamente. No texto, há referência a Bigode e Barbosa, porém de maneira positiva, afirmando que a dupla fora destaque no Mundial e uma foto de ambos em ação em um lance neutro. A intenção parecia ser a de criar uma espécie de suspense ou curiosidade, a fim de chamar a atenção para o enredo do longa-metragem que seria lançado semanas depois, até porque o texto não aborda, em momento algum, os problemas da final do Mundial, como se realmente fosse para gerar espanto para quem lesse, assim provocando também vontade de assistir ao filme.

Isso porque, logo depois, no dia 8 de agosto, surge uma matéria sobre o filme que coloca em grande destaque a falha de Barbosa no gol de Ghiggia, como se complementasse a primeira nota em tom oposto. O texto questiona: “será que foi frango?”, colocando novamente o filme com a capacidade de elucidar todas as dúvidas que os relatos e opiniões não puderam fazer, isso é uma tônica de todas as referências sobre o filme. Pela quinta vez, Barbosa é relacionado ao “frango”. O artigo também cita Bigode. Assim como ocorrera em 28 de julho, quando houve elogios a Bigode e Barbosa no texto sobre o filme, este novo conteúdo tenta aguçá-la curiosidade do leitor para encaminhá-lo às salas de cinema.



Reprodução 4 - Trecho da edição de 8 de agosto de 1950 do Jornal dos Sports

Em 1º de dezembro, uma matéria procura definir de forma mais precisa o gênero do filme. O texto chega a soar contraditório ao colocar a película como um documentário que traz um “contato mais direto com a realidade”, mas, ao mesmo tempo, sugerir que existissem elementos de ficção. Segundo o texto, algumas imagens foram coordenadas “com o fim de comover”. Ainda de acordo com a publicação, o filme traz uma “emoção nova”. “A força da câmera é tanta que é como se não soubéssemos o que irá acontecer, como se estivéssemos atravessando novamente a mesma expectativa de então” (JS, 01/12/1950).

A matéria principal da página 3 em 26 de novembro era o lançamento do filme, que ocorreria no dia seguinte. O título seguia o padrão dos demais textos anteriores sobre a película, em que se usava muito a palavra “drama”, como se o efeito do audiovisual pudesse ser capaz de aumentar a carga dramática dos textos dos jornais, trazendo à tona uma espetacularização maior. “Amanhã, na tela, o maior drama da história esportiva do Brasil”. O texto não deixa claro qual partida aparece na fotografia. No entanto, a nota avisa mais uma vez, assim como todas as outras, que o filme “esclarece de maneira total e definitiva as verdadeiras razões daquele dramático fracasso da partida final”.

No dia 2 de dezembro, o Jornal dos Sports foi além da opinião de seus interlocutores e foi até uma sessão de cinema acompanhar as impressões dos populares a respeito do filme. A manchete é: “Título de filme: fantasma de um sonho”. Hoje em dia, fala-se com naturalidade do fantasma de 1950, com direito a uruguaio que se veste de fantasma para provocar os

brasileiros. A primeira menção direta no Jornal dos Sports a essa sensação de assombro com a derrota para o Uruguai se dá nesta matéria vinculada ao filme e às sensações que o cinema pode provocar, o que suscita novamente a questão do cinema como uma tecnologia que chega para alterar a realidade da tecnologia anterior, o jornal. Com o passar das edições, as menções à Copa, à derrota, a Barbosa, tudo ganha um tom mais dramático, verborrágico do que vinha ocorrendo até então.



Reprodução 5 - Trecho da edição de 2 de dezembro de 1950 do Jornal dos Sports

O texto também segue tom dramático ao comparar os jogadores de 1950 a Joana D'Arc: “tombaram na hora da apoteose”. De acordo com a matéria, “cada um de nós, que está na sala de projeções, se revê na tela. Não em espécie. Mas na alma”. Mais do que isso, procura saciar a curiosidade que as letras de jornais e as vozes de rádios não foram capazes de dar conta. Um exemplo interessante do impacto do vídeo antecedido dos relatos das testemunhas oculares da partida: meninos se perguntavam no cinema qual dos uruguaios perfilados era Obdulio, sintoma do primeiro contato de muitas das pessoas presentes com as imagens em movimento da final. E mais do que isso: pode ser um interessante sinal de que, embora os relatos escritos e radiofônicos não sejam totalmente capazes de satisfazer, ao menos eles despertam determinados pontos de vista ou opiniões.

Afinal, é provável que os meninos se interessaram em procurar a figura de Obdulio Varela pelos variados relatos que o colocavam como um dos grandes responsáveis por conter a seleção brasileira no Maracanã. Pairava sobre ele o imaginário do algoz brasileiro, o capitão

que não temeu o estádio lotado e amedrontou Bigode, entre outros. Tem-se aí um possível exemplo, a partir da coleta de dados e da presente interpretação, de complemento entre as técnicas e as tecnologias para a construção ou o reforço de determinado imaginário.

O filme da Copa, segundo a matéria, “mostrava tudo”. E parece ter tido o efeito de se voltar no tempo e tirar novas conclusões ou confirmar antigas suspeitas que só a imagem poderia definir como verdadeiras ou não, segundo os próprios textos do Jornal dos Sports. José Lins do Rego reforçou suas críticas, em tom até mais pesado a Barbosa, após assistir ao filme. “Lance a lance, os fatos se desenrolam, aos nossos olhos, numa reprodução fiel de tudo o que vimos. E, para dar a nota pungente, lá está aquele miserável goal de Ghiggia, com toda a sua trama envenenada com o recuo infeliz de Bigode e o frango, bem gordo, de Barbosa” (JS, 29/11/1950).

Trata-se de uma postura bem menos compreensiva. Assim como outros comentaristas que criticavam Bigode e Barbosa, mas faziam a ressalva de que o conjunto inteiro perdeu junto, José Lins do Rego começa a enfatizar o que a imagem lhe mostrava. Como o próprio cartaz do filme prevê, naquelas cenas estarão a verdade absoluta a respeito do insucesso inesperado do Brasil.

Ou seja, o filme tem a capacidade de fazer as pessoas reviverem emoções, mas também viver emoções novas, sobretudo os que não haviam conseguido assistir no estádio à derrota do Brasil para o Uruguai. Sensações que podem ser difíceis de serem alcançadas com leituras de páginas de jornais. O filme da Copa deveria surgir como um divisor de águas, portanto, na forma de se consumir a Copa do Mundo. Até porque as inserções no jornal a respeito do filme foram numerosas e, sobretudo, marcantes em relação à narrativa, ao tratar como premissa básica que havia razões claras para a derrota do Brasil e tudo poderia ser visto na tela. Ou seja, tudo para ver estava no campo de jogo, a despeito de todas as análises realizadas pelos especialistas nesses meses.

No final de novembro, abriu-se mais uma janela em que aumentam as ocorrências sobre o filme da Copa do Mundo. No dia 25 de novembro, é publicada a primeira peça publicitária sobre o filme em que há a foto de Barbosa levando um dos gols da partida. Ela apareceria, no total, 11 vezes, entre 25 de novembro e 20 de novembro.



Reprodução 6 - Trecho da edição de 25 de novembro de 1950 do Jornal dos Sports

O texto faz a pergunta tantas vezes repetidas por jornalistas e leitores do jornal: por que o Brasil perdeu a Copa? Além disso, garante que “o maior filme esportivo de todos os tempos vos fará compreender as razões da derrota”. Neste caso, temos a repetição sistemática de uma discussão sobre a derrota e uma fotografia de Barbosa, sem menção a Bigode, dentro de um contexto em que impõe técnicas cada vez mais sedutores em relação ao filme e à própria conceitualização da derrota, cada vez mais épica.

Os anúncios foram mencionados na descrição, mas não estavam atrelados ao corpus. Depois dessa interpretação do material descrito e coletado, chegou-se à conclusão de que também se deva fazer menção e dar valor ao material. Embora não esteja inserido no contexto jornalístico diretamente, traz, em texto e foto, relevância de conteúdo, pois discute questões de relevo para o estudo.

6.4 AS TECNOLOGIAS E A CONSTRUÇÃO DE BARBOSA

É sabido que foram contabilizados 117 textos a respeito do Mundial, com 22 referências a Barbosa, em 44 edições. Diante da relevância que a interpretação conferiu aos textos sobre o filme, vale destacar que 18 falam da película; destes 18, 3 citam diretamente Barbosa, juntamente com Bigode. Ainda há os anúncios sobre o filme, não contabilizados anteriormente. São de um total de 16, sendo que em 11 deles existe a foto de Barbosa levando

um dos gols dos uruguaios e os textos chamando para a elucidação total da derrota, sem mais atores da partida aparecendo, ao menos com a nitidez passível de identificação.

Portanto, a interpretação levou o presente estudo a um novo arranjo do material coletado, focado no material que se debruça sobre as causas da derrota e se neles aparece Barbosa – e também Bigode, uma vez que ele se mostrou um personagem importante apesar de estar aparentemente excluído do imaginário vigente sobre o vilão da Copa do Mundo de 1950. Diante de uma hipótese de papel de relevância do filme da Copa nesta trajetória de enfraquecimento/reforço de conceitos a respeito da derrota, os materiais sobre a película igualmente são inseridos.

A expectativa de que o material reunido, interpretado e reagrupado seja capaz de nos contar ou desvelar parte da trajetória do vilão. Antes de ingressar na análise, uma explicação sobre os critérios da tabela confeccionada. De todos os textos e fotos sobre a Copa do Mundo, foram privilegiados na interpretação os que discorriam sobre as causas da derrota ou citavam jogadores nesse contexto de busca por razões.

Diante disso, existem três distinções entre textos e fotos: um grupo de materiais que prioriza a valorização do adversário e uma visão mais otimista perante o infortúnio (35); um tipo que procura motivos para o fracasso na própria seleção, seja por motivos psicológicos, seja por razões táticas ou ainda motivos individuais (28); por fim, surgem as referências às causas da derrota ligadas ao filme sobre a Copa (15, reunindo textos sobre o filme e os anúncios, só os que falam em explicar a derrota). Todo esse universo totaliza 78 materiais.

Os três grupos conservam uma cor: laranja, azul e verde, respectivamente, como forma de apreensão espacial mais breve, uma vez que, posteriormente, desejamos discutir o caminho da história do pretense vilão pelos seis meses de publicações no jornal. Cada quadrado pintado corresponde a um texto ou a uma foto.

Nas colunas referentes aos textos que mencionam jogadores, elas poderão ser preenchidas com qualquer uma das três cores. Se em uma edição, houver cinco textos sobre derrota e todos mencionam Barbosa, não necessariamente todos os cinco textos precisem ter uma análise otimista, por exemplo.

Por isso, há essa subdivisão nas cores em relação a citação dos jogadores em texto e fotos. Nas fotos, há casos em que a fotografia não está condicionada um texto específico. Assim, será colocada apenas a quantidade de fotografias em que aparecem os personagens em questão, sem o recurso ilustrativo das cores que remetem a categorias de assuntos.

Edição	Elogios ao rival e otimismo	Fator psicológico e sem otimismo	Referências ao filme da Copa	Barbosa		Bigode	
				Texto	Foto	Texto	Foto
18/07*					3		1
19/07							
20/07							
21/07							
22/07							
23/07							
25/07							
26/07							
27/07							
28/07**							
29/07							
01/08							
03/08							
04/08							
08/08***							
09/08							
11/08							
12/10							
17/11							
18/11							
25/11							
26/11							
28/11							
29/11							
01/12							
03/12							
07/12							
09/12							
10/12							

Tabela 47 - elaborada pelo autor

* Apesar do equilíbrio na recorrência, Bigode é objeto de discussões mais profundas

** Bigode e Barbosa são citados de maneira positiva em uma pequena nota sobre o filme, sem fazer referência a final, como numa espécie de clima de expectativa para a película

*** Logo depois, a dupla é colocada como possível culpada pela derrota em uma nova matéria que precede o filme

A tabela da página anterior, além de tentar conceder um refino à pesquisa inicial, tem como objetivo demarcar pontos marcantes e dar um status de trajetória à cobertura da derrota do Brasil diante do Uruguai na Copa de 1950, entre agosto de dezembro, nas publicações do *Jornal dos Sports*.

Colocou-se anteriormente a noção de bacia semântica, de Durand (1998), em que é possível compreender como determinado imaginário permeia um período de tempo e se estabelece como hegemônico perante uma coletividade. Pretende-se realizar uma analogia semelhante nesse espaço de menos de seis meses de exploração do referido periódico.

Primeiramente, esperava-se um teor diferente em relação à imprensa da época. Ao menos no *corpus* de análise em questão surpreendeu a forma com que a derrota fora tratada nos primeiros dias. De acordo com a tabela, há maior quantidade de materiais de tom otimista em relação ao jogo final entre Brasil e Uruguai, de que, apesar da derrota, a seleção brasileira tinha o melhor futebol do mundo e que os brasileiros não deveriam deixar de se orgulhar dos atletas. Havia também análises mais realistas e buscando razões práticas para o revés. Em ambos os tipos de textos, existem menções a Barbosa, seja em texto, seja em foto.

Além do tratamento inicial dado à derrota, é interessante destacar a recorrência à figura de Bigode, o último zagueiro que tenta parar o uruguaio Ghiggia nos dois gols sofridos pela seleção no Maracanã. O defensor, inclusive, chega a ser mais citado do que Barbosa na edição de 19 de julho, a segunda sobre a derrota. Foi mais um aspecto que arrefeceu a expectativa inicial da exploração, de que prontamente haveria um carimbo de vilão sobre o personagem Barbosa. Pode-se adequar esse momento da cobertura, em relação ao imaginário, ao “escoamento”, que é o primeiro estágio da bacia semântica. Nesse momento, predomina um cenário difuso, menos clarividente, em que muitos elementos se misturam e não existe uma preferência ou hierarquização mais clara.

O cenário é difuso também porque sempre se atrelam os nomes de Barbosa e Bigode à derrota, porém sem colocá-los como os grandes culpados pela derrota. Existe o diagnóstico das falhas, mas reina igualmente uma disposição em compreendê-la dentro de um contexto. Inclusive, há mais preocupação em esmiuçar as falhas de marcação de Bigode do que o erro de Barbosa. Talvez isso se deva à complexidade maior da função do defensor, que abre um leque maior de discussões: se Bigode deveria ter impedido Ghiggia com uma falta, se Bigode deveria ter marcado Ghiggia “homem a homem”, se Bigode deveria ter sido mais violento, entre outras reflexões. O debate em torno de Barbosa parece mais simples: o goleiro deixou de defender o chute que significou o fim do sonho do campeonato mundial para o Brasil.

Assim, há um protagonismo maior para Bigode nos primeiros dias. Dos dias 18 a 22 de julho, há mais referências quantitativas de textos a respeito do zagueiro e também qualitativas, que seria uma maior discussão sobre suas falhas. Essa fase de “escoamento”, em que há muita informação, discussão e pouco direcionamento, dura até o final de julho nas páginas do *Jornal dos Sports*. Na última semana do mês, começam a rarear menções aos dois jogadores.

Barbosa vira destaque pela primeira vez em 27 de julho, em matéria principal da página 5, sobre os últimos goleiros da história da seleção, que têm boas atuações, mas acabam falhando em momentos decisivos. Há uma foto de Barbosa, atrelando-o a essa galeria que já tinha quatro nomes. É um momento importante, que marca a escassez de notícias e opiniões de exaltação ao rival Uruguai e posicionamento otimista a respeito do futuro do futebol brasileiro. Após o emaranhado complexo do primeiro mês, registram-se 11 textos que discutem os motivos da derrota do Brasil, no período entre 29 de julho e 18 de novembro e nenhuma ocorrência da primeira espécie.

Podemos chamar esse momento de “divisão de águas”, seguindo a metáfora fluvial de Durand (1998). É quando uma das correntes “ganha” a concorrência perante as outras. Ou seja, os textos em tom mais crítico e que discutem a derrota em busca de respostas se sobrepõem ao material em que o revés é tratado como um acidente, falta de sorte de um time superior em relação ao sortudo uruguaio, que também teve méritos, mas que não significaria ser melhor equipe do que o Brasil.

Bigode e Barbosa são citados antes em 28 de julho, de forma positiva e sem referência à final. Estão em uma já citada nota em alusão ao filme da Copa do Mundo. No texto, há muitos elogios à dupla, dizendo que ela foi um “esteio” ao time no Mundial. Parte-se aqui do princípio que o jornal quisesse causar um impacto e uma expectativa para o lançamento do filme, já que também afirmava, na maioria dos outros textos a respeito, que a película iria dirimir todas as dúvidas que por ventura pairassem sobre o evento.

Nesse longo intervalo de quase quatro meses, a referência a Barbosa como culpado pela derrota vem de um texto que está no terceiro momento da tabela, que são os materiais referentes ao filme. Em 8 de agosto, retorna pela segunda vez a imagem em que Barbosa aparece caído, observado por Bigode e Ghiggia, enquanto a bola entra na rede. O título da matéria pergunta se foi “frango” de Barbosa. Novamente há uma dúvida despertada para que o filme, ao ser lançado, retire essa interrogação. Foi a primeira vez em que Barbosa recebera um destaque em termos de espaço e que sua pretensa falha ganhara inclusive o adjetivo

“frango” em um título de matéria.

Em outubro, uma nova matéria analisa a decadência técnica dos jogadores brasileiros que disputaram a Copa, que eles parecem ver Ghiggias e Obdulios por todos os lados. O texto não cita a dupla, mas coloca pela terceira vez no jornal desde 18 de julho a fotografia em que Barbosa e Bigode aparecem sofrendo o gol de Ghiggia. Isso abre margem para se atrelar o lance e os jogadores em questão ao fracasso de 16 de julho no Maracanã.

Dias depois, reforça-se a figura de Bigode como vilão. Como as outras etapas mostraram, o defensor teve o seu rótulo de culpado reavivado depois de um episódio em amistoso contra o Grêmio em que ele vestia a camiseta do Flamengo. Chegou a se comparar o Grêmio ao Uruguai pela cor da camisa e o jogador que ele machucou, chamado Gita, a Ghiggia, pela semelhança na escrita e na fonética.

Vale destacar novamente um dos textos, que vê Bigode “marcado por uma derrota que calou fundo na alma do torcedor, personagem do drama final do revés histórico, ficou para ser citado por todos os que falam ou escrevem sobre futebol”. Depois disso, uma segunda matéria, a mais destacada da página 5, diz que Bigode é um “espantalho” do trauma da final. E o erro de Bigode com a camisa do Flamengo, além de reavivar discussões sobre o defensor na Copa, respinga em Barbosa, que volta a ser criticado. Esse momento pode ser entendido como o de “confluência”, que, na visão de Durand (1998), significa certa institucionalização em relação ao que forma determinado imaginário.

Do final de novembro, surge um novo momento para a análise dessa trajetória. É quando o elemento adicionado após a coleta e interpretação, o filme da Copa do Mundo, começa a dominar as referências a respeito das causas da derrota. Como sublinhado pela sociologia compreensiva, o pesquisador precisa estar atento ao valor que possa existir no acaso, no dado que não era esperado, e não manter a pesquisa em uma forma e, sim, em uma moldura em que o seu conteúdo se transforma ao seu redor (MAFFESOLI, 2010). Por isso, houve a decisão de se levar em conta não só os textos, mas também anúncios sobre o filme da Copa. Isso se deve, sobretudo, ao teor dos anúncios. Foram levados em conta para a análise apenas as peças que continham relação com explicação da derrota. Parece ser bastante valiosa a discussão que pode surgir a partir do conhecimento desse material. Afinal, as frases “por que o Brasil perdeu a Copa” e o filme “vos fará compreender as razões da derrota” podem contribuir diretamente para o objetivo deste trabalho.

Interessante notar que, após as críticas a Bigode e a vinculação deste a Barbosa, predominaram quase que absolutas as referências à derrota por meio do filme. De 25 de

novembro a 10 de dezembro, só houve um texto analisando o revés do ponto de vista otimista e nenhum de maneira mais crítica e dez ocorrências sobre o filme. Em contrapartida, registram-se 11 anúncios com a foto de Barbosa levando um gol, sozinho, e aquelas duas frases em relação a causas da derrota já mencionadas. Também ocorreram seis matérias a respeito do filme. Quatro delas o presente trabalho entendeu como referentes a explicações sobre derrota porque falam de se conhecer os verdadeiros motivos da tragédia, do drama e até do fantasma. Um dos textos sobre o acompanhamento de uma sessão do filme no cinema traz pela primeira vez a palavra “fantasma” ao imaginário da derrota do Brasil. Como vimos, até hoje se tem notícias a respeito do fantasma de 1950, com direito à personificação do personagem fantasmagórico em fantasias por parte de uruguaios. A carga emotiva, o envolvimento que o cinema traz, a forma como o filme foi concebido, como um romance, segundo um dos textos, tudo isso pode contribuir para o aumento da dramaticidade do evento e de construções de adjetivos cada vez mais lúdicos.

Ao mesmo tempo, foi possível ver o impacto do filme para a construção ou reconstrução de conceitos, como com o colunista José Lins do Rego. No início das discussões sobre a Copa, ele pedia para não culparem em demasia o flamenguista Bigode e, depois, com o episódio da lesão do jogador gremista causado pelo defensor, não poupou críticas ao Bigode. Ao assistir à película, ele é mais veemente com Barbosa, uma tendência menos recorrente do que o contrário, de Bigode ser mais visado do que Barbosa. “Lance a lance, os fatos se desenrolam aos nossos olhos, numa reprodução fiel de tudo o que vimos. E, para dar a nota pungente, lá está aquele miserável gol de Ghiggia, com toda a sua trama envenenada com o recuo infeliz de Bigode e o frango, bem gordo, de Barbosa”.

Foi a única menção a Bigode nessas 11 edições do jornal em que o filme vira protagonista, enquanto Barbosa teve essa referência e mais 11 imagens repetidas dele sofrendo um gol dos uruguaios com a pergunta “por que o Brasil perdeu a Copa” e a promessa de que o filme “vos fará compreender as razões da derrota”. É uma vinculação, mesmo que indireta, de Barbosa à derrota.

No caminho dessa bacia semântica adaptada do imaginário do vilão na Copa durante esses meses estudados do Jornal dos Sports, é possível afirmar que Barbosa já era “vítima” da repetição de fotografias desse lance icônico, bem como passou a ser vinculado de forma repetida nas páginas do periódico às razões da derrota por meio dos anúncios do filme. O filme prometia contar a verdade sobre a derrota na Copa, havia sempre uma foto de Barbosa levando gol acompanhado da promessa e ainda se verificou, por meio do texto de José Lins do

Rego, o primeiro indício de que o cinema, ou o vídeo, ajudou a impulsionar uma nova fase na bacia semântica no futuro, que seria a fase de “organização dos rios”, na qual há um direcionamento mais concreto em relação a um imaginário.

A bacia semântica funciona como uma alegoria para ilustrar o caminho percorrido pelas técnicas e tecnologias na construção do imaginário. O mais valioso talvez seja perceber essa trajetória, a despeito de nomenclaturas. Como afirma Silva (2012), a pergunta a se fazer não é “o que é o imaginário” e, sim, “o que se pode falar do imaginário”? Deste trabalho, também surgiu o entendimento de que o imaginário pode ser como nos lembramos de algum evento. E a premissa que norteou este estudo foi de que a figura de vilão sobre Barbosa norteia o imaginário, o que lembra da Copa de 1950, sua aura, seu resumo perante a coletividade.

O que podemos compreender a partir do *corpus* de análise, que se estendeu de julho até dezembro, é que a cobertura do Jornal dos Sports rumou para a cristalização desse imaginário do vilão sobre Barbosa. Uma cristalização que não foi imediata, mas gradual. Talvez um dos pontos relevantes seja este, de entender a figura do vilão Barbosa como uma construção. Uma construção que começou com os relatos radiofônicos e, depois, por meio do jornal impresso e que se seguiu com a adição do cinema, enquanto a televisão não chegava aos lares brasileiros de forma massiva. Esse processo de contar a derrota do Brasil para o Uruguai começou híbrido, difuso, disforme e, depois, passou a se concentrar mais em Barbosa e Bigode. Por fim, tem-se a possibilidade de constatar que a perseguição pelo vídeo, pelo diagnóstico invencível da imagem ganha algum protagonismo e passa a pautar a discussão e encaminhar a figura de Barbosa mais para o centro do debate.

Concorda-se com Costa (2008) que Barbosa é um vilão paradigmático em relação à fundação de uma maneira de se contar uma história no jornalismo esportivo brasileiro. Cria-se, todavia, que Barbosa possa ser mais do que isso. Barbosa também é um personagem forjado pelas tecnologias então vigentes. O material jornalístico analisado no Jornal dos Sports menciona com certa recorrência Barbosa durante o período analisado, porém não há uma manifestação clara da figura do vilão sobre o goleiro. O estímulo oriundo do cinema, que apela para estratégias de sedução a partir da revelação de uma pretensa verdade, começa a colocar Barbosa com mais força como protagonista em detrimento de outros. Existem, portanto, duas tecnologias que agem sobre Barbosa.

Houve algumas reflexões nas edições de jornal sobre a derrota, em que se destacam: a euforia excessiva, a pressão sobre os jogadores pelo título inédito, os erros de marcação da

defesa, os defeitos de Bigode e, claro, a única falha de Barbosa. Que, provavelmente, por ser única, marcou tanto. No cinema, as questões mais táticas, técnicas, de cunho psicológico, tudo fica relegado a um segundo plano diante da sensação que a imagem em movimento pode provocar, como os próprios relatos sobre o filme no jornal mostram, afirmando que a película traz uma “emoção nova”, que parecia estarem os espectadores no campo da partida.

Imaginar hoje em dia um jornal repercutir a final da Copa do Mundo de domingo apenas na terça-feira surge como uma hipótese absurda. E mais: ter a possibilidade de assistir aos lances da Copa do Mundo no filme apenas no final de novembro. Ficar restrito até lá a relatos de poucas pessoas que testemunharam a partida no estádio. Entende-se que esse processo lento de acesso à informação, em comparação com o mundo contemporâneo, também contribui para o imaginário ser construído em etapas possíveis de ser detectadas, bem ao contrário do que poderia ser atualmente, em que todas as tecnologias convergem. Importante citar ainda que todo o material a respeito da Copa de 1950 está inserido no contexto de uma época em que, como se viu mais atrás, era adepta das grandes narrativas em busca da verdade absoluta (LYOTARD, 1986).

Se a amostragem de cinco meses do Jornal dos Sports já parece um caminho vagaroso, o processo completo de erupção de Barbosa como vilão da Copa do Mundo de 1950 tende a ser ainda mais lento e complexo. O *corpus* aqui funcionou como uma pequena alegoria de uma bacia semântica, porém rico em termos de informações, inferências e reflexões.

Somente o fato de poder mergulhar no universo de uma publicação e constatar que Barbosa não fora vilão solitário e condenado desde o primeiro exemplar, muito pelo contrário, que chegou a ter um companheiro até mais criticado, já reacende o debate do quão importante é o papel do jornalista, de sua técnica e das tecnologias que levam todo o conteúdo para as pessoas, os leitores, os telespectadores, os consumidores inseridos no meio coletivo.

Porque está bastante nítido que Barbosa não foi sempre sinônimo da derrota de 1950, o que pressupõe um papel decisivo de quem fomenta a construção das histórias, os meios de comunicação. E como eles funcionam como tecnologias do imaginário, responsáveis por essa cristalização dos imaginários que estão adormecidos nos conteúdos produzidos e precisam de um anteparo para reprodução, como um vírus. Pois o imaginário é uma obra social, coletiva, que depende das tecnologias.

Muitos outros aspectos que hoje estão enraizados no imaginário da Copa de 1950 não constam deste trabalho, simplesmente não eram tratados, como vincular o nome “Maracanazo” à partida. Em que momento surgiu essa importante fase da construção do

imaginário desse evento? Outro elemento é o referente ao racismo, de se colocar a culpa preferencialmente em atletas negros. O trabalho abordou essa questão, tendo como referência as proposições de Mário Filho. Em seu jornal, todavia, não houve menções a isso até o final da análise. São exemplos do quanto pode ter sido vagaroso o processo de entendimento, criação e reiteração do vilão.

Uma pergunta que cabe: se houvesse mais tecnologias, mais acesso a imagens daquela final, mais pessoas com a capacidade de assistir ao jogo inteiro entre Brasil e Uruguai, se tudo isso poderia contribuir para outro imaginário predominante. É possível apostar que sim.

Um bom exemplo está na Copa do Mundo de 2014. Como já fora abordado, foi um Mundial disputado no Brasil e que terminou em mais um resultado trágico. Diante de um universo completamente novo, 64 anos depois, em termos de tecnologias, a forma como se construiu e se consumiu esse evento, com certeza, não foi o mesmo. O que deve ter impactado a figura do vilão. Aliás, há um Barbosa em 2014? Há vários Barbosas? Ou não se encarou a derrota de 7 a 1 para a Alemanha sob ponto de vista de se tecer um roteiro retilíneo em busca das razões definitivas e das verdades absolutas?

O que a cobertura da Copa de 2014 parece ter apontado de maneira mais concreta foi o enfraquecimento do imaginário de vilão sobre o Barbosa, o que seria a última fase dessa bacia. Tanto que dois jornais, como fora visto, estamparam fotos do goleiro na capa, pedindo desculpa à seleção de 1950 e ao camisa 1 em particular. Nesse ponto, pode ter ocorrido uma virada, o último estágio da bacia semântica do imaginário de Barbosa como o maior vilão, e uma nova construção para as próximas gerações.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão sobre o papel das tecnologias do imaginário em relação ao vilão da Copa do Mundo de 1950 apresentou resultados interessantes e que não se encerram neste momento, após a análise dos dados. Na verdade, pode suscitar outros debates. Primeiramente, a respeito de Barbosa, foi reveladora para o presente trabalho a constatação de que, ao menos no *corpus* analisado, sua figura como grande culpado ou símbolo da derrota brasileira para o Uruguai tenha se mostrado frágil, sem registros absolutamente contundentes, com direito a outro ator em cena bastante recorrente, caso de Bigode.

A analogia da bacia semântica ajudou para se alcançar essa visão mais amplificada e panorâmica do fluxo de informações sobre a derrota do Brasil nas páginas do periódico. Pode-se constatar uma mudança na forma de encarar o revés. De um começo mais branco, eufórico, de valorização do rival vencedor e com otimismo em relação ao futuro, os cronistas esportivos da época passaram a se debruçar sobre aspectos mais práticos de causas da derrota, como fatores psicológicos, falta de uma liderança mais forte, erros de marcação, falhas de Bigode e de Barbosa, entre outros.

Todavia, a discussão diretamente relacionada às razões da derrota ocorrem de forma mais contundente quando o filme da Copa do Mundo começa a ganhar destaque nas páginas do Jornal dos Sports. Antes, tínhamos o relato do jornal impresso pura e simplesmente. Ao entrar em ação os anúncios e textos de divulgação e repercussão do filme, o cinema influencia o texto do jornal. Há, portanto, duas tecnologias em voga e é possível entender uma mudança de percepção do mesmo fato quando não havia o cinema, isso porque o cinema tem essa capacidade de apelar para estratégias de sedução que ficam evidentes na forma com que o texto do jornal trata o assunto a partir do estímulo audiovisual. O vídeo faz as pessoas reviverem ou terem emoções novas sobre a Copa e também, segundo o jornal, tira todas as dúvidas e esclarece por que o Brasil perdeu. Todas as outras reflexões anteriores a respeito do revés, das mais otimistas às pessimistas, parecem perder o valor diante da imagem. É neste momento que Barbosa ganha mais destaque, quase sempre atrelado ao filme e aos motivos da derrota por meio de anúncios com a sua foto ou depoimentos de pessoas que assistiram ao filme, caso importante de José Lins do Rego, já citado.

É possível compreender que o Barbosa vilão, referência automática da derrota do Brasil diante do Uruguai, foi construída e contou com as tecnologias do imaginário para tal, a interação delas. Como se vê, é um processo gradual, lento e que não se encerra na análise de

cerca de cinco meses do Jornal dos Sports. Esse corpus auxilia na percepção do contexto e como alegoria de uma bacia semântica mais extensa e complexa que perpassa as décadas. Tanto perpassa as décadas que se chega à Copa de 2014, também no Brasil, e, diante de um vexame da seleção, ao menos dois jornais, no dia seguinte, pedem desculpas a Barbosa e aos jogadores de 1950 por acharem que aquele havia sido o maior desastre futebolístico da história nacional. Ao menos dois jornais praticarem esse movimento de reverência a 1950 é uma mostra interessante de que aquele ano estava no imaginário da derrota, sobretudo com Barbosa de protagonista, e que, após a goleada de 7 a 1 da Alemanha em 2014, abre-se a possibilidade de uma nova tradição, de uma nova concepção do que vem a ser uma derrota trágica do Brasil em Copas. Ou seja, pode-se estar aí o início da cristalização de um novo imaginário, que sai da cobertura esportiva e chega na sociedade.

Um ponto de reflexão que também surge da análise é o papel do jornalismo em si. Lembrando-se da discussão de capítulos anteriores, a construção do vilão Barbosa é um bom exemplo de quanto o jornalismo pode ir muito além de sua função básica de informar. O jornalismo diz buscar a verdade, porém mais parece construir versões a respeito de fatos. E, para isso, utiliza-se de técnicas e estratégias de espetacularização. O vilão (ou o herói) nada mais é do que espetacularizar personagens que se prestam a determinados enredos concebidos com a intenção de informar, sim, mas também entreter, gerar atenção e vender, seja vender jornais, anúncios ou qualquer outra coisa. Talvez por isso que o jornalismo do Jornal dos Sports tenha valorizado tanto o filme a ponto deste transformar o conteúdo. No fim, o jornal impresso e o cinema se prestaram para o mesmo fim, de construir um imaginário de uma história a respeito de uma grande derrota. Como fora visto, Mário Filho teve sua obra criticada por alguns estudiosos exatamente pela sua inclinação ao romance. Tratou a história do negro no futebol brasileiro com uma narrativa romanceada, encadeada como uma grande ficção. Mas também sua obra está repleta de informações importantes e foi responsável por sedimentar um imaginário em torno do futebol brasileiro e do papel do racismo no processo de amadurecimento do esporte.

Imaginava-se que, além do protagonismo de Barbosa, fosse encontrado, nas páginas do Jornal dos Sports, o assunto referente ao racismo. Isso não foi detectado nas leituras, o que leva a crer que pensar Barbosa como um vilão arregimentado também à base do pensamento racista do povo brasileiro foi uma construção que levou certo tempo, assim como sua própria condição de vilão no campo de futebol. Igualmente, não foi avistada referência ao termo Maracanazo, que se tornou conhecido mundialmente como forma de lembrar o jogo de 16 de

julho de 1950. Quando isso aconteceu? Como aconteceu? Assim como o racismo, é um tópico dessa longa trajetória que merece novos estudos. Acredita-se que há muitos outros pontos de virada, que impulsionaram, durante as décadas, o vilanismo para Barbosa. Neste curto período de análise, foi o cinema em conjunção com o texto impresso, duas tecnologias. Pode ter sido, mais adiante, o impacto da televisão nas casas das pessoas. Pode ter sido, ainda mais adiante, a produção audiovisual sobre o jogo, como o curta-metragem citado aqui, em que um homem volta no tempo para tentar evitar o gol de Ghiggia. Ou ainda a eclosão de livros sobre o Maracanazo, também uma tecnologia que pode ter sedimentado esse imaginário.

Barbosa pode ter falhado, mas isso não é o mesmo que ser transformado no símbolo de uma derrota. De um ponto a outro, há uma grande distância. Nessa lacuna, ingressam os agentes que ressignificam as coisas. Ingressam os responsáveis por fazer de um fato (a falha) em uma grande história (o imaginário), uma versão da verdade. Ingressam nessa lacuna o aparato técnico e tecnológico dos meios de comunicação. Conclusões que nos inclinam a ampliar a reflexão do papel do jornalista e suscitam futuros estudos sobre o assunto.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLOS, Alex. **Futebol: o Brasil em campo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BISSO, Luigi; HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MEDEIROS, Jimmy. Hospitalidade à brasileira? A cobertura midiática dos jogos da Copa de 2014 no Maracanã. In: MARQUES, José Carlos (org.). **A Copa das Copas? Reflexões sobre o Mundial de Futebol de 2014 no Brasil**. São Paulo: Edições Ludens, 2015.

BOTELHO, André Ricardo Maciel. Da geral à tribuna, da redação ao espetáculo: a imprensa esportiva e a popularização do futebol (1900-1920). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (Org.). **Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad - Faperj, 2006.

CAMARGO, Vera Regina Toledo. **O Telejornalismo e o esporte-espetáculo**. Tese de doutorado. Pós-graduação em Comunicação Social. Área de concentração. Teoria e ensino da Comunicação (Estudos da mídia). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, São Paulo, 1998.

CAMPOS, Flavio de. A Copa da Política em um País do Futebol. In: MARQUES, José Carlos (org.). **A Copa das Copas? Reflexões sobre o Mundial de Futebol de 2014 no Brasil**. São Paulo: Edições Ludens, 2015.

CAPRARO, André Mendes. Mario Filho e a "invenção" do jornalismo esportivo profissional. In: **Movimento**. Porto Alegre, v. 17, n. 02, p. 213-224, abr/jun de 2011.

CASALEGNO, Frederico. **Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. Editora Contexto, São Paulo, 2003.

COSTA, Leda Maria da. **A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da Seleção Brasileira em Copas do Mundo**. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/nepess/arquivos/teseledacosta.pdf>. Acessado em: 14/06/2015.

DEBRAY, Régis. **Vida e Morte da imagem: uma história do olhar no Ocidente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

_____. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1982.

_____. **As estruturas antropológicas do imaginário. Introdução à arquetipologia geral.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FACINA, Adriana. **Santos e canalhas . Uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2004.

FERRARI, Maria Helena; SODRÉ, Muniz. **Técnica da reportagem:** notas sobre a narrativa jornalística. 4.ed. São Paulo: Summus, 1986.

FILHO, MARIO. **O negro no futebol brasileiro.** 4ª edição. Rio de Janeiro : Mauad. 2003.

FORTES, RAFAEL. O Mundial de 2014 no imaginário popular brasileiro. In: MARQUES, José Carlos (org.). **A Copa das Copas? Reflexões sobre o Mundial de Futebol de 2014 no Brasil.** São Paulo: Edições Ludens, 2015.

HELAL, Ronaldo; GORDON JR. Cesar. “Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol”. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge Soares; LOVISOLO, Hugo (Orgs.). **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

JORGE, Thaís de Mendonça; BORGES, Rogério Pereira. Dilema e experimentação em João do Rio: contribuições ao jornalismo e à literatura. **Contracampo:** revista do Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação. Universidade Federal Fluminense. v. 18, p. 181-201. 1º sem. 2008.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo.** 2.ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LAGE, Nilson. **A reportagem:** teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LEMOS, Marcia de. **Imprensa esportiva: Dos artigos olímpicos de Nelson Rodrigues aos parágrafos telegráficos da Internet.** UNILESTE-MG, 2003. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjkhJD8y4POAhWCg5AKHbNAC0cQFggeMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.unilestemg.br%2Frevistacomplexus%2F01edicao%2Ftextos_revista01%2F05artigo01_marcia_imprensa_esportiva.doc&usq=AFQjCNHp7m5IG6BhBYraHDYCYqTxDtBZ2A&sig2=5KYLIlvny00KWjQBBmHcXg. Acessado em: 10/06/2016

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno.** Rio de Janeiro, José Olympio, 1986.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva.**

Porto Alegre: Sulina, 2010.

MARQUES, José Carlos. A crônica de esportes no Brasil: algumas reflexões. In: CAMPOS, Flavio de, ALFONSI, Daniela (org.). **Futebol objeto das ciências humanas.** 1ªed. São Paulo: Leya, 2014.

MORAES NETO, Geneton. **Dossiê 50.** Rio de Janeiro: Maquinária, 2013.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: espírito do tempo 1: neurose.** 10ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

MUYLAERT, Roberto. **Barbosa, um gol silencia o Brasil.** 2ª edição. São Paulo: Bússola, 2013,

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota.** Porto Alegre: L & PM, 1986.

RIO, João do. **Um time de primeira: grandes escritores brasileiros falam de futebol.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

RODRIGUES, Nelson. **A pátria de chuteiras.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

SILVA, Juremir Machado da. **Tecnologias do Imaginário.** Porto Alegre: Sulina, 2012.

SOARES, Antônio Jorge. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge Soares; LOVISOLO, Hugo (Orgs.). **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

_____. O racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: uma história de identidade. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge Soares; LOVISOLO, Hugo (Orgs.). **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SOUTO, Sergio Monteiro. **Os três tempos do jogo: Anonimato, fama e ostracismo no futebol brasileiro.** Rio de Janeiro: Graphia, 2000.

STYCER, Maurício. **História do Lance! Projeto e prática do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Alameda, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. 2.ed. Florianópolis: Insular, 2005.

Jornais consultados e citados:

A Noite

Correio Braziliense

Diário de Notícias

Diário de Pernambuco

Esporte Ilustrado

Folha da Noite

Jornal do Commercio

Jornal dos Sports

Jornal Extra

Jornal NH

O Estado de S. Paulo

O Vale